



Universidade de Aveiro Departamento de Educação e Psicologia  
2018

**ANA RITA  
FERNANDES MANO**

**ADIVINHAS E DESENVOLVIMENTO DA INFERÊNCIA  
NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR**



**Universidade de Aveiro** Departamento de Educação e Psicologia  
2018

**ANA RITA  
FERNANDES MANO**

**ADIVINHAS E DESENVOLVIMENTO DA INFERÊNCIA  
NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR**

Relatório de Estágio apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino no 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizado sob a orientação científica da Doutora Cristina Manuela Sá, Professora Auxiliar do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro

## **Dedicatória**

Dedico todo o meu esforço e empenho à minha família, porque definitivamente colocaram neste projeto de vida, que sou eu, tanto ou mais esforço e dedicação que eu própria. Sempre foram o meu porto de abrigo e, sem eles, eu não seria quem sou hoje, nem teria alcançado este sonho. Devo-lhes e dedico-lhes tudo o que sou.

Não posso deixar ainda de mencionar nesta dedicatória os anjos da guarda que me acompanharam e acompanham diariamente, especialmente a minha prima, que sei o quanto está orgulhosa e o quanto me protegeu neste caminho.

## **O júri**

presidente

**Prof. Doutora Ana Alexandra Valente Rodrigues**  
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

**Prof. Doutora Rosa Lúdia Torres do Couto Coimbra e Silva**  
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

**Prof. Doutora Cristina Manuela Branco Fernandes de Sá**  
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

## **Agradecimentos**

Finda esta fase de um longo percurso de formação, tenho que demonstrar o meu mais profundo agradecimento a todos quantos o tornaram possível.

Assim, pretendo reconhecer o contributo neste projeto, agradecendo:

- À Doutora Cristina Manuela Sá, que me orientou de forma sempre próxima e presente, apoiando-me em todas as fases.
- À educadora cooperante, que partilhou comigo todos os momentos de intervenção e que se mostrou sempre disponível no que fosse necessário.
- À Inês, a minha colega de diáde, por partilhar toda esta experiência comigo.
- Ao grupo de crianças que, mesmo sem se aperceberem, me ensinaram tanto ou mais do que o contrário e me deram a certeza de estar no trilho certo.
- A todos os professores com quem me cruzei no meu caminho e me deram os ensinamentos necessários para chegar onde cheguei.
- À minha família, sem a qual eu não seria ninguém e nada disto seria possível, agradeço por todo o apoio incondicional e por me possibilitarem a realização deste sonho.
- A todos os que me apoiaram e não me deixaram desanimar, dando-me alento nos momentos mais difíceis e celebrando comigo as pequenas vitórias conquistadas ao longo deste caminho.

A todos, muito obrigada!

**Palavras-chave**

Competência inferencial; Adivinha; Educação Pré-Escolar.

**Resumo**

O presente estudo pretendia desenvolver a competência inferencial em crianças a frequentar a Educação Pré-Escolar mediante o recurso a adivinhas.

Com a realização deste projeto, pretendíamos obter resposta para a seguinte questão de investigação: *Que efeito terá a exploração de adivinhas no desenvolvimento da capacidade inferencial em crianças a frequentar a Educação Pré-Escolar?* O nosso objetivo de investigação era: *desenvolver competências em inferência em crianças a frequentar a Educação Pré-Escolar, tirando proveito do lado lúdico da adivinha e do uso que faz do pensamento inferencial.*

Assim, concebemos e implementamos uma intervenção didática, incluindo cinco sessões, que incidiu sobre a realização de inferências pragmáticas (de objeto, agente, lugar e tempo) a partir de adivinhas apresentadas às crianças e de adivinhas que elas próprias produziram. Recorrendo a uma metodologia de investigação de índole qualitativa, baseada no estudo de caso, recolhemos dados relativos ao desempenho das crianças em atividades envolvendo a exploração de adivinhas e a sua criação.

A análise de conteúdo dos dados recolhidos revelou que estas crianças tinham efetivamente desenvolvido a sua competência inferencial, um elemento-chave da compreensão oral e escrita. No entanto, apresentavam algumas dificuldades nas situações que envolviam inferências de agente e tempo.

**Keywords**

Inferential competence; Riddle; Kindergarten.

**Abstract**

This study aimed to develop the ability to make inferences in children attending a kindergarten (3-5 year old) using riddles.

The project was supposed to help find answers for a research question: *In what way the exploration of riddles will affect the ability to make inferences in children attending kindergarten?* Our research objective was the following one: *To develop the ability to make inferences in children attending kindergarten through the exploration of riddles and taking profit of their amusing nature and their use of inference.*

With this purpose, we conceived and applied a didactic intervention, including five sessions, focused on the elaboration of pragmatic inferences (object, agent, time and place) through the exploration and the production of riddles.

Using a qualitative research methodology, based on case study, we collected data concerning the children's ability to make inferences by involving them in activities related with finding the answers for riddles and creating their own riddles.

The content analysis of the data revealed that these children had really developed their ability to make several kinds of inferences, a key element of oral and written comprehension. Nevertheless, they were less able when the riddles demanded inferences concerning agent and time.

## Mots-clés

Inférence ; Devinette ; Jardin d'enfants.

## Résumé

Cette étude avait pour but de développer la compétence inférentielle chez des enfants âgés entre 3 et 5 ans à travers le recours à des devinettes.

Le projet était guidé par une question de recherche : *Quel effet pourra l'exploration de devinettes avoir sur la capacité de faire des inférences d'enfants de classe maternelle?* Il y avait aussi un objectif de recherche : *Développer la capacité de faire des inférences chez des enfants de classe maternelle à travers le recours aux devinettes et en exploitant leur côté amusant et leur usage de l'inférence.*

Par conséquent, on a mené à bout une intervention didactique, en cinq séances, axée sur l'élaboration d'inférences pragmatiques (d'objet, agent, lieu et temps) à travers l'analyse et la production de devinettes.

En ayant recours à une méthodologie de recherche de nature qualitative, basée sur l'étude de cas, on a recueilli des données concernant la performance des enfants dans des activités impliquant la compréhension et la production de devinettes.

L'analyse de contenu de ces données a révélé que les enfants avaient développé leur compétence inférentielle, un élément-clé dans la compréhension orale et écrite. Néanmoins, ils avaient plus de mal à gérer les devinettes qui demandaient des inférences d'agent et de temps.



## ÍNDICE GERAL

<b>ÍNDICE DE QUADROS</b> .....	11
<b>ÍNDICE DE ANEXOS</b> .....	13
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
1. PROBLEMÁTICA.....	16
2. QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO.....	17
3. OBJETIVOS DE INVESTIGAÇÃO.....	17
4. ORGANIZAÇÃO DO RELATÓRIO.....	17
<b>PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b> .....	19
<b>CAPÍTULO 1 – ADIVINHAS</b> .....	20
1.1. Características.....	20
1.2. Cultura de transmissão oral.....	23
1.3. Seu papel no ensino da língua portuguesa.....	26
<b>CAPÍTULO 2 – INFERÊNCIAS</b> .....	32
2.1. Características.....	32
2.2. Seu papel na compreensão na leitura.....	35
2.3. Estratégias de desenvolvimento da competência inferencial.....	38
2.4. Uso didático da adivinha no desenvolvimento da competência inferencial na Educação Pré-Escolar.....	40
<b>PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO</b> .....	43
<b>CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO</b> .....	44
3.1. Caracterização do estudo.....	44
3.2. Intervenção didática.....	46
3.2.1. Contextualização.....	46
3.2.2. Descrição da intervenção didática.....	47
3.2.2.1. Primeira sessão.....	47

3.2.2.2. Segunda sessão.....	48
3.2.2.3. Terceira sessão.....	48
3.2.2.4. Quarta sessão.....	49
3.2.2.5. Quinta sessão.....	49
<b>CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>51</b>
4.1. Compreensão de adivinhas.....	51
4.2. Conceito de adivinha e características do género.....	77
4.3. Produção de adivinhas.....	78
<b>CAPÍTULO 5 – CONCLUSÕES E SUGESTÕES.....</b>	<b>82</b>
5.1. Conclusões.....	82
5.1.1. Relativas à compreensão de adivinhas.....	82
5.1.2. Relativas ao conceito de adivinha e às características do género.....	84
5.1.3. Relativas à produção de adivinhas.....	84
5.2. Sugestões.....	85
5.2.1. Relativas à compreensão de adivinhas.....	85
5.2.2. Relativas ao conceito de adivinha e às características do género.....	86
5.2.3. Relativas à produção de adivinhas.....	87
5.3. Reflexão final.....	88
5.4. Sugestões para outros estudos.....	90
5.5. Limitações do estudo.....	91
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>93</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>97</b>

## ÍNDICE DE QUADROS

<b>QUADRO 1</b> – Exemplos de adivinhas para os tipos de inferências contemplados.....	34
<b>QUADRO 2</b> – Respostas dadas pelas crianças a adivinhas ligadas a inferências informativas de agente na 1ª sessão.....	51
<b>QUADRO 3</b> – Respostas dadas pelas crianças a adivinhas ligadas a inferências informativas de objeto na 1ª sessão.....	52
<b>QUADRO 4</b> – Respostas dadas pelas crianças a adivinhas ligadas a inferências informativas de lugar na 1ª sessão.....	54
<b>QUADRO 5</b> – Respostas dadas pelas crianças a adivinhas ligadas a inferências informativas de tempo na 1ª sessão.....	55
<b>QUADRO 6</b> – Justificações dadas pelas crianças para respostas a adivinhas ligadas a inferências informativas de agente na 1ª sessão.....	55
<b>QUADRO 7</b> – Justificações dadas pelas crianças para respostas a adivinhas ligadas a inferências informativas de objeto na 1ª sessão.....	56
<b>QUADRO 8</b> – Justificações dadas pelas crianças para respostas a adivinhas ligadas a inferências informativas de lugar na 1ª sessão.....	58
<b>QUADRO 9</b> – Justificações dadas pelas crianças para respostas a adivinhas ligadas a inferências informativas de tempo na 1ª sessão.....	59
<b>QUADRO 10</b> – Desempenho das crianças em compreensão de adivinhas na 1ª sessão....	59
<b>QUADRO 11</b> – Respostas dadas pelas crianças a adivinhas ligadas a diversos tipos de inferências na 2ª sessão.....	61
<b>QUADRO 12</b> – Justificações dadas pelas crianças para respostas a adivinhas ligadas a diversos tipos de inferências na 2ª sessão.....	63
<b>QUADRO 13</b> – Desempenho das crianças em compreensão de adivinhas na 2ª sessão....	65
<b>QUADRO 14</b> – Respostas dadas pelos grupos às adivinhas criadas pelos outros na 4ª sessão.....	67
<b>QUADRO 15</b> – Justificações dadas pelos grupos para respostas a adivinhas criadas pelos outros na 4ª sessão).....	68

<b>QUADRO 16</b> – Respostas dadas pelas crianças a adivinhas trazidas de casa e respetivas justificações.....	71
<b>QUADRO 17</b> – Enunciados produzidos pelas crianças sobre o conceito de adivinha e as características do género na 2ª sessão.....	77
<b>QUADRO 18</b> – Enunciados produzidos pelas crianças sobre o processo de construção de adivinhas na 3ª sessão.....	78
<b>QUADRO 19</b> – Tipos de inferência contemplados pelas adivinhas produzidas pelas crianças na 3ª sessão.....	80

## ÍNDICE DE ANEXOS

<b>ANEXO 1 – Planificações das sessões de intervenção didática.....</b>	<b>98</b>
• Primeira Sessão.....	98
• Segunda Sessão.....	100
• Terceira Sessão.....	103
• Quarta Sessão.....	105
• Quinta Sessão.....	107
<b>ANEXO 2 – Materiais utilizados nas sessões.....</b>	<b>109</b>
• Primeira e Segunda Sessões – Imagens utilizadas.....	109
• Primeira e Segunda Sessões – Adivinhas exploradas.....	113
• Terceira Sessão – Adivinhas exploradas.....	115
• Quarta Sessão – Adivinhas criadas pelas crianças e suas ilustrações, no formato de livro.....	117
• Quinta Sessão – Adivinhas recolhidas em casa pelas crianças e suas ilustrações, no formato de livro.....	119



# INTRODUÇÃO

O presente relatório refere-se a um estudo realizado no âmbito da unidade curricular de Seminário de Orientação Educacional, tendo por base as experiências vivenciadas nesta UC e em Prática Pedagógica Supervisionada. Os objetivos das mesmas prendiam-se com a preparação para a vida profissional ativa e consciente, através dos conhecimentos adquiridos e das experiências vivenciadas durante a formação.

A partir da observação dos contextos em que desenvolvemos a nossa prática pedagógica supervisionada, identificamos uma problemática relacionada com a dificuldade sentida pela maioria das crianças em fazer inferências. Tal como afirma Ferreira (2010: 51) *“Atualmente, verifica-se que os alunos apresentam dificuldades na compreensão de textos escritos, sobretudo no que se refere à apreensão de informação implícita com recurso à construção de inferências”*. Apesar de esta afirmação datar de 2010, mantém-se atual. Esta capacidade não é indispensável apenas para a compreensão de textos escritos, mas também para a descodificação de informação oral. Isto alerta para a necessidade de contrariar esta tendência ativamente, ou seja, criar estratégias que promovam o desenvolvimento da capacidade inferencial.

Neste relatório são descritas detalhadamente todas as etapas que foram cumpridas na sua realização, desde a definição da problemática, até às conclusões. Seguidamente apresentaremos a problemática e as questões e objetivos de investigação que a ela associamos. Finalmente, será descrita a organização do presente relatório.

## **1. Problemática**

A problemática que deu origem à realização deste projeto teve como base, essencialmente, a observação e intervenção no 1º semestre, com alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico, a frequentar o 3º e 4º ano. Neste contexto, foram notórias as dificuldades dos alunos na compreensão do que liam e ouviam, sobretudo quando a informação era implícita e tinham de recorrer à inferência.

Para além das dificuldades observadas, a revisão de literatura feita permitiu-nos tomar consciência de que há autores que alertam para a necessidade da implementação de atividades neste sentido, dado que também se aperceberam destes problemas nos

seus alunos. É de referir que a capacidade de fazer inferências é muito importante, tanto no contexto escolar, como na vida quotidiana.

Uma vez que este projeto foi implementado no âmbito da prática pedagógica supervisionada, num contexto de Educação Pré-Escolar, o desenvolvimento da capacidade inferencial nas crianças foi aliado à exploração de adivinhas, porque estas têm uma vertente lúdica, ligada a jogos de palavras, que facilita a implicação das crianças, dada a sua curiosidade e motivação para o jogo, demonstradas ao longo de todas as sessões. É de salientar ainda o uso que fazem do pensamento inferencial.

Devem ser realizadas atividades que exijam a realização de inferências pelas crianças desde cedo, para propiciar o desenvolvimento dessa capacidade. Assim sendo, começar na Educação Pré-Escolar é uma boa forma de desenvolver competências úteis na vida quotidiana (“ler nas entrelinhas”) e na escola (por exemplo, resolver problemas de Matemática, explorar textos de Português).

## **2. Questões de investigação**

Com a realização deste projeto, pretendíamos obter resposta para a seguinte questão de investigação: *Que efeito terá a exploração de adivinhas no desenvolvimento da capacidade inferencial em crianças a frequentar a Educação Pré-Escolar?*

## **3. Objetivos de investigação**

Com este projeto, visava-se desenvolver competências em inferência em crianças a frequentar a Educação Pré-Escolar, tirando proveito do lado lúdico da adivinha e do uso que faz do pensamento inferencial.

## **4. Organização do relatório**

Este relatório está dividido em duas partes principais: enquadramento teórico e estudo empírico.

A primeira aborda dois temas de destaque neste projeto, tendo por base autores que já estudaram os tópicos em questão: as adivinhas e as inferências. Quanto às adivinhas, são apresentadas as suas características e é explorado o seu papel na cultura de transmissão oral e no ensino da língua portuguesa. Relativamente às inferências, são

referidas as suas características, o seu papel na compreensão na leitura e as estratégias que promovem o seu desenvolvimento. O último tema abordado é o uso didático da adivinha como recurso para o seu desenvolvimento em crianças a frequentar a Educação Pré-Escolar.

A segunda parte – relativa ao estudo empírico – está dividida em três capítulos. Num primeiro momento, é definida a metodologia de investigação, que engloba a caracterização do estudo e a fase de intervenção didática, abrangendo a contextualização e a descrição pormenorizada de todas as sessões de intervenção no âmbito do projeto. Seguidamente, são apresentadas a análise dos dados e a interpretação dos resultados, ao nível do conceito de adivinha e das características do género e ainda da compreensão e produção das mesmas. Depois, são referidas as conclusões deste estudo e as sugestões delas decorrentes. Terminamos mencionando as limitações do nosso estudo e apresentando sugestões para estudos futuros centrados nesta problemática.

**PARTE I**  
**ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

## Capítulo 1 - Adivinhas

### 1.1. Características

As adivinhas são consideradas textos verbais lúdicos, curtos e de fácil memorização, que incluem um enigma proposto por um desafiador. Este deve ser desvendado pela pessoa ou grupo de pessoas desafiadas.

Nogueira (2005) e Ferreira (2014) descrevem a adivinha como um texto verbal curto, composto pelo par pergunta-resposta. Nogueira (2005: 328) acrescenta ainda que a resposta está *“contida na pergunta de modo cifrado ou encoberto”*.

Dionísio (1998) corrobora as teorias anteriores, uma vez que define as adivinhas como textos verbais, inseridos no campo da literatura oral, que contemplam a resposta a um dilema disfarçado na pergunta.

Assim sendo, torna-se necessária a mobilização de competências cognitivas e de conhecimentos prévios, na procura da solução. Silveira (2017: 195) defende que *“A atualização desse gênero realiza-se mediante um embate/diálogo entre quem vocaliza a adivinha e quem é desafiado a solucionar o enigma que ela propõe”*. Logo, cabe aos desafiados descobrirem a solução, seguindo as pistas dadas pelo desafiador. Tal como afirma Wagner Silva (1999: 185), *“Nos jogos interativos das adivinhas, um dos interlocutores possui o saber e os demais são levados, através da pergunta, a também possuir o saber”*, ou seja, a adivinha funciona como transmissor de conhecimentos.

O enigma subentendido pela adivinha envolve fatores de ordem social, cultural e linguística. Tal como defende Menezes (1999: 147), *“as adivinhas se caracterizam como jogos de linguagem em que fatos semânticos e informações pragmáticas dão subsídio a uma interação baseada num saber e numa curiosidade”*. Isto é, para além de funcionar como transmissor de conhecimentos, a adivinha inclui um lado lúdico e desafiador, que desperta a atenção e a curiosidade.

Wagner Silva (1999: 185) acrescenta que *“O sentido da adivinha será resultante da interação entre aspectos linguísticos, saberes e crenças, pois o comportamento verbal do indivíduo, a estrutura do código linguístico subjacente ao comportamento estão abertos a*

*influências sociais e culturais, uma vez que percepção e memória resultam de predisposições culturalmente determinadas”.*

Silveira (2017: 198) alerta para a necessidade da resposta à pergunta contida na adivinha fazer parte do universo do desafiado, uma vez que *“Adivinhas referentes a coisas, costumes, cujas respostas referem-se a aspectos já fora do uso ou desconhecidos aos participantes, tendem a fazer diminuir o interesse pela brincadeira”.* Ou seja, se a resposta à adivinha não fizer parte do universo de conhecimento do desafiado, este não vai ter interesse na brincadeira, porque logo à partida não tem possibilidade de encontrar a solução.

Filomena Sousa (2012: 6) realça *“o facto de, para o desafiante, o jogo ser mais interessante não quando o desafiado fica perplexo e não responde ou quando acerta à primeira, mas quando existem várias tentativas de resposta, os momentos de reinterpretação que acontecem quando a solução não é desvendada, quando se descartam ou legitimam diferentes opções”.* Assim sendo, o que se espera do jogo da adivinha é que os desafiados vão construindo o conhecimento, não tendo medo de errar ao tentar encontrar a solução.

Nogueira (2005: 329) afirma que *“A adivinha portuguesa partilha das características do arquétipo universal, compreendendo, genericamente, uma fórmula de introdução, um corpo central, que encerra a mensagem enigmática, e uma fórmula de conclusão”.* No entanto, segundo o mesmo autor, a parte fundamental deste texto é o corpo central, uma vez que as fórmulas de introdução e conclusão podem não ser incluídas *“sem que o texto perca identidade enquanto adivinha” (ibidem).*

De facto, na adivinha *“O que é o que é/Parecido com um chimpanzé/E gosta de banana/Não adivinhas esta semana.”,* cuja resposta é o macaco, encontramos uma fórmula de introdução (*“O que é o que é”*) e uma fórmula de conclusão (*“Não adivinhas esta semana”*). No entanto, se retirarmos ambas as fórmulas, conseguimos desvendar o enigma na mesma, o que prova que assim o texto não perde a sua identidade.

Já Sousa (2012: 6) defende a importância da expressão introdutória da adivinha, visto que *“quando alguém enuncia ‘Qual é a coisa, qual é ela’, rapidamente o ouvinte percebe que vai ser desafiado para responder a uma adivinha, ou seja, esta forma de*

*introdução permite definir este género textual*”. Segundo a mesma autora, a fórmula mais recorrente é “*Qual é a coisa, qual é ela*”, mas também são utilizadas outras, tais como “*O que é, o que é*” ou “*O que é que*”. Esta afirma ainda que “*Menos frequente do que acontece com as fórmulas de introdução, fazem parte de algumas adivinhas expressões de conclusão que têm como objectivo desafiar o ouvinte, provocando-o ou desprestigiando-o caso ele não saiba a resposta correcta*”, como, por exemplo, “*Não adivinhas este ano*”, ou “*Adivinha, bacharel!*” (op. cit.: 7).

Surama Silva (1999) considera a adivinha como uma modalidade do texto descritivo e propõe a sua classificação de acordo com duas formas de construção: *auto descrição* e *hétero descrição*. Ambas são caracterizadas pela personificação do tema-título, sendo privilegiada a utilização dos verbos *ser*, *estar* e *ter*.

Na *auto descrição*, “*o próprio ser personificado apresenta as suas características, construindo, assim, a pergunta da adivinha. A resposta se dá através do estabelecimento de relações (comparativas, metonímicas ou metafóricas) entre as características apresentadas e as propriedades reais do tema-título*” (S. Silva, 1999: 167). Tal pode observar-se, por exemplo, na adivinha: *Na água nasci/ Na água me criei/ Se na água me jogarem/Na água morrerei.*, cuja resposta é *o sal*. Esta forma de construção pode apresentar a forma negativa, como acontece na adivinha: *Dizem que sou rei/Mas não tenho reino/ Dizem que sou loiro/Mas não tenho cabelos/Marco a hora do dia e da noite/E não sou um relógio.*, cuja resposta é *o sol*.

Na *hétero-descrição*, “*As características do ser personificado são descritas com a utilização dos verbos na 3ª pessoa, mas, em sua maioria, sem a identificação do pronome (Ele/Ela), aumentando o grau de dificuldade da adivinha*” (S. Silva, 1999: 168). Estas adivinhas também podem apresentar a forma negativa e recorrer à *identificação do pronome* (como na adivinha *Ela sobe o morro,/Ela desce o mar,/E apesar de tudo/Não sai do lugar.*, cuja resposta é *a estrada*) ou prescindir dela (como acontece na adivinha *O que é, o que é?/Tem barba e não é homem,/Tem dentes e não é gente?*, cuja resposta é *o alho*). Nos manuais que analisou, esta autora constatou que predominavam as adivinhas hétero-descritivas.

Segundo Wagner Silva (1999), a riqueza deste género textual faz dele um recurso importante em estudos linguísticos. Também Ferreira (2014: 2) defende que “(...) esse género textual engloba diversos conteúdos de língua portuguesa que poderiam ser trabalhados nas aulas regulares deste componente curricular”.

Muniz e Silva (2001: 75) afirmam que “A literatura nacional referente às adivinhas, quer numa perspectiva de resgate folclórico, quer numa perspectiva essencialmente lúdica, é considerada bastante expressiva (...)”. Segundo as mesmas autoras, os professores e alunos “em sua maioria, concebiam o género adivinha apenas na perspectiva folclórica” (*ibidem*). No entanto, tal como defende Ferreira (2014: 7-8), “é imprescindível que o professor compreenda que o género textual adivinhas não se limita apenas aos aspectos ligados à cultura popular, mas que também engloba diversos conteúdos de LP (...) o que possibilita ao aluno em sala de aula apreender não apenas os conteúdos de linguagem mas também fazer uso do seu conhecimento de mundo para compreender melhor os elementos do contexto nos quais estão baseadas as perguntas e as respostas das adivinhas”.

É da tomada de consciência da escassa importância atribuída à adivinha como género textual que decorre a necessidade de desenvolver atividades que a explorem como um material capaz de promover aprendizagens significativas – nomeadamente por parte das crianças – pondo em ação estratégias que garantam a aquisição de conhecimentos linguísticos e o desenvolvimento de competências em compreensão na leitura, transversais a todas as áreas curriculares e essenciais para a integração social e cultural.

## 1.2. Cultura de transmissão oral

As adivinhas são um género textual de transmissão oral e fazem parte da nossa cultura, estando associadas a momentos de lazer, à família e à transmissão de conhecimentos ao longo das várias gerações.

Tal como afirma Nogueira (2005: 328), “As adivinhas populares tradicionais (...) são um dos mais importantes domínios do património cultural português de natureza verbal”.

Também Muniz e Silva (2001: 75) concordam que as adivinhas “*estão presentes no imaginário popular*”.

Araújo (2011: 40) afirma que “*As adivinhas são enigmas do povo que contêm desafios para “pegar” o decifrador, (...) são, essencialmente, curtos jogos intelectuais da cultura popular que visam o divertimento*”. Estão “*entre as mais antigas formas da literatura oral, tendo acompanhado seguidas gerações em todo tempo e lugar*” (*ibidem*). Esta autora destaca ainda o facto de as adivinhas serem intemporais e anónimas, ultrapassando séculos e fronteiras (*op. cit.:* 41).

Para Filomena Sousa (2012), as adivinhas têm várias funções, sendo a principal e mais óbvia a lúdica. Para além disso, enquanto parte da herança cultural oralmente transmitida, estas representam costumes e modos de vida. A mesma autora vê-as ainda como uma prática sociocultural, com base em algumas das suas características:

- Possuem uma componente ritual, pelo que, em certas culturas são utilizadas em rituais de iniciação ou morte (por exemplo, na Índia e em tribos africanas);
- Podem ser associadas à corte (entre noivos, são enunciadas adivinhas com conotação sexual);
- Podem funcionar como instrumento didático e pedagógico, dado poderem ser usadas como modo de instruir os mais novos e de os levar a apreender aspetos do meio cultural, social, ambiental e dos universos quotidianos;
- Podem ainda ser usadas como forma de saudação, isto é, de estabelecer um primeiro contacto entre pessoas que, à partida, se reconhecem na partilha de determinado saber, surgindo como uma “senha” que vincula a pertença dos interlocutores a determinada comunidade.

A mesma autora (Sousa, 2012: 3) destaca o lado coletivo e folclórico da adivinha, dado o facto de “*implicar um saber partilhado, de fazer alusão a algo que é conhecido pelos participantes envolvidos e não remeter para acontecimentos isolados ou pessoais*”. Se não existir um conhecimento prévio coletivo sobre o tema, a solução não poderá ser desvendada. Assim sendo, as adivinhas envolvem fatores sociais, culturais e linguísticos. Esta autora defende ainda que a adivinha é “*entendida como um jogo que permite o*

*desenvolvimento e o treino da memória, da imaginação e da reflexão, sem que se possa esquecer que a memória é culturalmente influenciada e construída” (ibidem).*

Silveira (2017: 2) considera que *“A adivinha é um texto que tradicionalmente atualiza-se por intermédio de trocas orais. É na fala que se estabelece a sua transmissão por meio da comunicação que esse texto visa estabelecer”*. Isto é, apesar de poder aparecer escrito, o texto da adivinha é essencialmente de transmissão oral, uma vez que se estabelecem trocas orais entre os vários intervenientes (desafiador e desafiados). No entanto, não é de descurar a importância do registo escrito destes textos, que é crucial para garantir a sua permanência ao longo do tempo e para fazer com que um maior número de pessoas tenha acesso a eles. Contudo, segundo a mesma autora (Silveira, 2017: 11), *“mesmo sendo divulgado por escrito, no próprio texto da adivinha reside a marca da oralidade, do diálogo, pela principal característica do género que exhibe um formato específico de pergunta cifrada que exige resposta”*. A autora afirma ainda que *“Autores de livros de literatura infantil que colocam esses textos em pauta buscam, através do escrito, recuperar o jogo oral que as adivinhas encerram. As adivinhas contidas nos livros são, em sua maioria, oriundas da tradição oral desses textos” (ibidem),.*

De acordo com Araújo (2011: 42), ao explorarmos a adivinha, estamos a *“manter vivos aspetos da cultura popular, da memória coletiva das manifestações nacionais, locais e regionais, ainda que atravessadas por intervenções e inovações contemporâneas”*. Podemos ainda dar uso aos textos da tradição oral, como as adivinhas, para favorecer a apropriação do sistema de escrita alfabético, já que *“a oralidade não é menor que a escrita e as manifestações culturais da oralidade menos válidas que as da cultura escrita” (op. cit.: 51).*

A partir de uma experiência realizada, Silveira (2017: 5) concluiu que os textos populares, nos quais se inclui a adivinha, para além do seu carácter lúdico, são motivadores na busca do conhecimento. Respeitam *“as orientações pedagógicas com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que buscam um ensino centrado no aluno, construir o conhecimento a partir da vivência deste, ampliando a partir do seu mundo, das condições socioeconômicas da comunidade à qual a escola presta serviço” (ibidem)*. Dada a relevância cultural deste género textual, este é sem dúvida uma mais-valia para as

crianças, porque parte do seu universo e de uma brincadeira com as palavras para a construção do conhecimento.

Araújo (2011: 42) corrobora esta teoria, sublinhando a *“função pedagógica, educativa, relativa ao papel da educação no cultivo de tradições orais, bem como de sua consideração como prática da cultura oral”*. Esta autora defende que a exploração de adivinhas com fins pedagógicos *“seria também uma apropriação pedagógico-social das adivinhas, em especial no que se refere ao desenvolvimento da linguagem oral e escrita, e aos processos de letramento e alfabetização”* (ibidem).

### 1.3. Seu papel no ensino da língua portuguesa

Dadas as suas características, as adivinhas podem desempenhar um papel de relevo no ensino da língua portuguesa e devem ser um recurso a utilizar. Tal como afirma Surama Silva (1999: 169), *“O uso das adivinhas apenas como recurso para o lazer e o entretenimento implica uma não exploração das potencialidades contributivas deste gênero textual para o ensino de língua materna.”*

Muniz e Silva (2001: 76) defendem que *“Reiterando o papel didático deste gênero textual, acreditamos que os professores de língua portuguesa devem atentar para o fato de ser necessário contemplar uma diversidade de textos e gêneros em sala de aula, tendo em vista a relevância social dos mesmos”*. Por outras palavras, sendo a adivinha um gênero da literatura popular de tradição oral, transmitido ao longo de várias gerações, é de aproveitar a sua relevância social e a sua natureza simultaneamente lúdica e didática para o ensino da nossa língua materna. De acordo com estas autoras, o uso didático deste gênero textual e a sua exploração na investigação linguística são pouco expressivos.

Ferreira (2014: 2) realça a relevância deste género textual no ensino da língua portuguesa, ao referir que *“Na perspectiva linguística interacional sociodiscursiva, o gênero textual adivinhas é estudado nos campos da morfologia – formação de palavras; da semântica - significação das palavras; da pragmática – construção do conhecimento; e da cognição – processos de ensino e aprendizagem de leitura”*. Refere também que *“(…) apesar das adivinhas serem um gênero multifuncional, elas ainda são pouco trabalhadas pelo professor no ensino da língua materna, devido a um desconhecimento por parte do*

*mesmo sobre multifuncionalidade das adivinhas no ensino de língua portuguesa” (op. cit.: 3).*

É isto que deve ser mudado, tendo em vista a promoção, junto das crianças, de experiências que envolvam diferentes géneros textuais e, em especial, as adivinhas, uma vez que fazem parte da sua cultura. Esta mudança implica mais investigação nesta área, que possa contribuir para uma melhor formação dos profissionais da Educação e lhes permita adquirir uma noção mais precisa das reais potencialidades da exploração das adivinhas com as crianças.

Tal como afirma Surama Silva (1999: 169), *“As adivinhas apresentam múltiplas possibilidades de utilização didático-pedagógica, além de promover, pelo aspecto lúdico e fatores sócio-lingüístico-cultural que as envolvem, maior interação em sala de aula.”*

Silveira (2017: 198) pôs isto em prática e concluiu que *“O jogo da adivinhação realizado em uma sala de aula do Ensino Fundamental mostrou-se como atividade dinâmica e proveitosa no que se refere ao exercício coordenado de aptidões da linguagem, como ouvir com compreensão e falar com desenvoltura.”*

Também Muniz e Silva (2001: 75) referem, tendo por base o projeto *Aspectos Linguísticos das Adivinhas*, que estas podem ser exploradas *“enquanto modalidade da descrição, focalizando a sua estrutura textual e os aspectos fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático, responsáveis pela elaboração enigmática”*. Estas autoras desenvolveram algumas atividades utilizando este género textual e concluíram que a adivinha *“instiga o aluno a refletir sobre a manipulação de fenômenos linguísticos, atrelado aos jogos, que exigem antecipação e planeamento” (op. cit.: 78)* e pode cativar a sua atenção e favorecer o seu raciocínio e desenvolvimento cognitivo.

No seu trabalho de pesquisa, Menezes (1999) analisou os processos de formação de palavras nos textos de adivinhas, observando a relação entre a pergunta formulada e a resposta requerida. Segundo esta autora, *“No campo da morfologia, podemos ampliar esse estudo estabelecendo relações com os processos de formação de palavras, os quais, pela diversidade e complexidade, podem possibilitar a efetivação de jogos morfossemânticos criativos e educativos” (op. cit.: 147)*. Identificou três processos de

formação de palavras presentes na organização textual de adivinhas: a *composição*, a *derivação* e o *processo onomatopaico*.

Na formação de palavras, a *composição* resulta da união de dois ou mais radicais, dando origem a uma nova significação e pode ocorrer por meio da *justaposição* (exemplo: *amor + perfeito = amor-perfeito*) ou da *aglutinação* (exemplo: *água + ardente = aguardente*). Menezes (1999) concluiu que este processo é o mais utilizado na criação de adivinhas e identificou quatro formas de construção do tema-título:

- Radicais explícitos na pergunta (como na adivinha *O que é, o que é?/Eu me chamo cama,/Nela ninguém se deita,/Só o leão se ajeita*, cuja resposta é *o camaleão*);

- Um radical formado a partir de radicais apenas parcialmente explicitados na pergunta (como na adivinha *O que é que a gente bota na parede(cal)/Põe no calçado (sola)/E as mulheres vestem?* cuja resposta é *a calçola*);

- Justaposição de radicais apenas parcialmente explicitados na pergunta (como na adivinha *O que é, o que é/Que quando está limpo é preto/E quando está sujo é branco?* cuja resposta é *o quadro-negro*);

- Aglutinação de radicais parcialmente explicitados na pergunta (como na adivinha *Qual é a água que/mesmo fria/pode-nos queimar?* cuja resposta é *a aguardente*).

É de realçar que, apesar de nos fundamentarmos neste estudo, os processos referidos são semelhantes a processos de composição, mas, a solução não é uma palavra composta, do ponto de vista morfológico.

Na formação de palavras, a *derivação* ocorre quando se agregam prefixos e/ou sufixos a um radical, originando uma nova palavra. Menezes (1999) apenas referiu uma adivinha onde é notório o recurso a este processo de formação de palavras: *Responda bem depressa!/Se as crianças tivessem que ir para o exército,/Em que arma elas serviriam?* Neste caso, a resposta – a *infantaria* – é-nos dada pela análise das características da adivinha: o radical *infant-* está relacionado com a palavra *criança* e a terminação *-aria* deduz-se pela referência ao exército. Segundo a autora, “*O tema-título infantaria (parte do exército que combate a pé) é, portanto, deduzido através da menção dos termos crianças e exército, sendo necessário, assim, a ativação do conhecimento enciclopédico do indivíduo desafiado.*” (op. cit.: 152).

O *processo onomatopaico* está relacionado com a criação de novas palavras tendo em vista a reprodução de sons e/ou ruídos. Permite uma grande manipulação das palavras e propicia a exploração de jogos criativos, como as adivinhas, que podem e devem ser utilizados no ensino da língua portuguesa. Menezes (1999) encontrou várias adivinhas, cujo tema-título denota o recurso a este processo. Podemos referir como exemplo, a adivinha *O que é, o que é?/Que uma pessoa que está se afogando diz,/Não importa a língua que ela fale?*, cuja resposta é *a onomatopeia glub, glub, glub*. Mas este processo pode apenas ser parte da pergunta do enunciado, como se pode ver na adivinha *O que é, o que é?/Pula pra cima/E faz bé?*, cuja resposta é *a cabra*.

Ferreira (2014: 2-3) defende que a adivinha inclui “(...) conteúdos como: *figuras de linguagem – metáforas e metonímias; processos de formação de palavras – composição, derivação e justaposição, instigando o aluno à aprendizagem da morfologia de maneira lúdica e não decorativa; leitura e interpretação de textos, por meio da construção de inferências através da inter-relação entre linguagem, motivação e contexto no qual o aluno está inserido; e ortografia das palavras*”.

Segundo Muniz e Silva (2001: 77), a adivinha pode ainda contemplar a construção metafórica, “(...) a partir de marcas linguísticas, como o uso de verbos copulativos *ser e estar e do verbo ter, responsáveis pela personificação inerente a este gênero*”. Um exemplo disso é a adivinha: *Meu nascimento foi cinza, (quarta-feira de cinzas)/Do meu viver ninguém se espanta./De sete filhas que tive (sete semanas)/A última foi santa? (semana santa)*, cuja resposta é *Quaresma*. Para o leitor chegar à resposta, deve desvendar a metáfora, a partir da ativação e mobilização de conhecimento do mundo que já possui, ao nível sociocultural.

Estas autoras (Muniz e Silva, 2001: 80) realçam ainda o “*uso dos operadores argumentativos nas adivinhas*”, referindo a adivinha *Sabe voar, não é ave/Levanta e corta o espaço,/Tem asa e não tem penas,/Parece ave de aço*. cuja resposta é *o avião*. Segundo as mesmas, nesta adivinha, é utilizada a elipse (*Sabe voar, não é ave*) e são estabelecidas relações conjuntivas (*Levanta e corta o espaço*) e contrajuntivas (*Tem asa e não tem penas*). No final, “(...) é dada uma propriedade remate (*Parece ave de aço*) que institui

*uma comparação entre uma ave propriamente dita e o tema-título a ser encontrado, Avião” (op. cit.: 80).*

Sousa (2013: 65) acrescenta que *“as adivinhas favorecem a oralidade (compreensão e expressão), na medida em que – através do recurso à rima, ao ritmo e à repetição de frases – contribuem para a melhoria da articulação das palavras, e promovem a literacia e o gosto pela leitura”.*

Nogueira (2005: 336) associa a adivinha ao verso, referindo que *“a grande maioria destes textos aparecem em forma versificada e com todos os mecanismos de semiotização ligados ao verso, a começar pela métrica, pelo ritmo e pela rima, para além de procedimentos estilísticos vários de natureza semântica (imagens, metáforas, comparações, antíteses, paradoxos, sinonímia, etc.), fónica (como a rima final ou interna, as aliteraões e as assonâncias) e morfossintáctica (repetições, parataxe, vocabulário concreto, arcaísmos, populismos, oralismos, etc.)”.*

Silveira (2017: 197) aponta algumas das inúmeras hipóteses de exploração de adivinhas, tendo em vista o ensino da língua portuguesa, designadamente *“(...) escuta atenta, capacidade de argumentação e de memorização dos textos, além de favorecer o exercício de pensar sobre a linguagem, reconhecendo formas cifradas de dizer, utilizando figuras de linguagem e estilo”.*

Com base nos autores referidos e em todos os aspetos mencionados, pensamos que se tornaram evidentes as múltiplas vantagens de utilizar as adivinhas como recurso didático no ensino da língua portuguesa a crianças, dado o seu lado lúdico, que as cativa e motiva, e o seu papel cultural, desenvolvido no tópico seguinte.

Parece-nos que a realização de atividades envolvendo adivinhas com crianças a frequentar a Educação Pré-Escolar poderá desenvolver competências em comunicação oral e escrita – logo promover a literacia – e favorecer o seu desenvolvimento cognitivo (capacidades de compreender, raciocinar e inferir). Para além disso, promove o gosto pela leitura. Estas atividades poderão contemplar conteúdos como processos de formação de palavras, metáforas, onomatopeias, personificações e rimas. No entanto, como se trata de crianças muito jovens, estes conceitos deverão ser trabalhados sem

necessidade de referência dos seus “nomes específicos”, sendo que o importante é que a criança identifique os processos, mesmo que não os saiba nomear corretamente.

## Capítulo 2 – Inferências

### 2.1. Características

A capacidade de realizar inferências pode facilitar a nossa vida, em diversas áreas da vida quotidiana. Ferreira (2010: 111) refere *“como contextos em que se devem fazer inferências, aqueles que estão relacionados com a exploração de textos, de imagens, de objectos, de vídeos, de jornais, de cartazes e textos/slogans publicitários”*. De facto, a capacidade inferencial é indispensável na comunicação oral (mesmo que se trate de uma simples conversa), na comunicação escrita (por exemplo, para ler jornais e revistas) e na comunicação audiovisual (por exemplo, no cinema e na televisão), para que a mensagem seja entendida no seu todo, sem descurar os seus sentidos implícitos.

Torna-se imprescindível que os alunos a desenvolvam em contexto escolar, porque é transversal a diversas áreas, uma vez que – em qualquer contexto – é necessário compreender o que se lê e o que se ouve e ainda – quando somos os produtores dos textos orais ou escritos – garantir que os nossos ouvintes ou leitores vão fazer as inferências necessárias para a sua adequada compreensão. Tal como referem Ferreira e Dias (2004: 439), *“A busca pela inserção no mundo se faz a partir da confrontação de diferentes horizontes de significado. (...) Por outro lado, as significações que se elabora do mundo dependem das posições que nele assume. Portanto, o estar-no-mundo já se revela como uma possibilidade de atribuição de significados.”* Para esta atribuição de significados a que se referem as autoras, é necessária a capacidade de construir inferências.

Apesar de vários autores terem tentado classificar as inferências, tendo-o feito de formas variadas, vamos apresentar apenas a classificação na qual nos apoiámos, para conceber, implementar e avaliar o nosso projeto de intervenção didática.

Machado (2010: 77-78), com base em várias tipologias existentes<sup>1</sup>, propõe a seguinte classificação de inferências:

- Quanto ao *conteúdo semântico*:

---

<sup>1</sup> Nomeadamente em: Warren, Nicholas e Trabasso, 1979; Marcuschi, 1989; Cook, Limber e O'Brian, 2001).

- *Inferências lógicas*, que procuram explicar as causas e consequências dos factos, respondendo à pergunta *Porquê?* (exemplo: *Ele abdicou de tudo para estar com o filho.* → inferência lógica: ele gosta do filho e queria estar com ele),
- *Inferências informativas*, que procuram estabelecer as referências do texto (analógicas, metafóricas, metonímicas, ...) e o contexto espaço-temporal dos eventos e podem responder às perguntas *Quem? O quê? Onde? Quando?* (exemplo: *Branco é e a galinha o põe.* → inferência informativa: é o ovo),
- *Inferências avaliativas*, baseadas nas crenças e nos valores de cada indivíduo, que respondem a questões como *Esta ação está certa ou errada?* ou *Qual é o estado emocional da personagem?* (exemplo: *O jovem ajudou o idoso a atravessar a estrada.* → inferência: o jovem agiu corretamente);

- Quanto à *origem*:

- *Inferências de base textual*, feitas a partir do estabelecimento de relações entre duas ou mais proposições (macro ou micro proposições) presentes no texto fonte (exemplo: *O que é o que é/Que o pernilongo tem/Que é maior que o elefante?* → inferência: o nome),
- *Inferências de base contextual*, feitas a partir do estabelecimento de relações entre proposições presentes no texto fonte e o contexto (exemplo: *Quem é, quem é,/É perita a tratar do lar/E está sempre pronta/Para me ajudar?* → inferência: mãe),
- *Inferências sem base textual*, consistindo em extrapolações feitas a partir do conteúdo do texto (exemplo: *Estava um dia muito quente de Verão e o rapaz estava na praia.* → inferência: o rapaz foi ao mar);

- Quanto à *necessidade*:

- *Inferências conectivas*, necessárias à compreensão, porque ligam partes do texto, sem as quais este se torna ininteligível ou sem sentido (exemplo: *A menina estava a passear na floresta e ingeriu uns cogumelos selvagens que*

*encontrou. Desmaiou e acordou já no hospital.* → inferência: os cogumelos eram venenosos),

- *Inferências elaborativas*, que não são indispensáveis, mas ocorrem quando o leitor estabelece conexões entre o que está a ler e o seu conhecimento pessoal (exemplo: *Ao passar pelo pomar, o jovem apanhou um fruto do pessegueiro e comeu.* → inferência: o jovem comeu um pêsego).

O nosso projeto assentou na exploração didática de adivinhas, tendo em vista o desenvolvimento da capacidade inferencial em crianças em idade pré-escolar. As adivinhas exploradas nas sessões da nossa intervenção didática tinham como propósito que as crianças realizem inferências classificadas:

- Quanto à origem, como *inferências de base contextual*, uma vez que, para encontrar a resposta, era preciso relacionar o texto da adivinha com o contexto;

- Quanto à necessidade, como *inferências elaborativas*, já que era necessário estabelecer conexões entre o texto da adivinha e o conhecimento pessoal;

- Quanto ao conteúdo semântico, como *inferências informativas*

- *De agente*, respondendo à pergunta *Quem?*
- *De objeto*, respondendo à pergunta *O quê?*
- *De lugar*, respondendo à pergunta *Onde?*
- *De tempo*, respondendo à pergunta *Quando?*

No quadro abaixo, apresentamos exemplos de adivinhas para cada um destes tipos de inferências:

Inferências informativas	Adivinha – exemplo
Inferências de agente ( <i>Quem?</i> )	<i>Faz a massa E amassa bem. Traz o pãozinho, Que bom cheiro tem!</i>  Resposta: <i>O padeiro.</i>
Inferências de objeto ( <i>O quê?</i> )	<i>Qual é a coisa, Qual é ela, Que mal entra em casa Se põe logo à janela?</i>  Resposta: <i>O botão.</i>
Inferências de lugar	<i>Nela fica a minha casa</i>

(Onde?)	<p><i>E as casas vizinhas. Por lá anda o carteiro, Para entregar as cartinhas.</i></p> <p>Resposta: A rua.</p>
Inferências de tempo (Quando?)	<p><i>As pessoas vão à praia Porque está um sol de rachar. Estendem as toalhas na areia E logo vão mergulhar.</i></p> <p>Resposta: O verão</p>

**Quadro 1 – Exemplos de adivinhas para os tipos de inferências contemplado no projeto**

Decidimos centrar o nosso projeto nestes tipos de inferências tendo em conta alguns aspetos relevantes, entre os quais destacamos a pouca idade das crianças que participaram na intervenção didática em que este assentou.

No próximo tópico, iremos destacar o papel da inferência na compreensão na leitura, tendo em vista o desenvolvimento de competências leitoras nas crianças, o mais precocemente possível.

## 2.2. Seu papel na compreensão na leitura

Sim-Sim (1998) afirma que por *comunicação* se entende o processo de troca de informações, que envolve a formulação, a transmissão e a compreensão de uma mensagem, para uma correta descodificação e compreensão da mesma.

Para a mesma autora (Sim-Sim, 2007: 5), saber ler constitui-se como *“uma condição indispensável para o sucesso individual, quer na vida escolar quer na vida profissional”*, bem como na vida pessoal e social.

Assim sendo, a capacidade inferencial torna-se muito importante para uma comunicação clara entre os intervenientes. Saber ler o mundo em que nos encontramos é fundamental para a nossa vida, assim como saber ler um texto.

A capacidade inferencial torna-se também fundamental na compreensão na leitura. Ferreira e Dias (2004: 447) defendem que a leitura é *“(…) um processo inferencial e cognitivo, ativado a partir da intrincada relação entre leitor, texto e contexto”*. A capacidade inferencial é crucial para a compreensão de um texto, uma vez que ler implica a apreensão da informação explícita, mas também a da informação implícita, sem a qual a compreensão fica comprometida.

Ferreira (2010: 21) chama a atenção para o facto de que os alunos envolvidos no seu projeto, apesar de já estarem a frequentar o 11º ano de escolaridade, revelarem frequentemente *“dificuldades ao nível da compreensão na leitura, sobretudo no que se refere à apreensão dos sentidos implícitos dos textos”*, afirmando ainda que *“há vários factores com grande influência na dificuldade dos alunos em construir inferências: a falta de conhecimentos prévios necessários, a não activação/mobilização da informação que possuem ou, ainda, o hábito de fazer uma compreensão mais literal”* (op. cit.: 51).

Constance Weaver (citada em Ferreira, 2010: 55) defende que *“Ler implica também ser capaz de compreender e, para isso, é necessário não só ser capaz de extrair sentido do texto, mas também ser capaz de ‘emprestar’ sentido ao texto lido, invocando, a propósito do tema deste, os conhecimentos que a nossa experiência de vida e as nossas leituras precedentes nos permitiram adquirir.”*

Também Ferreira e Dias (2004: 440) referem que *“O significado não está embutido ou inscrito totalmente no texto oral ou escrito”*. Deste ponto de vista, compete ao leitor pensar criticamente e atribuir significado ao que está escrito, do mesmo modo que compete ao ouvinte decodificar o que ouve, pensar criticamente e atribuir um significado ao que foi expresso oralmente.

Sim-Sim (2007: 8) defende que *“a compreensão beneficia, por isso, da experiência e do conhecimento que o leitor tem sobre a vida e sobre o mundo e também da riqueza lexical que o leitor possui”*.

Ferreira e Dias (2004: 439) afirmam também que *“Na produção de sentidos, o leitor desempenha um papel ativo, sendo a capacidade inferencial um processo cognitivo relevante para esse tipo de atividade. Isto ocorre porque elas possibilitam a construção de novos conhecimentos a partir de dados previamente existentes na memória do interlocutor, os quais são ativados e relacionados às informações veiculadas pelo texto”*. Estas autoras referem ainda que *“existe uma variedade de inferências que podem surgir quando da leitura de um texto por leitores variados e por um mesmo leitor em momentos distintos de leitura”* (ibidem).

No entanto, não podemos afirmar que cada leitor interpreta o sentido do texto de forma completamente diferente, nem que todas as interpretações criadas pelos diversos

leitores possam ser aceites, dado que a leitura deve ser enquadrada nos limites impostos pelo próprio texto. Neste sentido, Ferreira e Dias (2004: 440) defendem que *“O leitor tem liberdade para construir sentidos, mas ele também é limitado pelos significados trazidos pelo texto e pelas suas condições de uso”*.

Giasson (1993) refere que os nossos conhecimentos podem ser vagos ou incompletos, dificultando a criação de inferências corretas e, conseqüentemente, a compreensão do texto. A mesma autora defende que as pessoas apreendem mais informações novas, quando não têm conhecimentos prévios sobre algum assunto do que quando o conhecimento que possuem é errado.

Tal como afirma Ferreira (2010: 71), *“a compreensão de um texto implica, por parte do leitor, a ativação e a sua mobilização de conhecimento já disponível que possa ser relacionado com o mesmo”*. Isto significa que, aquando da leitura do texto, o leitor deve recorrer a conhecimentos prévios – nomeadamente de índole linguística, cultural e literária – para assegurar a sua adequada compreensão (o mesmo acontecendo na compreensão oral).

Ferreira e Dias (2004: 440) também estão de acordo com este ponto de vista, uma vez que afirmam que *“Na interação que mantém com o autor, via texto, o leitor, ao compreendê-lo, vai modificando, ajustando e ampliando as suas concepções, as quais exercem um impacto sobre a sua percepção”*.

Neste sentido, de acordo com Ferreira (2010), existem vários tipos de leitores: os que apenas centram a sua atenção no sentido literal do texto e raramente formulam inferências, os que recorrem ao texto para construir inferências lógicas e os que criam quase espontaneamente inferências pragmáticas, a partir do recurso aos seus conhecimentos prévios.

Ferreira e Dias (2004: 441) consideram que *“o leitor maduro é aquele que sabe utilizar adequadamente todas as informações disponíveis, estabelecendo ligações relevantes entre a informação textual e o seu conhecimento prévio, sem privilegiar ou desprezar qualquer desses canais de informação”*.

Tal como afirma Joana Pedro (2017: 18), *“(...) é importante que os professores escolham atividades que visem promover os vários níveis de compreensão leitora, desde a*

*compreensão literal à reorganização, passando também pela compreensão inferencial e pela compreensão crítica”.*

### **2.3. Estratégias de desenvolvimento da competência inferencial**

A capacidade inferencial evolui com a idade, em função de fatores como o desenvolvimento cognitivo e as vivências ao nível pessoal e social. No entanto, é notória a necessidade de realização de atividades que promovam o seu desenvolvimento, tendo em vista a formação de adultos competentes.

Giasson (1993) apresenta algumas atividades, que podem fomentar o desenvolvimento da capacidade inferencial, designadamente:

- Ler uma parte de um texto e fazer uma pergunta inferencial às crianças;
- Pedir que levantem hipóteses acerca da questão colocada;
- Pedir que identifiquem palavras-chave de resposta a essa mesma questão;
- Formular perguntas do tipo sim-não relacionadas com as palavras-chave destacadas pelas crianças, para eliminar algumas propostas;
- Analisar todas as hipóteses e palavras-chave, para que se tenha a certeza da adequação da resposta à questão inferencial formulada inicialmente.

A capacidade de criar inferências pode ser desenvolvida em simultâneo com a compreensão na leitura e contribuir para a promoção de hábitos de leitura.

Ferreira (2010: 72) defende que a dificuldade na *“construção de inferências (...) parece estar ligada (...) à ausência de ativação de estratégias de leitura que possibilitem mobilizar o conhecimento que o leitor possui”*. Ou seja, mesmo que o leitor tenha conhecimentos prévios sobre o assunto em questão, pode não dominar estratégias que permitam ativá-los, mobilizá-los e usá-los na construção de inferências, sem as quais não pode compreender o texto na sua globalidade. Este problema torna-se mais agudo, quando se está a trabalhar com crianças, nomeadamente em idade pré-escolar.

Neste contexto, os profissionais da Educação têm um papel de relevo, dado deverem orientar as crianças na mobilização dos seus conhecimentos e na realização de inferências, para que consigam compreender o texto. Ferreira (2010: 75) afirma que *“O*

*papel do professor deve ser o de supervisor, de mentor, que estimula e orienta o aluno no processo de compreensão textual”.*

Baseando-se num estudo de Marcuschi, datado de 1989, Ferreira e Dias (2004: 443) afirmam que *“os alunos, ou, por um lado, buscam basear-se estritamente na objetividade do texto ou, por outro lado, sustentam o trabalho inferencial no universo pessoal. (...) que esse tipo de abordagem em relação ao texto pode, muitas vezes, levar a falhas de compreensão caracterizadas, no caso das reproduções, por contradições, falhas de relações causa-efeito, incompletudes em relação às proposições textuais e inconsistência das conclusões”.*

Assim sendo, é necessário que o profissional da Educação esteja alerta para esta possível lacuna nos conhecimentos prévios das crianças e que promova a utilização por parte destas de estratégias de comparação da informação que possuem com a que é apresentada no texto. Neste sentido, torna-se fundamental envolver as crianças na realização de atividades que contrariem esta tendência, para que estas capacidades sejam desenvolvidas numa fase precoce e facilmente mobilizadas posteriormente.

A partir da análise do estudo de Ferreira (2010), pudemos constatar que mesmo os professores demonstram dificuldade em fazer inferências. Assim sendo, torna-se muito difícil para eles desenvolver essas capacidades nos alunos.

A formação de educadores de infância e professores tendo como objetivo o desenvolvimento de competências significativas nos alunos é outro fator muito importante neste contexto. Podemos aperceber-nos dessa importância tendo por base os resultados do programa de formação implementado por Ferreira (2010: 240), que reconhece que *“A construção de inferências passou, deste modo, a fazer parte integrante da sua compreensão textual, o que não acontecia antes ou, se acontecia, era feito apenas pontualmente”.* Isto leva-nos a crer que uma melhor formação dos professores e educadores nesta área poderá facilitar a superação das dificuldades neste domínio e assim estes poderão contribuir mais significativamente para o desenvolvimento dos seus educandos.

Tal como defendem Ferreira e Dias (2004: 442), *“a atividade inferencial é uma habilidade que aumenta com a idade, estando sujeita ao desenvolvimento cognitivo e às*

*situações de aprendizagem. Se a criança tem capacidade para armazenar na memória as premissas contidas na história, se ela tem um conhecimento geral e de mundo suficiente para atribuir significado ao que lê ou ao que é lido para ela, então é importante que o adulto desempenhe um papel de suporte. Este papel de suporte pode favorecer a ativação do conhecimento que a criança já possui e a relação deste com a nova informação trazida pelo texto”.*

#### **2.4. Uso didático da adivinha como recurso para o desenvolvimento da competência inferencial na Educação Pré-Escolar**

Compete ao educador de infância adotar estratégias didáticas que o levem a implementar atividades que façam as crianças pensar, desenvolvendo o seu pensamento crítico e fomentando a sua capacidade inferencial. Tal como afirmam Ferreira e Dias (2004: 442) *“não é suficiente ter a informação necessária na memória, é importante saber usá-la e ser capaz de integrá-la a outras informações textuais ou extratextuais para construir uma representação elaborada da história lida”.*

Dina Silva (2013: 10) defende que *“a estimulação precoce da leitura do mundo e da vida deverá começar quanto antes”* e que *“Os atos de leitura/escrita, desenvolvidos num clima lúdico e funcional, como deverá ser o ambiente do Jardim-de-Infância, deverão, assim, constituir atos de verdadeiro prazer”.*

Segundo Ferreira e Dias (2004: 441-442), *“as crianças jovens são capazes de fazer inferências, embora esta capacidade seja limitada por fatores cognitivos e pelo alcance de situações nas quais possam utilizar sua habilidade inferencial básica”.* Os mesmos defendem que *“as crianças mais jovens (...) são mais capazes de elaborar inferências locais, que são aquelas que exigem a integração de informações que aparecem juntas em um mesmo parágrafo, do que de elaborar inferências globais, que são aquelas que exigem a integração de informações interparágrafos.”* (op. cit.: 442).

Segundo Cabral (citado em Ferreira, 2010: 71), *“ao formular hipóteses, o leitor está a prever temas e, ao testá-las, está a compreender, ou seja, a enriquecer, refinar e verificar os seus conhecimentos, pelo que esta estratégia compreende simultaneamente*

*componentes cognitivos, metacognitivos e afectivos e torna-se essencial para a compreensão de todo o processo de compreensão”.*

De acordo com Dina Silva (2013: 20), *“as crianças elaboram conhecimentos sobre a leitura e escrita, passando por diferentes hipóteses – espontâneas e provisórias – até se apropriarem de toda a complexidade da língua escrita.”* Essas hipóteses são baseadas em conhecimentos prévios, assimilações, inferências e generalizações e dependem das interações que mantêm com seus pares e com os materiais escritos a que têm acesso.

A decisão de explorar adivinhas, tendo em vista o desenvolvimento da capacidade inferencial das crianças, prende-se com o seu carácter pedagógico e lúdico e o papel relevante desempenhado por estes jogos de linguagem como um recurso didático no ensino da língua portuguesa. A partir da sua exploração, o desenvolvimento das crianças está a ser fomentado, enquanto as mesmas brincam com as palavras. Assim sendo, para além de se tornar numa atividade de interação e lazer, a exploração de adivinhas com crianças pequenas desperta a sua curiosidade, chama a sua atenção e desenvolve o seu raciocínio, a sua capacidade de mobilizar conhecimentos prévios e a sua competência para a construção de inferências (Menezes, 1999).

Como refere Sousa (2013: 1), a ação educativa deve promover *“processos de aprendizagem tendo como referência a pedagogia participativa da infância”*, que assenta na interação entre saberes, práticas, atitudes e crenças, sendo *“fundamental para a construção de aprendizagens pela descoberta e pela resolução de problemas (...)”*.

De acordo com Muniz e Silva (2001: 77-78), *“A argumentação é um fator crucial para o estudo da (des)construção enigmática das adivinhas”*, uma vez que *“as teses apresentadas suscitam inferências que podem levar um possível desafiado à adesão aos argumentos apresentados no momento do desafio”*.

Dina Silva (2013: 63) trabalhou a criação de adivinhas com crianças da Educação Pré-Escolar, *“com o intuito de explorar os enigmas e que as crianças tivessem prazer em lidar com as palavras, números, sons, gestos e descobrir as relações”*. Segundo esta autora, *“Esta atividade gerou interesse nas crianças, porque já conheciam algumas adivinhas que tinham aprendido em casa e agora poderiam contá-las”* (op. cit.: 64) e a *“série de estratégias diversas (rimas, poesias, adivinhas, etc.) que foram implementadas*

*na sala de aula e que não são introduzidas com regularidade na sala, (...) cativaram as crianças, aliciando-as para o mundo da escrita” (op. cit.: 79). Defende ainda que a ação do educador tem uma grande importância na construção de experiências significativas que desenvolvam a compreensão e a expressão oral da criança.*

Sousa (2013: 65) implementou a decifração de adivinhas com um grupo de crianças a frequentar a Educação Pré-Escolar e refere que, com a atividade desenvolvida, *“ocorreu a exploração do carácter lúdico da língua, uma vez que a mesma foi encarada como um jogo, um desafio, no qual foi fundamental cada uma das crianças escutar com atenção o que estava a ser dito para conseguir compreender o conteúdo da mensagem e, conseqüentemente, encontrar cada uma das respostas para os desafios (adivinhas) que lhes eram colocados”.*

Com a realização deste projeto pretendemos tirar proveito do lado lúdico da adivinha para promover o pensamento inferencial das crianças, desenvolvendo a sua capacidade de inferir e levando-as a utilizar a inferência, de forma adequada. Quanto mais cedo for promovida esta competência nas crianças, mais rapidamente esta será desenvolvida, favorecendo-as ao longo da vida, em contexto escolar e extraescolar. A adivinha, para além do seu carácter lúdico, faz uso do pensamento inferencial na busca das soluções, daí ser o género textual explorado no projeto.

**PARTE II**  
**ESTUDO EMPÍRICO**

## Capítulo 3 – Metodologia de investigação

### 3.1. Caracterização do estudo

A metodologia de investigação adotada neste projeto foi a de estudo de caso, tendo em conta os objetivos do estudo e as suas limitações. Coutinho e Chaves (2002: 3) afirmam que o estudo de caso é um *“plano de investigação que envolve o estudo intensivo e detalhado de uma entidade bem definida (o caso)”*. André (1984: 1) refere que o caso em estudo *“(...) pode ser um evento, uma pessoa, um grupo, uma escola, uma instituição, um programa, etc.”*.

Coutinho e Chaves (2002: 6) consideram que *“os objectivos que orientam um estudo de caso podem ser em tudo coincidentes com os da investigação educativa em geral: explorar, descrever, explicar, avaliar e/ou transformar”*.

Os mesmos autores (Coutinho & Chaves, 2002, p. 5) defendem ainda que esta metodologia tem sempre um forte cariz descritivo, embora esse facto não a impeça de *“ter um profundo alcance analítico, interrogando a situação, confrontando-a com outros casos já conhecidos ou com teorias existentes, ajudando a gerar novas teorias e novas questões para futura investigação”*. André (1984: 2) corrobora estas afirmações, considerando que *“O estudo de caso supõe que o leitor vá usar esse conhecimento tácito para fazer as generalizações e para desenvolver novas ideias, novos significados, novas compreensões”*.

De acordo com Meirinhos e Osório (2010: 6), *“a finalidade dos estudos de caso é tornar compreensível o caso, através da particularização. Contudo existem circunstâncias em que o estudo de um caso pode permitir generalizar para outro caso.”* Estes autores afirmam ainda que, quando queremos analisar uma realidade, podemos considerá-la de forma global ou então como uma série de unidades, sendo que *“Cada unidade de análise requer uma estratégia diferente de recolha de dados.”* (ibidem: 8). Também André (1984: 4) defende que *“o estudo de caso focaliza o particular tomando-o como um todo, atendo-se aos seus componentes principais, aos detalhes e à sua interação”*. Coutinho e Chaves (2002: 13) afirmam que *“quanto mais abstractos os conceitos, mais potencialmente*

*extrapoláveis serão. É aqui que o estudo de caso ultrapassa a mera função descritiva e atinge um nível analítico*” que pode gerar novas teorias e questões de investigação.

Yin (citado por Meirinhos & Osório, 2010) defende que a avaliação do estudo de caso pode incluir o uso de análise de documentos, entrevistas abertas e fechadas, análise quantitativa de dados registados e observações de campo diretas. Também André (1984: 2) considera que *“a metodologia do estudo de caso é eclética, incluindo, via de regra, observação, entrevistas, fotografias, gravações, documentos, anotações de campo e negociações com os participantes do estudo”*.

Neste estudo, o papel do investigador foi o de observador participante, uma vez que a sua função não era só observar, mas também participar nos acontecimentos a serem estudados. No entanto, tal como defendem Meirinhos e Osório (2010: 13), *“na mesma investigação, a participação do investigador pode variar conforme a necessidade e as circunstâncias, podendo (...) ser baixa em alguns momentos e, noutros momentos, ser mais alta”*. Yin (citado por Meirinhos & Osório, 2010, p. 13), declara que *“Outra oportunidade muito interessante (do observador participante) é a capacidade de perceber a realidade do ponto de vista de alguém de ‘dentro’ do estudo de caso, e não de um ponto de vista externo”*. Rodríguez e outros (citados por Meirinhos & Osório, 2010, p. 13) corroboram as afirmações anteriores, realçando que *“Esta aproximação que situa o investigador no papel dos participantes, permite obter percepções da realidade estudada que dificilmente se poderiam conseguir sem se implicar de maneira efectiva”*.

Neste projeto, a recolha de dados foi feita através de tabelas previamente planificadas e da observação, que deu origem a notas de campo. Todos os dados recolhidos foram submetidos à análise de conteúdo. Pontualmente, recorreremos ainda à estatística descritiva (frequências absolutas e relativas).

Esta análise serviu para nos permitir dar conta da evolução da capacidade inferencial das crianças envolvidas neste estudo com o decorrer do projeto e, paralelamente, para adaptar as atividades propostas às suas necessidades.

## **3.2. A intervenção didática**

### **3.2.1. Contextualização**

No primeiro semestre, desenvolvemos a nossa prática pedagógica supervisionada numa escola de Aveiro, numa turma com alunos a frequentar o 3º e 4º anos de escolaridade. Este período inicial foi crucial para a planificação do projeto a implementar no segundo semestre, uma vez que nos permitiu desenvolver algumas atividades com as crianças, percebendo as suas dificuldades e facilidades. De uma forma geral, foram notórias bastantes dificuldades nas crianças ao nível da interpretação e compreensão, principalmente de informação implícita no texto, nas várias disciplinas. Este foi o mote para o projeto: tentar dissipar estas dificuldades, a partir do desenvolvimento de atividades que o promovam desde cedo.

Este projeto foi desenvolvido numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), que disponibiliza as valências de Creche, Educação Pré-Escolar e ATL. Do projeto educativo da instituição constavam os objetivos da valência de Educação Pré-Escolar, dos quais destacamos os que estavam relacionados com este estudo: contribuir para a igualdade de oportunidades, desenvolver a expressão e comunicação da criança através de linguagens múltiplas, despertar a curiosidade e o pensamento crítico e incentivar a participação das famílias no processo educativo.

A intervenção didática que estava no centro do nosso projeto foi implementada numa sala de Educação Pré-Escolar, com um grupo diariamente acompanhado pela educadora e por duas auxiliares. Era constituído por 21 crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos de idade, sendo 7 do sexo feminino e as restantes do sexo masculino. Era multicultural, uma vez que incluía crianças provenientes de países com culturas diferentes: Portugal, Cabo-Verde, Angola, Brasil e Etiópia.

Apesar da heterogeneidade do grupo, a relação entre as crianças que o constituíam era harmoniosa. Estas eram bastante curiosas e ativas, demonstrando sempre vontade de participar nas várias atividades, e revelavam um espírito de interajuda muito vincado, que se espelhava no respeito e amizade que nutriam umas pelas outras.

As suas famílias pertenciam a um nível socioeconómico elevado. A maioria dos pais tinha estudos superiores e trabalhava nas áreas de engenharia e da investigação. As crianças estavam inscritas em atividades extracurriculares como natação, música, dança, inglês e teatro, o que contribuía para alargar os seus interesses.

O interesse que estas crianças manifestaram pelo projeto, a sua motivação e entusiasmo facilitaram muito a sua implementação, já que se mostravam sempre bastante recetivas e implicadas nas várias atividades propostas. Outro fator facilitador foi o apoio das suas famílias, que se mostraram interessadas no projeto, acompanhando o seu desenvolvimento e correspondendo positivamente sempre que foi solicitada a sua colaboração.

Ao nível da planificação do projeto, as maiores dificuldades em relação ao grupo prenderam-se com as idades das crianças, uma vez que a maioria era muito nova. Das 21 crianças, 7 tinham 3 anos, 10 tinham 4 anos e apenas 4 tinham 5 anos. A planificação das atividades a implementar, a escolha das adivinhas a explorar e a seleção dos tipos de inferência a desenvolver tiveram em conta este fator.

### **3.2.2. Descrição da intervenção didática**

#### **3.2.2.1. Primeira sessão**

Começamos por entregar às crianças cartões com imagens que representavam as respostas às adivinhas propostas para decifração: um cartão por criança. De seguida, apresentamos as adivinhas oralmente. As crianças que julgavam ter o cartão com a resposta certa, mostravam-no e justificavam a sua opção. As restantes crianças avaliavam a resposta dada, propunham novas soluções e as respetivas justificações. Cabia-nos a responsabilidade de apresentar a resposta final.

As adivinhas exploradas nesta sessão tinham como tema a alimentação, uma vez que tinha sido selecionado para abordagem nesta semana. Assim, esta atividade surgiu como um mote para as seguintes, dentro do tema em questão.

Esta primeira atividade foi muito bem-recebida pelas crianças, uma vez que demonstraram bastante entusiasmo e empenho na procura das respostas. Para além de

se ter mantido atenta ao conteúdo do cartão que tinha recebido (que continha a resposta a uma das adivinhas apresentadas), cada criança estava atenta às respostas dos colegas, intervindo sempre que o considerava necessário fazê-lo.

A atividade gerou bastante discussão entre as crianças, já que elas demonstraram vontade de dar a sua opinião, quanto à correção das respostas dadas pelos colegas e das respetivas justificações.

### **3.2.2.2. Segunda sessão**

Para relembrar a atividade realizada na primeira sessão, demos início a esta apresentando algumas das adivinhas já exploradas, sem os cartões ilustrados que representavam as respetivas respostas. As crianças levantavam o dedo, quando queriam propor uma resposta ao grupo, esperando pelo nosso sinal para responderem e justificarem as suas hipóteses. Quando não concordavam com a resposta do colega, as restantes crianças intervinham e apresentavam novas soluções, justificando. Depois de decifrarem a adivinha, mostrávamos a imagem com a resposta correta, perguntando-lhes se as suas respostas correspondiam ou não ao que estava representado nela. Pudemos verificar que muitas ainda se lembravam das adivinhas e respondiam instantaneamente, quase sem ouvir o enunciado completo. No entanto, de uma forma geral, foram capazes de justificar as suas respostas.

De seguida, promovemos um diálogo acerca do conceito de adivinha orientado pelas questões: *O que é uma adivinha? Como se constrói? Como se resolve?*. As crianças demonstraram algumas dificuldades ao responder a estas perguntas, não percebendo bem o seu sentido. No entanto, as respostas dadas revelaram que tinham compreendido o conceito de adivinha e identificado as suas características essenciais. Estes aspetos foram abordados de forma mais incisiva numa sessão posterior.

### **3.2.2.3. Terceira sessão**

Nesta sessão, foram exploradas adivinhas que implicavam a realização de inferências de vários tipos. Apresentávamos uma adivinha de cada vez, dando espaço ao

diálogo entre as crianças acerca da resposta e respetiva justificação, forma de construção da adivinha, estratégias para a sua decifração e tipo de inferência explorado.

Esta primeira atividade decorreu da forma que esperávamos: as crianças foram capazes de encontrar respostas adequadas para as adivinhas apresentadas e de as justificar. Quanto ao tipo de inferência explorado, conseguiram identificar a expressão interrogativa implícita ou explícita em cada adivinha (*O quê? Onde? Quem? Quando?*). Isto demonstrou que, apesar de não explorarmos as denominações dos tipos de inferências, dada a idade precoce das crianças, estas são capazes de identificar o tipo de inferência a realizar para resolver cada desafio.

De seguida, as crianças foram divididas em três grupos, cada um dos quais seria acompanhado por um adulto. Cada grupo escolheu uma expressão interrogativa (*O quê? Onde? Quem?*), construiu adivinhas adequadas à sua opção e ilustrou as suas respostas. O adulto em cada grupo ajudou os seus elementos a construir adivinhas e registou-as por escrito.

#### **3.2.2.4. Quarta sessão**

Cada grupo, à vez, apresentou as adivinhas que tinha construído. Os restantes grupos foram dando sugestões de resposta e justificando as suas opções. Depois da discussão, o grupo que tinha criado a adivinha mostrava a ilustração relativa à resposta correta e justificava.

Posteriormente, as crianças foram questionadas quanto ao tipo de inferência desenvolvido por cada uma das adivinhas.

Revelaram alguma dificuldade em se recordar das adivinhas criadas para as apresentarem aos colegas. No entanto, com a ajuda dos elementos do grupo e algumas orientações da nossa parte, conseguiram desafiar as restantes crianças com as suas adivinhas. Estas revelaram bastante facilidade em decifrar as adivinhas apresentadas pelos colegas.

#### **3.2.2.5. Quinta sessão**

Cada criança trouxe de casa um cartão com uma adivinha (registada por escrito por familiares) e a ilustração da resposta (desenhada pela própria criança) e apresentou-a. As

restantes crianças tentaram decifrar a adivinha e justificar a sua resposta. Em seguida, a criança que tinha apresentado a adivinha mostrava a ilustração com a resposta e justificava, referindo a expressão interrogativa em questão.

Esta atividade teve bastante adesão por parte das crianças e das suas famílias, uma vez que recolheram um total de 20 adivinhas. Das 21 crianças do grupo, uma não estava presente, outra trouxe duas adivinhas e outra recolheu quatro, sendo que as restantes trouxeram uma adivinha cada. Também notamos o seu interesse e entusiasmo, uma vez que perguntaram várias vezes *“Quando é que vamos jogar às adivinhas?”*.

## Capítulo 4 – Análise dos dados e interpretação dos resultados

### 4.1. Compreensão de adivinhas

Na primeira sessão, foi proposta às crianças uma atividade que consistia em responder a adivinhas apresentadas e justificar as respostas dadas. Para facilitar a primeira abordagem, entregámos-lhes cartões com imagens representativas das soluções das várias adivinhas (um cartão por criança). Foi-lhes pedido que mostrassem o seu cartão ao grupo, sempre que julgassem ter a imagem representativa da resposta da adivinha colocada.

No Quadro 2, apresentamos os resultados da análise das respostas dadas às adivinhas que exigiam inferências informativas de agente (*Quem?*):

Adivinhas e respostas	Respostas das crianças		Observações
	Certas	Erradas	
<p><u>Adivinha 1</u>  <i>Adora a Natureza,  Mas a terra tem que cavar,  Para plantar os alimentos,  Que mais tarde vamos  saborear.</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Agricultor</i></p>	X		<p>A criança que recebeu a imagem do agricultor percebeu que tinha a resposta à adivinha.  Surgiram algumas dificuldades relacionadas com o nome da profissão. No entanto, as crianças acabaram por chegar à resposta certa.</p>
<p><u>Adivinha 2</u>  <i>Quem é, quem é?  Faz uns petiscos saborosos,  Quer a todos agradar,  Se formos ao restaurante,  Lá o poderemos encontrar.</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Cozinheiro</i></p>		X	<p>A criança que recebeu a imagem relativa à resposta à adivinha não percebeu inicialmente que teria a resposta. Outras crianças iniciaram a discussão, mostrando os cartões com um padeiro e um talhante. Depois, a criança com a imagem correta entrou também na discussão, até que todos concluíram que, pelas pistas dadas, só poderia ser o cozinheiro.</p>
<p><u>Adivinha 3</u>  <i>Faz a massa e amassa bem,  Traz o pãozinho, que bom  cheiro tem!</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Padeiro</i></p>	X		<p>A criança que recebeu a imagem do padeiro percebeu que tinha a resposta à adivinha. Contudo, não conseguiu dizer o nome da profissão. Depois de algum debate, as crianças acabaram por chegar à resposta certa.</p>
<p><u>Adivinha 4</u>  <i>Vende o peixe fresquinho,  Acabado de sair do mar.  Podes ir até à lota,  Ou no mercado o encontrar.</i></p>		X	<p>A criança com a imagem certa identificou o seu referente, mas não conseguiu dizer o nome da profissão. Inicialmente, pensou que se tratava de um <i>pescador</i>.</p>

<p><u>Resposta:</u> <i>Peixeiro</i></p>			<p>Gerou-se alguma confusão entre <i>peixeiro</i> e <i>pescador</i>. No entanto, depois de discutirem sobre o assunto e de serem dadas algumas explicações, as crianças perceberam as diferenças entre ambas as profissões e responderam corretamente.</p>
<p><u>Adivinha 5</u> <i>Ele tem uma loja E as carnes sabe cortar. Vende-as lá no talho, Só tens que pagar.</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Talhante</i></p>	X		<p>A criança que recebeu a imagem relativa à resposta à adivinha identificou o seu referente. Todas as crianças tiveram muita dificuldade em dizer o nome da profissão. Uma criança brasileira disse tratar-se de um <i>açougueiro</i>, mas as outras não perceberam. Acabei por dar a resposta, uma vez que nenhuma criança conseguiu chegar ao nome da profissão.</p>

**Quadro 2 – Respostas dadas pelas crianças a adivinhas ligadas a inferências informativas de agente (1ª sessão)**

No Quadro 3, apresentamos os resultados da análise das respostas dadas às adivinhas que exigiam inferências informativas de objeto (*O quê?*):

Adivinhas e respostas	Respostas		Observações
	Certas	Erradas	
<p><u>Adivinha 6</u> <i>Qual é a coisa, qual é ela Que tem escamas, mas não é peixe, E tem coroa, mas não é rei?</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Ananás</i></p>	X		<p>A criança identificou o referente da imagem e deu a resposta correta.</p>
<p><u>Adivinha 7</u> <i>Faço os olhos bonitinhos E os coelhos são doidos por mim. Cresço de pé E sirvo para pratos sem fim.</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Cenoura</i></p>	X		<p>A criança identificou o referente da imagem e deu a resposta correta.</p>
<p><u>Adivinha 8</u> <i>Bebe-se para matar a sede E também serve para banho tomar. Cai das nuvens quando chove, Mas onde há muita é no mar.</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Água</i></p>		X	<p>Inicialmente, a criança com a imagem do mar mostrou-a aos colegas como sendo a resposta correta. Em seguida, a criança com a imagem da água também a mostrou aos colegas, como sendo a resposta certa. Geraram-se algumas dúvidas entre mar e água, que foram dissipadas após algum diálogo entre as crianças, tendo</p>

			em conta as pistas dadas pelo texto da adivinha.
<p><u>Adivinha 9</u>  <i>Branco é                  Galinha o põe.</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Ovo</i></p>		X	<p>A criança não associou a resposta da adivinha à sua imagem.                  Porém as outras crianças conseguiram responder à adivinha e ela, então, mostrou a sua imagem.</p>
<p><u>Adivinha 10</u>  <i>Pela manhã ou ao deitar                  O teu estômago vou                  aconchegar.                  Ajudo os teus ossos a crescer.                  Adivinha o que posso ser.</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Leite</i></p>		X	<p>A criança identificou o referente da imagem, mas, inicialmente, considerou que a resposta seria <i>vaca</i>.                  Só depois de analisar melhor as pistas da adivinha e a imagem é que chegou à resposta correta.</p>
<p><u>Adivinha 11</u>  <i>O que é, o que é?                  Tem cor branca como a neve                  e é muito docinho.                  Se o juntarem a líquidos,                  Fica logo dissolvido.</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Açúcar</i></p>		X	<p>Esta adivinha gerou bastantes dificuldades.                  Inicialmente uma criança respondeu <i>gelo</i>.                  Depois de algum diálogo com as crianças acerca do texto da adivinha, estas acabaram por chegar à resposta correta.                  A criança com a imagem do açúcar só a identificou depois de todos terem chegado à solução, em grande grupo.</p>
<p><u>Adivinha 12</u>  <i>Vestida de amarelo,                  No cacho me criei.                  Sou tão saborosa                  Que até ao macaco agradei.</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Banana</i></p>	X		<p>A criança identificou o referente da imagem e deu a resposta correta.</p>
<p><u>Adivinha 13</u>  <i>Sou vermelho e sumarento,                  Salpicado de pintinhas,                  Fico bem com açúcar                  E comem-me numas tacinhas.</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Morango</i></p>	X		<p>A criança identificou o referente da imagem e deu a resposta correta.</p>

Quadro 3 – Respostas dadas pelas crianças a adivinhas ligadas a inferências informativas de objeto (1ª sessão)

No Quadro 4, apresentamos os resultados da análise das respostas dadas às adivinhas que exigiam inferências informativas de lugar (*Onde?*):

Adivinhas e respostas	Respostas		Observações
	Certas	Erradas	
<p><u>Adivinha 14</u>  <i>Onde vais passear</i>  <i>E um gelado saborear.</i>  <i>Mas, claro, sem exagerar!</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Praia</i></p>		X	<p>A criança identificou o referente da imagem, mas, inicialmente, considerou que a resposta seria <i>gelado</i>.  Depois de algum debate, acabou por descartar essa hipótese e responder corretamente.</p>
<p><u>Adivinha 15</u>  <i>Onde é, onde é</i>  <i>Que os peixes nadam</i>  <i>Os barcos navegam</i>  <i>E os pescadores pescam?</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Mar</i></p>	X		<p>A criança identificou o referente da imagem e deu a resposta correta.</p>
<p><u>Adivinha 16</u>  <i>O peixe sai fresquinho,</i>  <i>Partido ou inteiro.</i>  <i>Podes levar quanto quiseres,</i>  <i>Desde que tenhas dinheiro.</i>  <i>Onde é este lugar?</i>  <i>Consegues adivinhar?</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Peixaria</i></p>		X	<p>A criança identificou o referente da imagem, mas, inicialmente, considerou que a resposta seria <i>peixeira</i>.  Esta adivinha gerou algumas dificuldades, uma vez que as crianças não sabiam o nome da loja onde se vende o peixe.  Acabei por dar a resposta correta, uma vez que as crianças não conseguiram lá chegar.</p>
<p><u>Adivinha 17</u>  <i>Aqui fazem-se bolos e pastéis.</i>  <i>É um bom sítio para lanchar.</i>  <i>Onde é este lugar?</i>  <i>Que me dizeis?</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Pastelaria</i></p>		X	<p>A criança identificou o referente da imagem, mas, inicialmente, considerou que a resposta seria <i>doces</i>.  Após termos analisado as pistas dadas pelo texto da adivinha, a criança deu a resposta correta.</p>
<p><u>Adivinha 18</u>  <i>É um bom sítio para ir,</i>  <i>Se bem queremos comer.</i>  <i>Tiramos os legumes da terra</i>  <i>E uma salada podemos fazer.</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Horta</i></p>		X	<p>A criança identificou o referente da imagem, mas, inicialmente, considerou que a resposta seria <i>terra</i>.  Após algum debate com os colegas, a criança chegou à resposta correta.</p>

Quadro 4 – Respostas dadas pelas crianças a adivinhas ligadas a inferências informativas de lugar (1ª sessão)

No Quadro 5, apresentamos os resultados da análise das respostas dadas às adivinhas que exigiam inferências informativas de tempo (*Quando?*):

Adivinhas e respostas	Respostas		Observações
	Certas	Erradas	
<p><u>Adivinha 19</u>  <i>As árvores estão a abanar,                      Há ouriços a quebrar                      E castanhas para assar.                      Quando é que isto se está a passar?                      Consegues adivinhar?</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Outono</i></p>		X	<p>A criança identificou o referente da imagem, mas não deu a resposta correta. Fez uma descrição da imagem dizendo que “<i>as folhas estão a cair</i>”. Os colegas ajudaram a chegar à resposta.</p>

**Quadro 5 – Respostas dadas pelas crianças a adivinhas ligadas a inferências informativas de tempo (1ª sessão)**

De seguida, vamos apresentar os resultados da análise das justificações apresentadas para as respostas dadas.

No Quadro 6, apresentamos os resultados da análise das justificações relativas às adivinhas que exigiam inferências informativas de agente (*Quem?*):

Adivinhas e respostas	Justificações		Observações
	Certas	Erradas	
<p><u>Adivinha 1</u>  <i>Adora a Natureza,                      Mas a terra tem que cavar,                      Para plantar os alimentos,                      Que mais tarde vamos saborear.</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Agricultor</i></p>	<p>“<i>Tem uma ferramenta para cavar que a ovelha choné também tem.</i>”</p>		<p>A criança faz referência ao que vê na imagem (ferramenta), associando-o às suas experiências pessoais.</p>
<p><u>Adivinha 2</u>  <i>Quem é, quem é?                      Faz uns petiscos saborosos,                      Quer a todos agradar,                      Se formos ao restaurante,                      Lá o poderemos encontrar.</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Cozinheiro</i></p>		<p><u>Padeiro</u>                      “<i>Faz comida.</i>”</p> <p><u>Talhante</u>                      “<i>Também está no restaurante.</i>”</p>	<p>Uma criança mostrou a imagem representando o padeiro, considerando ser a resposta à adivinha.</p> <p>Uma criança mostrou a imagem representando o talhante, considerando ser a resposta correta à adivinha. No entanto, não conseguiu dizer o nome da profissão, apenas “<i>que o homem está a cortar a carne para cozinhar</i>”. Contudo, as respostas estão de acordo com a pergunta, quanto ao tipo de inferência</p>

			(agente).  <u>Cozinheiro</u> Finalmente, a criança com a imagem correta interveio na discussão, mostrando a sua imagem e dizendo que “é o cozinheiro, porque cozinha no restaurante”.
<u>Adivinha 3</u> <i>Faz a massa e amassa bem, Traz o pãozinho, que bom cheiro tem!</i>  <u>Resposta:</u> <i>Padeiro</i>	<i>“Faz o pão.”</i>		A criança faz referência ao que vê na imagem.
<u>Adivinha 4</u> <i>Vende o peixe fresquinho, Acabado de sair do mar. Podes ir até à loja, Ou no mercado o encontrar.</i>  <u>Resposta:</u> <i>Peixeiro</i>		<u>Pescador</u> <i>“Apanha o peixe no mar.”</i>	A criança não faz uma leitura correta da adivinha, uma vez que não é referido quem apanha o peixe, mas sim quem o vende. No entanto, a resposta está de acordo com a pergunta, quanto ao tipo de inferência (agente).
<u>Adivinha 5</u> Ele tem uma loja E as carnes sabe cortar. Vende-as lá no talho, Só tens que pagar.  <u>Resposta:</u> <i>Talhante</i>	<i>“Está a cortar a carne.”</i>		A criança faz referência ao que vê na imagem, mas não consegue identificar o nome da profissão.

**Quadro 6 – Justificações dadas pelas crianças para respostas a adivinhas ligadas a inferências informativas de agente (1ª sessão)**

No Quadro 7, apresentamos os resultados da análise das justificações relativas às adivinhas que exigiam inferências informativas de objeto (*O quê?*):

Adivinhas e respostas	Justificações		Observações
	Certas	Erradas	
<u>Adivinha 6</u> <i>Qual é a coisa, qual é ela Que tem escamas, mas não é peixe, E tem coroa, mas não é rei?</i>  <u>Resposta:</u> <i>Ananás</i>	<i>“As escamas é a casca e a coroa é as folhas.”</i>		A criança faz referência ao texto da adivinha, associando-o à sua imagem do ananás.
<u>Adivinha 7</u> <i>Faço os olhos bonitinhos</i>	<i>“Faz bem aos olhos”</i>		A criança faz referência ao texto da adivinha.

<p><i>E os coelhos são doidos por mim. Cresço de pé E sirvo para pratos sem fim.</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Cenoura</i></p>	<p><i>e os coelhos gostam.”</i></p>		
<p><u>Adivinha 8</u> <i>Bebe-se para matar a sede E também serve para banho tomar. Cai das nuvens quando chove, Mas onde há muita é no mar.</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Água</i></p>	<p><i>“Bebemos água e serve para tomar banho. E também chove e tem no mar.”</i></p>		<p>A criança faz referência ao texto da adivinha.</p>
<p><u>Adivinha 9</u> <i>Branco é Galinha o põe.</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Ovo</i></p>	<p><i>“Quem põe é a galinha.”</i></p>		<p>A criança faz referência ao texto da adivinha.</p>
<p><u>Adivinha 10</u> <i>Pela manhã ou ao deitar O teu estômago vou aconchegar. Ajudo os teus ossos a crescer. Adivinha o que posso ser.</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Leite</i></p>		<p><u>Vaca</u> <i>“Dá o leite.”</i></p>	<p>A criança não faz uma boa leitura do texto da adivinha. Responde a vaca, porque é quem dá o leite, quando o tipo de inferência pressuposto era o de objeto e não de agente.</p>
<p><u>Adivinha 11</u> <i>O que é, o que é? Tem cor branca como a neve e é muito docinho. Se o juntarem a líquidos, Fica logo dissolvido.</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Açúcar</i></p>		<p><u>Gelo</u> <i>“Derrete na água.”</i></p>	<p>A criança faz referência a uma das pistas dadas pelo texto da adivinha (<i>Se o juntarem a líquidos, Fica logo dissolvido</i>), mas ignora as restantes (tem cor branca como a neve e é muito docinho).</p>
<p><u>Adivinha 12</u> <i>Vestida de amarelo, No cacho me criei. Sou tão saborosa Que até ao macaco agradei.</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Banana</i></p>	<p><i>“Pela cor e pelo macaco.”</i></p>		<p>A criança faz referência ao texto da adivinha, associando-o à imagem com a banana.</p>
<p><u>Adivinha 13</u> <i>Sou vermelho e sumarento, Salpicado de pintinhas, Fico bem com açúcar E comem-me numas tacinhas.</i></p>	<p><i>“É vermelho e fica bom com açúcar.”</i></p>		<p>A criança faz referência ao texto da adivinha.</p>

Resposta: <i>Morango</i>			
-----------------------------	--	--	--

**Quadro 7 – Justificações dadas pelas crianças para respostas a adivinhas ligadas a inferências informativas de objeto (1ª sessão)**

No Quadro 8, apresentamos os resultados da análise das justificações relativas às adivinhas que exigiam inferências informativas de lugar (*Onde?*):

Adivinhas e respostas	Justificações		Observações
	Certas	Erradas	
<p><u>Adivinha 14</u> <i>Onde vais passear</i> <i>E um gelado saborear.</i> <i>Mas, claro, sem exagerar!</i></p> <p>Resposta: <i>Praia</i></p>		<p><u>Gelado</u> <i>“Está a comer o gelado na praia.”</i></p>	<p>A criança faz referência à imagem. Existe confusão quanto ao tipo de inferência pressuposto (lugar e não objeto).</p>
<p><u>Adivinha 15</u> <i>Onde é, onde é</i> <i>Que os peixes nadam</i> <i>Os barcos navegam</i> <i>E os pescadores pescam?</i></p> <p>Resposta: <i>Mar</i></p>	<p><i>“Tem peixes e barcos.”</i></p>		<p>A criança faz referência ao que observa na imagem.</p>
<p><u>Adivinha 16</u> <i>O peixe sai fresquinho,</i> <i>Partido ou inteiro.</i> <i>Podes levar quanto quiseres,</i> <i>Desde que tenhas dinheiro.</i> <i>Onde é este lugar?</i> <i>Consegues adivinhar?</i></p> <p>Resposta: <i>Peixaria</i></p>		<p><u>Peixeira</u> <i>“É quem vende o peixe.”</i></p>	<p>A criança faz referência ao texto da adivinha, que remete para a venda do peixe. No entanto, não responde à pergunta <i>“Onde é este lugar?”</i>.</p>
<p><u>Adivinha 17</u> <i>Aqui fazem-se bolos e pastéis.</i> <i>É um bom sítio para lanchar.</i> <i>Onde é este lugar?</i> <i>Que me dizeis?</i></p> <p>Resposta: <i>Pastelaria</i></p>		<p><u>Doces</u> <i>“A imagem tem doces.”</i></p>	<p>A criança faz referência à imagem.</p>
<p><u>Adivinha 18</u> <i>É um bom sítio para ir,</i> <i>Se bem queremos comer.</i> <i>Tiramos os legumes da terra</i> <i>E uma salada podemos fazer.</i></p> <p>Resposta: <i>Horta</i></p>		<p><u>Terra</u> <i>“A imagem tem legumes e terra.”</i></p>	<p>A criança faz referência à imagem. Mas, após debate com as restantes, a criança chega à conclusão que <i>“é na horta que plantamos os legumes”</i>.</p>

**Quadro 8 – Justificações dadas pelas crianças para respostas a adivinhas ligadas a inferências informativas de lugar (1ª sessão)**

No Quadro 9, apresentamos os resultados da análise das justificações relativas às adivinhas que exigiam inferências informativas de tempo (*Quando?*):

Adivinhas e respostas	Justificações		Observações
	Certas	Erradas	
<p><u>Adivinha 19</u>  <i>As árvores estão a abanar,                      Há ouriços a quebrar                      E castanhas para assar.                      Quando é que isto se está a passar?                      Consegues adivinhar?</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Outono</i></p>		<p><i>“As árvores estão a abanar e as folhas estão a cair.”</i></p>	<p>A criança associa o texto da adivinha à imagem, mas não consegue chegar à resposta, sem a ajuda dos colegas.                      Um dos colegas explicou que <i>“é no outono que as folhas caem das árvores”</i>.</p>

**Quadro 9 – Justificações dadas pelas crianças para respostas a adivinhas ligadas a inferências informativas de tempo (1ª sessão)**

No Quadro 10, apresentamos os resultados da análise do desempenho das crianças nesta atividade de compreensão de adivinhas:

Tipos de inferências	Respostas				Justificações			
	Certas		Erradas		Certas		Erradas	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Agente (Quem?)	3	60	2	40	3	60	2	40
Objeto (O quê?)	4	50	4	50	6	75	2	25
Lugar (Onde?)	1	20	4	80	1	20	4	80
Tempo (Quando?)	0	0	1	100	0	0	1	100

**Quadro 10 – Desempenho das crianças em compreensão de adivinhas (1ª sessão)**

A sua leitura revela-nos que, de um modo geral, as crianças responderam adequadamente às adivinhas que exigiam inferência de agente (1, 2, 3, 4 e 5): das cinco adivinhas apresentadas, conseguiram solucionar três. As outras duas causaram maior dificuldade na sua resolução, devido ao facto de desconhecerem os nomes das profissões a que se referiam. No entanto, mesmo as respostas erradas enquadravam-se no tipo de inferência pressuposto pela adivinha (*agente*), como podemos verificar no Quadro 2. A partir da análise das justificações apresentadas pelas crianças para este tipo de adivinhas (cf. Quadro 6), é também perceptível que a maior dificuldade se prendia com as designações das profissões e com algumas confusões entre as mesmas: por exemplo, entre *pescador* e *peixeiro*.

O segundo grupo de adivinhas (6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13) tinha o intuito de explorar o tipo de inferência de objeto, que é a mais comumente trabalhada, se tivermos em conta a famosa expressão: “*Qual é a coisa, qual é ela?*”. Neste caso, as crianças acertaram tantas respostas como as que falharam, como podemos comprovar no Quadro 10. Quanto às justificações, as crianças acertaram em seis e erraram duas. A criança que deu a resposta errada à adivinha 8 não justificou a sua opção e a que posteriormente respondeu corretamente justificou de forma acertada e foi considerada essa justificação. Quanto à adivinha 9, a criança que respondeu inicialmente não a associou à sua imagem, sendo depois auxiliada por outra, que respondeu e justificou corretamente, sendo aceite e considerada essa justificação.

O grupo seguinte compreendia as adivinhas 14, 15, 16, 17 e 18, que visavam o desenvolvimento da inferência de lugar. Como podemos verificar no Quadro 10, este tipo de inferência causou grandes dificuldades às crianças. Neste caso, as que responderam incorretamente não tiveram sequer em conta o tipo de inferência, uma vez que as respostas não se enquadravam no pressuposto (lugar), como se pode comprovar no Quadro 4. Apesar das respostas estarem dentro do tema da adivinha, não respondem à pergunta “*Onde?*”.

O último grupo inclui apenas uma adivinha (19). A criança que respondeu à adivinha inicialmente deu uma resposta incorreta: apesar de ter associado à adivinha a imagem adequada, não identificou o tipo de inferência pressuposto, nem conseguiu justificar a sua opinião, limitando-se a descrever a imagem (cf. Quadro 5). Contudo, após algum debate, um dos colegas ajudou-a, respondendo corretamente e apresentando uma justificação adequada (cf. Quadro 9).

Em suma, constatamos que o tipo de inferência que as crianças fizeram com mais facilidade diz respeito ao agente (*Quem?*).

Verificamos também que as imagens alusivas às adivinhas auxiliaram o processo de busca da resposta. De facto, muitas crianças identificaram as suas imagens com as respostas corretas, apoiando-se nas mesmas para justificarem as suas respostas (adivinhas 1, 3, 5, 6, 7, 12, 13 e 15). Contudo, algumas, apesar de associarem corretamente a sua imagem a uma das adivinhas apresentadas, perderam-se na análise

do respetivo texto (adivinhas 10, 14, 16, 17, 18 e 19). Nas adivinhas 10, 14, 17 e 18, as crianças basearam-se unicamente no que era mais evidente nas imagens para responder à adivinha, não se preocupando com o seu texto. No entanto, após uma análise mais atenta do texto, chegaram facilmente à solução da adivinha.

Na segunda sessão, foi novamente proposta às crianças uma atividade que consistia em responder a adivinhas que tínhamos apresentado e justificar as respostas dadas.

Esta atividade teve um grau de dificuldade mais elevado do que a anterior, porque, desta vez, as crianças não puderam recorrer a cartões com imagens alusivas às respostas das adivinhas. Assim sendo, tiveram de ouvir, compreender, interpretar, inferir, responder e justificar. No entanto, tinham a seu favor o facto de já conhecerem a maioria das adivinhas da sessão anterior, apesar de já ter decorrido algum tempo.

No Quadro 11, apresentamos os resultados da análise das respostas dadas às adivinhas apresentadas:

Tipos de inferências	Adivinhas e respostas	Respostas		Observações
		Certas	Erradas	
Agente (Quem?)	<p><u>Adivinha 1</u>  <i>Adora a Natureza,                      Mas a terra tem que cavar,                      Para plantar os alimentos,                      Que mais tarde vamos saborear.</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Agricultor</i></p>		X	<p>“Plantar.”                      A adivinha faz referência a “plantar os alimentos” e a criança deu essa resposta. Outra criança deu a resposta correta, dizendo: “É o agricultor, porque ele planta frutos.”</p>
	<p><u>Adivinha 2</u>  <i>Vende o peixe fresquinho,                      Acabado de sair do mar.                      Podes ir até à loja,                      Ou no mercado o encontrar.</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Peixeiro</i></p>		X	<p>“Peixaria.”                      A criança não identificou o tipo de inferência pressuposto pela adivinha (agente), indicando o lugar onde se vende o peixe e não quem o vende. Depois de algumas orientações, acabou por responder corretamente.</p>
Objeto (O quê?)	<p><u>Adivinha 3</u>  <i>Vestida de amarelo,                      No cacho me criei.                      Sou tão saborosa                      Que até ao macaco agradei.</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Banana</i></p>	X		A criança respondeu corretamente.
	<p><u>Adivinha 4</u>                      Branco é</p>	X		A criança respondeu corretamente.

	<p><i>Galinha o põe.</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Ovo</i></p>			
	<p><u>Adivinha 5</u> <i>Pela manhã ou ao deitar O teu estômago vou aconchegar. Ajudo os teus ossos a crescer. Adivinha o que posso ser.</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Leite</i></p>	X		A criança respondeu corretamente.
	<p><u>Adivinha 6</u> <i>Qual é a coisa, qual é ela Que tem escamas, mas não é peixe, E tem coroa, mas não é rei?</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Ananás</i></p>		X	<p><i>“Camaleão ou cobra.”</i> A criança referiu erradamente que a cobra e o camaleão têm escamas e ignorou a outra pista (tem coroa, mas não é rei). <i>“Rainha.”</i> Esta criança referiu a rainha, uma vez o texto da adivinha se refere a algo que tem coroa e não é rei, mas ignorou a outra pista (tem escamas, mas não é peixe). Depois destas respostas erradas, uma criança chegou à resposta correta partilhando-a com os colegas.</p>
	<p><u>Adivinha 7</u> <i>O que é, o que é? Tem cor branca como a neve e é muito docinho. Se o juntarem a líquidos, Fica logo dissolvido.</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Açúcar</i></p>		X	<p><i>“Iogurte líquido.”</i> A criança deu esta resposta, uma vez que o iogurte tem cor branca e é doce, não tendo em conta a outra informação dada pelo texto da adivinha (se o juntarem a líquidos, fica logo dissolvido). Esta adivinha voltou a gerar bastantes dificuldades, originando discussão em grande grupo.</p>
Lugar (Onde?)	<p><u>Adivinha 8</u> <i>Onde será que metes Os biscoitos a assar? É tão quente como um vulcão, Acho que não adivinhas, não!</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Forno</i></p>	X		A criança respondeu corretamente.
	<p><u>Adivinha 9</u> <i>O peixe sai fresquinho, Partido ou inteiro. Podes levar quanto quiseres, Desde que tenhas dinheiro. Onde é este lugar?</i></p>	X		As crianças dividiram-se entre <i>peixaria</i> e <i>mercado</i> . Aceitam-se as duas respostas, uma vez que a pergunta contida na adivinha se referia ao lugar onde se vende o peixe.

	<p><i>Consegues adivinhar?</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Peixaria</i></p>			
Tempo (Quando?)	<p><u>Adivinha 10</u> <i>Quando é, quando é, Que chega o calor, As abelhas recolhem o pólen da flor E fazem o mel com muito amor?</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Primavera</i></p>		X	<p><i>“Flor amarela.”</i> A criança não fez a leitura correta do texto da adivinha. No entanto, após discussão em grande grupo, as crianças chegaram à resposta correta.</p>
	<p><u>Adivinha 11</u> <i>As árvores estão a abanar, Há ouriços a quebrar E castanhas para assar. Quando é que isto se está a passar? Consegues adivinhar?</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Outono</i></p>		X	<p><i>“Folhas a cair das árvores.”</i> A criança não fez a leitura correta do texto da adivinha. No entanto, outra criança corrigiu o colega e respondeu corretamente.</p>

Quadro 11 – Respostas dadas pelas crianças a adivinhas ligadas a diversos tipos de inferências (2ª sessão)

No Quadro 12, apresentamos os resultados da análise das justificações apresentadas pelas crianças para as respostas dadas às adivinhas apresentadas:

Tipos de inferências	Adivinhas e respostas	Justificações		Observações
		Certas	Erradas	
Agente (Quem?)	<p><u>Adivinha 1</u> <i>Adora a Natureza, Mas a terra tem que cavar, Para plantar os alimentos, Que mais tarde vamos saborear.</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Agricultor</i></p>		<p><u>Plantar</u> <i>“porque cava a terra para plantar os alimentos.”</i></p>	A criança repetiu o texto da adivinha.
	<p><u>Adivinha 2</u> <i>Vende o peixe fresquinho, Acabado de sair do mar. Podes ir até à loja, Ou no mercado o encontrar.</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Peixeiro</i></p>		<p><u>Peixaria</u> <i>“É onde se vende o peixe.”</i></p>	A criança não identificou o tipo de inferência pressuposto pela adivinha (agente), fazendo referência ao lugar.
Objeto (O quê?)	<p><u>Adivinha 3</u> <i>Vestida de amarelo,</i></p>	<i>“Porque os macacos</i>		A criança faz referência às pistas dadas no texto da adivinha.

	<p><i>No cacho me criei. Sou tão saborosa Que até ao macaco agradei.</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Banana</i></p>	<p><i>comem bananas e elas são amarelas.”</i></p>		
	<p><u>Adivinha 4</u> <i>Branco é Galinha o põe.</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Ovo</i></p>	<p><i>“Porque é a galinha que o deita.”</i></p>		<p>A criança faz referência às pistas dadas no texto da adivinha.</p>
	<p><u>Adivinha 5</u> <i>Pela manhã ou ao deitar O teu estômago vou aconchegar. Ajudo os teus ossos a crescer. Adivinha o que posso ser.</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Leite</i></p>	<p><i>“Faz crescer os ossos.”</i></p>		<p>A criança faz referência às pistas dadas no texto da adivinha.</p>
	<p><u>Adivinha 6</u> <i>Qual é a coisa, qual é ela Que tem escamas, mas não é peixe, E tem coroa, mas não é rei?</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Ananás</i></p>		<p><u>Camaleão e cobra</u> <i>“Porque tem escamas e não é peixe.”</i></p> <p><u>Rainha</u> <i>“Porque tem coroa e não é rei.”</i></p>	<p>A criança tinha conceitos prévios errados quanto ao revestimento do corpo do camaleão e da cobra e, além disso, ignorou a outra pista dada no texto da adivinha (tem coroa, mas não é rei). Esta inferência está correta. Porém, a criança não considerou a outra característica dada pelo texto da adivinha (tem escamas, mas não é peixe). Depois destas respostas erradas, uma criança respondeu corretamente, dizendo que <i>“tem coroa, é a parte verde”</i>.</p>
	<p><u>Adivinha 7</u> <i>O que é, o que é? Tem cor branca como a neve e é muito docinho. Se o juntarem a líquidos, Fica logo dissolvido.</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Açúcar</i></p>		<p><u>logurte líquido</u> <i>“Porque é branco, é doce e abana.”</i></p>	<p>A criança referiu algumas pistas dadas pelo texto, mas ignorou a outra (se o juntarem a líquidos, fica logo dissolvido).</p>
Lugar (Onde?)	<p><u>Adivinha 8</u> <i>Onde será que metes Os biscoitos a assar? É tão quente como um</i></p>	<p><i>“Porque é quente e eu faço lá bolachinhas</i></p>		<p>A criança referiu elementos do texto da adivinha, associando-o às suas experiências pessoais.</p>

	<p>vulcão, Acho que não adivinhas, não!</p> <p><u>Resposta:</u> Forno</p>	<p>com a mãe.”</p>		
	<p><u>Adivinha 9</u> O peixe sai fresquinho, Partido ou inteiro. Podes levar quanto quiseres, Desde que tenhas dinheiro. Onde é este lugar? Consegues adivinhar?</p> <p><u>Resposta:</u> Peixaria</p>	<p>“Porque é onde se vende o peixe”</p>		<p>A criança faz referência às pistas dadas no texto da adivinha.</p>
Tempo (Quando?)	<p><u>Adivinha 10</u> Quando é, quando é, Que chega o calor, As abelhas recolhem o pólen da flor E fazem o mel com muito amor?</p> <p><u>Resposta:</u> Primavera</p>		<p><u>Flor</u> <u>amarela</u> “Porque as abelhas recolhem o pólen das flores amarelas.”</p>	<p>A criança não responde à pergunta “Quando é?” presente no texto da adivinha. Contudo, depois de alguma discussão, uma criança chegou à resposta correta, justificando que “é na Primavera que chegam as flores”.</p>
	<p><u>Adivinha 11</u> As árvores estão a abanar, Há ouriços a quebrar E castanhas para assar. Quando é que isto se está a passar? Consegues adivinhar?</p> <p><u>Resposta:</u> Outono</p>		<p><u>Folhas</u> a <u>cair</u> “Porque as árvores abanam e as folhas caem.”</p>	<p>A criança não responde à pergunta “Quando é?” presente no texto da adivinha. Porém, outra criança corrige afirmando que “é no outono que se assam castanhas”.</p>

**Quadro 12 – Justificações dadas pelas crianças para respostas a adivinhas ligadas a diversos tipos de inferências (2ª sessão)**

No Quadro 13, apresentamos os resultados da análise do desempenho das crianças nesta atividade de compreensão de adivinhas:

Tipos de inferências	Respostas				Justificações			
	Certas		Erradas		Certas		Erradas	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Agente (Quem?)	0	0	2	100	0	0	2	100
Objeto (O quê?)	3	60	2	40	3	60	2	40
Lugar (Onde?)	2	100	0	0	2	100	0	0
Tempo (Quando?)	0	0	2	100	0	0	2	100

**Quadro 13 – Desempenho das crianças em compreensão de adivinhas (2ª sessão)**

A leitura do quadro acima apresentado permite-nos verificar que as crianças demonstraram maior facilidade nas adivinhas que exploravam a inferência de lugar e maiores dificuldades nas de agente, ao contrário do que havia acontecido na primeira sessão (cf. Quadro 10). As adivinhas que exploravam a inferência de agente mantiveram o nível de sucesso da primeira sessão. As crianças continuavam a evidenciar maiores dificuldades nas adivinhas que exploravam a inferência de tempo.

As adivinhas 1 e 2 exigiam inferências de agente. Desta vez, as crianças erraram as duas respostas, como podemos comprovar no Quadro 11. Em ambas as adivinhas, não foram capazes de identificar o tipo de inferência pressuposto. Este facto é ainda mais evidente na segunda adivinha, uma vez que a criança justificou a sua resposta dizendo que “*É onde se vende o peixe*” (cf. Quadro 12), quando deveria estar a pensar em quem vende o peixe.

As adivinhas 3, 4, 5, 6 e 7 exigiam inferências de objeto. A partir da análise do Quadro 13, podemos verificar que as crianças erraram duas respostas. Em ambas, o tipo de inferência pressuposto foi respeitado, dado que respondiam à pergunta “*O quê?*”. No entanto, as respostas (cf. Quadro 11) e respetivas justificações (cf. Quadro 12) não eram adequadas ao texto da adivinha.

As adivinhas que exigiam inferências de lugar (8 e 9) foram as que suscitaram menos dificuldades: as crianças responderam corretamente a ambas (cf. Quadro 13). Nenhuma suscitou dúvidas, pelo que as crianças inferiram, responderam e justificaram corretamente (cf. Quadros 11 e 12).

As crianças não conseguiram responder corretamente a nenhuma adivinha que exigisse inferências de tempo (cf. Quadro 13). No entanto, após alguma discussão, acabaram por chegar à resposta certa, como podemos verificar no Quadro 11. Isto demonstra que, apesar de terem tido grandes dificuldades em realizar este tipo de inferência, acabaram por o conseguir fazer com alguma prática e orientações nesse sentido.

Na quarta sessão, as crianças, organizadas em grupos, construíram adivinhas e depois cada um apresentou as suas aos restantes e avaliou as respostas dadas e as respetivas justificações.

No Quadro 14, apresentamos os resultados da análise das respostas dadas:

Tipos de inferências	Adivinhas e respostas	Respostas		Observações
		Certas	Erradas	
Objeto (O quê?)	<p><u>Adivinha 1</u>  <i>O que é, o que é                      Conduzido por um piloto,                      Tem asas, voa                      E leva as pessoas a passearem?</i></p> <p><u>Resposta:</u>                      Avião</p>	X		Várias crianças responderam instantaneamente e corretamente. O grupo teve facilidade em identificar a expressão interrogativa “O quê?”.
	<p><u>Adivinha 2</u>  <i>Qual é a coisa, qual é ela,                      Que tem janelas, mas não se podem abrir                      Senão pode cair?</i></p> <p><u>Resposta:</u>                      Avião</p>		X	<p>“Casa”</p> <p>A primeira resposta reflete que a criança apenas pensou em algo que tenha janelas, não tendo em conta as outras características referidas no texto (mas não se podem abrir, senão pode cair).</p> <p>A resposta a esta adivinha não foi instantânea, mas uma criança acabou por chegar à resposta. Esta adivinha gerou discussão entre o grupo, uma vez que algumas crianças não sabiam que não se podem abrir as janelas do avião quando este está a voar.</p> <p>Mesmo a resposta errada respeita o tipo de inferência pressuposto, dado que responde à pergunta “O quê?”.</p>
Lugar (Onde)	<p><u>Adivinha 3</u>  <i>Onde é, onde é                      Que os astronautas                      Podem ir de foguetão?</i></p> <p><u>Resposta:</u>                      Espaço</p>	X		As crianças responderam instantaneamente de forma correta e não mostraram dificuldades em identificar a expressão interrogativa “Onde?”.
	<p><u>Adivinha 4</u>  <i>Onde é, onde é                      Que o homem não consegue ir,                      Nem de barco, nem de carro,                      Nem de avião, nem a pé?</i></p> <p><u>Resposta:</u>                      Espaço</p>		X	<p>“Nuvens”</p> <p>Esta resposta demonstra que a criança não teve em conta a pista dada pelo texto que refere que o homem não consegue ir de avião. No entanto, a criança respondeu corretamente, quando questionada acerca da expressão interrogativa. Entretanto, as crianças acabaram por chegar à resposta correta, relembrando a adivinha anterior.</p>
Agente (Quem?)	<p><u>Adivinha 5</u>  <i>Quem é, quem é, que toma conta dos animais</i></p>	X		Esta adivinha foi solucionada corretamente.

	<i>e não deixa os lobos atacarem as ovelhas?</i>  <u>Resposta:</u> <i>Pastor</i>			
	<u>Adivinha 6</u> <i>Quem cuida dos jardins: corta a relva e rega as flores?</i>  <u>Resposta:</u> <i>Jardineiro</i>	X		Esta adivinha foi solucionada corretamente.
	<u>Adivinha 7</u> <i>Quem faz as casas para podermos morar?</i>  <u>Resposta:</u> <i>Construtor</i>	X		Esta adivinha foi solucionada corretamente, apesar de a resposta ter sido “ <i>Bob, o construtor</i> ” (desenhos animados muito famosos entre o grupo). No entanto, após a criança ser questionada, respondeu que “ <i>não é só o Bob, há outros construtores</i> ”.
	<u>Adivinha 8</u> <i>Quem é que cozinha a comida nos restaurantes?</i>  <u>Resposta:</u> <i>Cozinheiro</i>	X		Esta adivinha foi solucionada corretamente.
	<u>Adivinha 9</u> <i>Quem usa uma bata branca, está num consultório e arranja os nossos dentes?</i>  <u>Resposta:</u> <i>Dentista</i>	X		Esta adivinha foi solucionada corretamente. No entanto, gerou debate quanto à justificação (quadro seguinte).
	<u>Adivinha 10</u> <i>Quem é que está na escola e ensina coisas importantes aos meninos?</i>  <u>Resposta:</u> <i>Professor</i>	X		Esta adivinha foi solucionada corretamente.

Quadro 14 – Respostas dadas pelos grupos às adivinhas criadas pelos outros (4ª sessão)

No Quadro 15, apresentamos os resultados da análise das justificações apresentadas para as respostas dadas:

Tipos de inferências	Adivinhas e respostas	Justificações		Observações
		Certas	Erradas	
Objeto (O quê?)	<u>Adivinha 1</u> <i>O que é, o que é</i>	X		“ <i>O avião tem asas e voa.</i> ” “ <i>E também tem um piloto.</i> ”

	<p><i>Conduzido por um piloto, Tem asas, voa E leva as pessoas a passearem?</i></p> <p><u>Resposta:</u> Avião</p>			<p>Esta adivinha foi solucionada e justificada corretamente, com base nas pistas dadas pelo texto da adivinha. Uma criança iniciou a justificação e a segunda completou.</p>
	<p><u>Adivinha 2</u> <i>Qual é a coisa, qual é ela, Que tem janelas, mas não se podem abrir Senão pode cair?</i></p> <p><u>Resposta:</u> Avião</p>		X	<p>“A casa tem janelas” Inicialmente, a criança respondeu e justificou incorretamente. Contudo, após uma análise mais aprofundada ao texto, uma criança respondeu corretamente, justificando que “<i>não se podem abrir as janelas do avião</i>”. Algumas crianças ficaram surpreendidas com esta característica dos aviões.</p>
Lugar (Onde)	<p><u>Adivinha 3</u> <i>Onde é, onde é Que os astronautas Podem ir de foguetão?</i></p> <p><u>Resposta:</u> Espaço</p>		X	<p>“O foguetão é para ir ao espaço” A criança justificou corretamente, com base no texto da adivinha.</p>
	<p><u>Adivinha 4</u> <i>Onde é, onde é Que o homem não consegue ir, Nem de barco, nem de carro, Nem de avião, nem a pé?</i></p> <p><u>Resposta:</u> Espaço</p>		X	<p>A criança que respondeu “<i>nuvens</i>” não justificou a sua opção, uma vez que os colegas interromperam dizendo que “<i>podemos ir às nuvens de avião</i>”. Depois de algum debate, uma criança referiu que “<i>é no espaço, porque só podemos ir de foguetão</i>”, apoiando-se no texto da adivinha anterior.</p>
Agente (Quem?)	<p><u>Adivinha 5</u> <i>Quem é, quem é, que toma conta dos animais e não deixa os lobos atacarem as ovelhas?</i></p> <p><u>Resposta:</u> Pastor</p>		X	<p>“O pastor toma conta das ovelhas.” A criança justificou corretamente, com base no texto da adivinha.</p>
	<p><u>Adivinha 6</u> <i>Quem cuida dos jardins: corta a relva e rega as flores?</i></p> <p><u>Resposta:</u> Jardineiro</p>		X	<p>“É o jardineiro que corta a relva e rega as flores.” A criança justificou corretamente, com base no texto da adivinha.</p>
	<p><u>Adivinha 7</u> <i>Quem faz as casas para</i></p>		X	<p>“É o Bob, o construtor, porque constrói casas e outras coisas.”</p>

	<i>podermos morar?</i>  <u>Resposta:</u> <i>Construtor</i>			A criança justificou corretamente, com base no texto da adivinha.
	<u>Adivinha 8</u> <i>Quem é que cozinha a comida nos restaurantes?</i>  <u>Resposta:</u> <i>Cozinheiro</i>	X		<i>“O cozinheiro está no restaurante.”</i> A criança justificou corretamente, com base no texto da adivinha.
	<u>Adivinha 9</u> <i>Quem usa uma bata branca, está num consultório e arranja os nossos dentes?</i>  <u>Resposta:</u> <i>Dentista</i>		X	<i>“O dentista, porque arranca os nossos dentes e os nossos olhos.”</i> Apesar de a resposta correta ser “dentista”, a justificação dada pela criança não foi aceite, principalmente pelos colegas, que intervieram imediatamente. As crianças corrigiram o colega, dizendo que o dentista não arranca olhos. Para além disso, uma criança mais nova referiu que <i>“O dentista não arranca os dentes, arranja. Ele só arranca quando estão podres”</i> . Não foi perceptível o motivo de a primeira criança referir que o dentista arranca olhos, uma vez que a mesma não se alongou na explicação.
	<u>Adivinha 10</u> <i>Quem é que está na escola e ensina coisas importantes aos meninos?</i>  <u>Resposta:</u> <i>Professor</i>	X		<i>“É a professora que ensina.”</i> A criança justificou corretamente, com base no texto da adivinha.

**Quadro 15 – Justificações dadas pelos grupos para respostas a adivinhas criadas pelos outros (4ª sessão)**

A primeira adivinha foi facilmente decifrada pelos colegas.

A segunda gerou alguma discussão entre as crianças, uma vez que algumas não sabiam que não se pode abrir as janelas do avião, quando este está a voar. Uma criança referiu ainda que já tinha visto pessoas a atirarem-se de um avião com para-quedas, mas não era o mesmo avião que leva as pessoas a passearem (avião de passageiros).

A terceira adivinha foi facilmente desvendada pelas restantes crianças.

A quarta já foi mais difícil, mas acabaram igualmente por chegar à resposta correta, apoiando-se na terceira adivinha, cuja resposta é a mesma e é mais fácil de resolver.

As adivinhas seguintes (5, 6, 7, 8 e 10) foram facilmente desvendadas.

A adivinha 9 gerou alguma discórdia. Uma criança respondeu que era *“o dentista, porque arranca os nossos dentes e os nossos olhos.”*. As restantes apressaram-se a desfazer o engano, afirmando que o dentista não arranca olhos. Outra criança afirmou prontamente que *“o dentista também não arranca dentes, arranja. Só arranca quando estão podres.”*, demonstrando mais conhecimento sobre o assunto.

As crianças revelaram facilidade em identificar as expressões interrogativas das várias adivinhas, o que mostra que tinham apreendido os conceitos anteriormente abordados.

Na quinta sessão, as crianças foram convidadas a apresentar adivinhas que tinham trazido de casa, cujo texto tinha sido registado por escrito por familiares e resposta ilustrada pela criança, num cartão.

No Quadro 16, apresentamos os resultados das respostas dadas a estas adivinhas:

Tipos de inferências	Adivinhas e respostas	Respostas e justificações	Observações
Agente (Quem?)	<p><u>Adivinha 1</u>  <i>Quem é, quem é                      Que tem muito medo do lobo mau?</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Três porquinhos</i></p>	<p><i>“Três porquinhos, porque o lobo mau quer comer os porcos.”</i>  <i>“Também podem ser os cabritinhos e o capuchinho vermelho.”</i></p>	<p>A primeira criança a responder teve sucesso, dizendo que se tratava dos três porquinhos. Esta foi a resposta ilustrada em casa pela criança que trouxe a adivinha.</p> <p>Contudo, outra criança entrou na discussão, afirmando acertadamente que também poderiam ser outras personagens de histórias que têm igualmente medo do lobo mau.</p> <p>As crianças não demonstraram dificuldades em identificar a expressão interrogativa “Quem?”. No entanto, esta adivinha não é bem uma adivinha... é mais uma pergunta (direta).</p>
	<p><u>Adivinha 2</u>  <i>Quem é, quem é                      Que durante o dia nos aquece                      E à noite se esconde?</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Sol</i></p>	<p><i>“Sol, porque o sol se esconde à noite e de dia aquece.”</i></p>	<p>Esta adivinha não gerou dificuldades. A criança identificou as pistas dadas pelo texto da adivinha e inferiu a resposta corretamente.</p>
	<p><u>Adivinha 3</u>  <i>Quem é, quem é                      Que tem pelo de leão, mas não é leão,                      Tem boca de leão, mas não é</i></p>	<p><i>“Leoa, porque é igual ao leão.”</i></p>	<p>Esta adivinha foi facilmente decifrada pelas crianças, que responderam e justificaram de forma acertada.</p>

	<p><i>leão, Tem patas de leão, mas não é leão, Tem olhos de leão, mas não é leão, ...</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Leoa</i></p>		
	<p><u>Adivinha 4</u> <i>Quem é Que ruge como um dinossauro, Mas não é um dinossauro?</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Leão</i></p>	<p><i>“Leão, porque sabe rugir.”</i></p>	<p>As crianças não tiveram dificuldades na resposta, uma vez que responderam prontamente e de forma acertada.</p>
	<p><u>Adivinha 5</u> <i>Quem é O mais forte de todos os animais, Mas que já não está entre nós?</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Dinossauro T-Rex</i></p>	<p><i>“Gigante.” “Mas é o dinossauro.” “É o T-Rex, porque é o mais forte.”</i></p>	<p>Esta adivinha gerou mais alguma discussão do que as anteriores. A primeira criança a responder afirmou ser um gigante, mas não soube justificar. Em seguida, uma criança interpelou-a, dizendo que se tratava de um dinossauro, mas, tal como a anterior, não justificou a sua escolha. A última criança respondeu “T-Rex”, o nome de um dinossauro, porque, segundo a mesma, “é o mais forte” de todos os animais. Esta foi a resposta desenhada pela criança que trouxe a adivinha. Ninguém justificou a sua resposta com a pista “já não está entre nós”. No entanto, a educadora estagiária explorou a pista e as crianças justificaram a resposta, dizendo que “os dinossauros já morreram”. Mesmo a resposta errada “gigante” responde à expressão interrogativa “Quem?”.</p>
Objeto (O quê?)	<p><u>Adivinha 6</u> <i>O que é, o que é Que quanto mais seca, Mais molhado fica?</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Toalha</i></p>	<p><i>“Água” “Gelo” “Toalha, porque quando limpa as pessoas fica molhada.”</i></p>	<p>Esta adivinha gerou alguma discussão e dificuldade na procura da resposta adequada. As respostas erradas respeitaram o tipo de inferência pressuposto. As crianças que responderam de forma errada não conseguiram justificar as suas escolhas e conseguiram descartar as suas hipóteses, após uma análise mais aprofundada das pistas. Uma criança acabou por responder acertadamente e justificar de forma adequada a sua escolha.</p>
	<p><u>Adivinha 7</u> <i>Qual é a coisa qual é ela Que tem dentes, mas não come</i></p>	<p><i>“Gato.” “Gato, porque o animal tem fome.” “Garfo,</i></p>	<p>Esta adivinha também não foi desvendada imediatamente, obrigando as crianças a pensar um pouco mais no texto da adivinha. Apesar de respeitarem o tipo de inferência pressuposto, as primeiras crianças responderam</p>

	<p><i>E dá de comer a quem tem fome?</i></p> <p><u>Resposta:</u> Garfo</p>	<p><i>porque dá de comer.”</i> <i>“Só pode ser o garfo, porque também tem dentes.”</i></p>	<p>erradamente. Contudo, ambas perceberam que a sua resposta não se adequava à adivinha, ao analisarem a pista <i>“tem dentes, mas não come”</i>. A segunda criança a responder corrigiu-se dizendo que <i>“o gato come”</i>. Depois de melhor analisadas as pistas dadas pela adivinha, uma criança respondeu e justificou de forma acertada, dizendo que o garfo <i>“dá de comer”</i>. Outra criança completou a resposta do colega, dizendo que o mesmo <i>“também tem dentes”</i>. Algumas crianças surpreenderam-se com o facto do garfo ter dentes, mas, após a análise ao objeto e a explicação dos colegas, concordaram com o texto da adivinha.</p>
	<p><u>Adivinha 8</u> <i>Qual é a coisa qual é ela Que tem dentes, mas não come E dá de comer a quem tem fome?</i></p> <p><u>Resposta:</u> Garfo</p>	<p><i>“Garfo, porque dá para comer.”</i> <i>“Faca.”</i></p>	<p>Esta adivinha não foi apresentada imediatamente a seguir à anterior (igual). Mas as crianças ainda se lembravam e responderam instantaneamente. Porém, uma criança respondeu <i>“faca”</i>. Mas, depois de analisar melhor as pistas, concluiu que <i>“a faca não tem dentes e o garfo tem”</i>.</p>
	<p><u>Adivinha 9</u> <i>Qual é a coisa qual é ela, Que é encarnadilha E tem uma coroa verde, Mas não é rainha?</i></p> <p><u>Resposta:</u> Romã</p>	<p><i>“Ananás, porque tem coroa.”</i> <i>“Rei, porque tem coroa.”</i> <i>“Ananás, porque tem uma coroa verde.”</i> <i>“Princesa.”</i></p>	<p>Esta adivinha foi das mais difíceis para o grupo. Apesar da participação de várias crianças, nenhuma conseguiu desvendar a solução. As crianças que responderam erradamente, descartaram as suas hipóteses ao analisarem melhor o texto da adivinha, designadamente a pista <i>“é encarnadilha”</i>. Mesmo depois da criança que trouxe a adivinha mostrar a sua ilustração referente à resposta, as restantes não conseguiram identificar o fruto. Assim, a criança que a tinha trazido deu a resposta aos colegas <i>“É a romã, porque tem uma coroa”</i>. Neste caso, a maior dificuldade prendeu-se com o facto de a maioria das crianças não conhecer este fruto. Todas as opções dadas pelas crianças poderiam responder à pergunta <i>“O quê?”</i>.</p>
	<p><u>Adivinha 10</u> <i>O que é, o que é Que tem asas e voa, Mas não é ave?</i></p> <p><u>Resposta:</u> Avião</p>	<p><i>“Sapo.”</i> <i>“Coruja.”</i> <i>“Pássaro, porque tem asas.”</i> <i>“Águia.”</i> <i>“Avião, porque voa e não é um pássaro.”</i></p>	<p>A primeira criança respondeu instantaneamente <i>“sapo”</i>, sem pensar nas pistas dadas pelo texto da adivinha. Não conseguiu justificar a sua resposta. As crianças que se seguiram mencionaram nomes de aves, baseando-se nas pistas <i>“tem asas e voa”</i> e ignorando a característica dada posteriormente pelo texto da adivinha (mas não é uma ave). Mesmo depois de a educadora estagiária chamar a atenção para o facto de não</p>

			<p>ser um pássaro, uma criança ainda respondeu “águia”.</p> <p>Finalmente, uma criança deu a resposta certa e justificou de maneira adequada.</p> <p>Mesmo as respostas erradas respeitaram o tipo de inferência pressuposto.</p>
<p><u>Adivinha 11</u>  <i>Branco é e a galinha o põe.</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Ovo</i></p>	<p>“Ovos.”  <i>“Ovos e sai de lá os pintainhos.”</i></p>	<p>A maioria das crianças respondeu corretamente a esta adivinha, uma vez que já tinha sido explorada em sessões anteriores.</p>	
<p><u>Adivinha 12</u>  <i>Tem coroa, mas não é rei  E tem raiz, mas não é planta.</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Dente</i></p>	<p>“Pau.”  “Ananás.”  “Árvore.”</p>	<p>Já esta adivinha tem um grau de dificuldade mais elevado, o que originou num debate entre o grupo de crianças.</p> <p>Muitas participaram no mesmo, dando sugestões, mas, ao analisarem melhor o texto da adivinha e as suas pistas, descartaram as suas opções.</p> <p>Dada a dificuldade dos colegas em desvendar este enigma, a criança que trouxe a adivinha deu mais uma pista, dizendo “<i>está na nossa boca</i>”.</p> <p>Nessa altura, uma criança chegou à resposta correta, afirmando que se tratava do “<i>dente</i>”, mas não conseguiu justificar.</p> <p>A criança que trouxe a adivinha, com o auxílio da educadora estagiária, explicou aos colegas as características do dente referidas no texto.</p> <p>As crianças identificaram facilmente a expressão interrogativa “O quê?”, mesmo não estando explícita no texto da adivinha.</p>	
<p><u>Adivinha 13</u>  <i>O que é, o que é  Que quanto mais quente está,  Mais fresco é?</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Pão</i></p>	<p>“Vento,  <i>porque eu vi essa no telemóvel.”</i>  “Água,  <i>porque é fresca.”</i>  “Comida.”</p>	<p>Esta adivinha, também ela muito difícil, foi das que originou mais “dores de cabeça” ao grupo de crianças.</p> <p>Algumas crianças tentaram solucioná-la, mas sem sucesso.</p> <p>Dada a dificuldade dos colegas, a criança que trouxe a adivinha de casa deu mais uma pista, muita esclarecedora: “<i>Vende-se na padaria</i>”.</p> <p>Uma criança respondeu imediatamente “<i>pão</i>”.</p> <p>A educadora estagiária teve de explicar a lógica, uma vez que as crianças tiveram problemas em a compreender. Tanto a criança que respondeu acertadamente, como a que apresentou a adivinha, não conseguiram justificar de forma clara a sua resposta.</p>	
<p><u>Adivinha 14</u>  <i>Qual é coisa, qual é ela,  Que tem uma perna mais comprida que a outra  E de noite e de</i></p>	<p>“Relógio,  <i>porque há relógios pequenos para o pulso e relógios grandes para a parede.”</i></p>	<p>A resposta dada pela primeira criança é correta, mas a sua justificação não corresponde às informações referidas no texto da mesma.</p> <p>A segunda criança completou a resposta do colega, justificando adequadamente.</p>	

	<p><i>dia anda sem parar?</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Relógio</i></p>	<p><i>“E porque tem um ponteiro grande e um pequeno.”</i></p>	
	<p><u>Adivinha 15</u> <i>O que é, o que é Que nasce grande e morre pequeno?</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Lápis</i></p>	<p><i>“Livro, porque dá para ler.”</i> <i>“Lápis, porque ele pinta e, quando se afia, fica mais pequeno.”</i></p>	<p>A primeira resposta e respetiva justificação estão erradas. Após nova análise ao texto da adivinha, a criança percebeu que não poderia ser essa a resposta, porque <i>“o livro depois não fica pequeno”</i>. Outra criança respondeu acertadamente e justificou de forma adequada.</p>
	<p><u>Adivinha 16</u> <i>Qual é a coisa, qual é ela, Que quanto mais rota está, Menos buracos tem?</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Rede</i></p>	<p><i>“Calças de ganga, porque têm buracos.”</i> <i>“Estação de comboio.”</i> <i>“Túnel, porque tem só um buraco.”</i> <i>“Roupa.”</i> <i>“Estrada.”</i></p>	<p>Esta adivinha não foi facilmente desvendada pelas crianças, uma vez que o seu grau de dificuldade é elevado. As respostas dadas, apesar de erradas, respeitavam o tipo de inferência pressuposto. As crianças tiveram bastantes dificuldades em justificar as suas respostas. Como não estavam a conseguir solucionar a adivinha, uma das auxiliares da sala foi buscar um chapéu com rede à área da casinha e colocou-o na cabeça, chamando a atenção das crianças. Então, uma das crianças solucionou o enigma, dizendo <i>“É a rede, porque tem muitos buracos.”</i> Apesar de responder acertadamente, a criança não conseguiu justificar a sua escolha de forma adequada. Esta adivinha exigiu uma explicação por parte da educadora estagiária, para que as crianças a compreendessem.</p>
	<p><u>Adivinha 17</u> <i>Qual é a coisa, qual é ela Que quanto mais se olha, Menos se vê?</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Sol</i></p>	<p><i>“Fantasma, porque é transparente.”</i> <i>“É o camaleão, porque muda de cor.”</i> <i>“Sol, porque quando se olha não se pode olhar mais. Magoa os olhos”</i></p>	<p>Esta adivinha gerou uma discussão interessante. Apesar das duas primeiras respostas não estarem certas, as justificações que as crianças deram eram bastante plausíveis. Uma vez que o fantasma é transparente, como disse a primeira criança, podemos olhar muito que não o vemos. No entanto, não corresponde por inteiro ao texto da adivinha (quanto mais se olha, menos se vê). A segunda criança referiu que seria o <i>“camaleão”</i>, já que este <i>“muda de cor”</i>, camuflando-se. Assim, podemos olhar muito e não o ver. No entanto, uma vez mais, não corresponde completamente ao texto da adivinha (quanto mais se olha, menos se vê). A terceira criança respondeu de forma adequada e, apesar da sua justificação ser um pouco confusa, era compreensível.</p>
	<p><u>Adivinha 18</u> <i>O que é, o que é,</i></p>	<p><i>“É o livro, porque tem folhas e não é</i></p>	<p>A criança adivinhou sobretudo devido à característica dada pelo texto da adivinha: tem folhas, mas não é uma árvore.</p>

	<p><i>Que tem capa, mas não é um super-herói E tem folhas, mas não é árvore?</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Livro</i></p>	<p><i>uma árvore.”</i></p>	<p>No entanto, todos concordaram com a pista dada anteriormente: tem capa, mas não é um super-herói.</p>
	<p><u>Adivinha 19</u> <i>Qual é a coisa, qual é ela, Que é branca, Mas quando cai ao chão Fica amarela?</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Ovo</i></p>	<p><i>“Ovo, porque, quando está inteiro, é branco e, quando parte, é amarelo.”</i></p>	<p>A criança respondeu e justificou adequadamente.</p>
<p>Lugar (Onde?)</p>	<p><u>Adivinha 20</u> <i>Onde é, onde é Que vive a chuva?</i></p> <p><u>Resposta:</u> <i>Nuvens</i></p>	<p><i>“Nuvens, porque é onde vive a chuva.”</i></p>	<p>A criança respondeu e justificou acertadamente. No entanto, este texto assemelha-se mais a uma pergunta direta.</p>

**Quadro 16 – Respostas dadas pelas crianças a adivinhas trazidas de casa e respetivas justificações (5ª sessão)**

Das vinte adivinhas trazidas pelas crianças de casa, cinco requeriam inferências de agente (*Quem?*), uma exigia uma inferência de lugar (*Onde?*) e todas as outras pediam inferências de objeto (*O quê?*). Uma vez mais, isto deve-se ao facto de as adivinhas mais comuns se inserirem nesta última categoria.

Nenhuma destas adivinhas exigia inferências relativas a tempo (*Quando?*), que são as que puseram mais dificuldades às crianças que participaram na nossa intervenção didática.

As crianças não demonstraram dificuldades em identificar a expressão interrogativa da adivinha (*O quê? Quando? Quem?*), mesmo quando esta não estava explícita no corpo do texto.

Posto isto, pensamos que os acertos e falhas nas respostas dadas às adivinhas estiveram mais relacionados com o seu grau de dificuldade, do que com o tipo de inferência a desenvolver.

#### 4.2. Conceito de adivinha e características do género

Na segunda sessão, dialogamos com as crianças para explorar o conceito de adivinha e as características deste género textual.

No Quadro 17, apresentamos os enunciados produzidos pelas crianças durante o diálogo:

Perguntas	Respostas das crianças
O que é uma adivinha?	<i>“É adivinhar o que as pessoas dizem”</i> <i>“É como o jogo da manta, de adivinhar quem está escondido”</i>
Como se constrói?	<i>“Dizer que a galinha põe ovos”</i>
Como se resolve?	<i>“Pensar nas pistas”</i>

**Quadro 17 – Enunciados produzidos pelas crianças sobre o conceito de adivinha e as características do género (2ª sessão)**

Este diálogo com as crianças não foi bem conseguido. Por este motivo, decidimos repeti-lo numa sessão posterior, depois de refletirmos acerca do que tinha corrido menos bem.

No entanto, as crianças demonstraram ter noções acerca do conceito da adivinha, dado que deram algumas respostas curiosas, como podemos verificar no Quadro 17. Nas adivinhas pretende-se que seja adivinhado o que as pessoas dizem, tal como nos indicou uma criança. A segunda comparou o jogo de adivinhar com o jogo da manta, bastante popular no grupo<sup>2</sup>.

Quanto à construção de adivinhas, uma criança respondeu *que “É dizer que a galinha põe ovos.”* referindo-se à popular adivinha cuja resposta é *ovo*. Com isto, ela revelou implicitamente um dado importante para a construção de adivinhas: dar pistas sobre a solução. O texto da adivinha é um conjunto de pistas, que tendem a facilitar ou dificultar a resolução do enigma.

<sup>2</sup> Neste jogo, uma das crianças afasta-se do grupo e outra esconde-se debaixo de uma manta. Quando a criança que se afastou regressa, deve adivinhar quem falta, observando os restantes elementos à vista. Quando não consegue adivinhar, um pouco do corpo do colega escondido, como os pés por exemplo, é desvendado, a fim de facilitar a descoberta. Apesar deste jogo não estar diretamente relacionado com as adivinhas, entende-se o elo de ligação criado pela criança. Neste jogo, a criança deve analisar as pistas que tem na procura da que está em falta, tal como nas adivinhas deve analisar as pistas do texto na busca da solução.

“Pensar nas pistas” é o melhor conselho, quando se trata de resolver adivinhas. Devemos pensar nas pistas dadas pelo texto da adivinha, tal como nos respondeu uma das crianças, e inferir a resposta correta.

Na terceira sessão, retomamos o diálogo com as crianças, para tentar determinar com elas como se constrói uma adivinha.

No Quadro 18, apresentamos os resultados da análise dos enunciados produzidos pelas crianças durante o diálogo:

Perguntas	Respostas das crianças
O que é uma adivinha?	<p>“É uma coisa que as pessoas não sabem, mas têm de saber.”</p> <p>“É uma coisa que vocês dizem e nós temos de adivinhar.”</p> <p>“É alguma coisa que não se sabe.”</p> <p>“É uma pergunta.”</p> <p>“Alguma coisa que temos de descobrir.”</p>
Como se constrói?	<p>“Temos que pensar bem nas primeiras palavras e nas pistas.”</p>
Como se resolve?	<p>“Pensamos.”</p> <p>“Pelas pistas.”</p> <p>“A adivinha dá-nos confiança para responder.”</p>

**Quadro 18 – Enunciados produzidos pelas crianças sobre o processo de construção de adivinhas (3ª sessão)**

Este diálogo foi bastante mais produtivo que o anterior: as crianças demonstraram maior interesse e participaram ativamente. A pergunta “O que é uma adivinha?” foi a que contou com a participação de mais crianças.

A leitura do quadro acima revela que tinham compreendido o conceito de adivinha. Responderam que a adivinha “é uma pergunta” sobre “uma coisa que as pessoas não sabem”, mas “que temos de descobrir”. Realmente, é uma maneira simples, mas correta, de explicar o conceito de adivinha. Apesar de nem todas as adivinhas terem a forma de pergunta (nem todas são uma interrogação, como, por exemplo, a adivinha “Branco é e a galinha o põe.”), todas apresentam um enigma a desvendar, cuja resposta é preciso descobrir.

A forma de construir uma adivinha também foi resumida de forma descomplicada e acertada pelas crianças, já que uma afirmou que “Temos que pensar bem nas primeiras palavras e nas pistas”, ou seja, temos que considerar a expressão interrogativa a usar (“primeiras palavras”) e as características a revelar (“pistas”).

Para resolvermos a adivinha, tal como afirmam as crianças, “pensamos” e “pelas pistas” conseguimos desvendar o mistério. Uma das crianças afirmou ainda que “a

*adivinha dá-nos confiança para responder*”, uma vez que se trata de um jogo de palavras e não das questões de compreensão das histórias que ouvem contar e a que estão mais habituadas. Assim, a brincar se aprende e não há medo de errar ao tentar desvendar a solução da adivinha, porque até o erro é uma nova pista, dado que descartamos uma hipótese de resposta.

No final do diálogo, antes de passarmos para a atividade de construção de adivinhas, uma criança perguntou se poderia apresentar ao grupo uma adivinha que acabara de inventar. O seu pedido foi aceite e a criança colocou aos colegas o seguinte desafio: *“O que é, o que é que está no espaço e parece uma boca?”*. As restantes crianças aceitaram o desafio e encontraram facilmente a solução: *“A lua”*.

### **4.3. Produção de adivinhas**

Ainda na terceira sessão, propusemos às crianças uma atividade de construção de adivinhas. Relembramos que começamos por as organizar em grupos. Cada um escolheu a expressão interrogativa a incluir na sua adivinha, que definia o tipo de inferência por ela contemplado. Dos três grupos constituídos, nenhum escolheu a expressão *“Quando?”*, relativa a inferências de tempo, o tipo que gerou mais dificuldades nas atividades de compreensão.

O primeiro grupo escolheu a expressão interrogativa *“O quê?”* e a resposta *“avião”*. Em seguida, fez uma lista de características que poderia incluir no texto da sua adivinha, designadamente: voa, tem asas, janelas fechadas, piloto, pessoas a passear e aeroporto. Finalmente, as crianças selecionaram algumas pistas e criaram os textos das duas adivinhas que produziram.

O segundo grupo procedeu de forma semelhante ao primeiro, já que começou por escolher a expressão interrogativa *“Onde?”* e a resposta *“espaço”* e depois procedeu à recolha de uma lista de características, nomeadamente: foguetão, nave, planetas e astronautas. Por último, selecionaram as pistas a incluir e inventaram os textos das duas adivinhas que produziram.

O terceiro grupo procedeu de forma um pouco diferente, uma vez que cada criança inventou uma adivinha diferente. Acabaram por não trabalhar em grupo, juntando apenas o trabalho final. Daqui resultaram seis adivinhas.

No Quadro 19, apresentamos os resultados da análise das adivinhas produzidas pelos grupos de trabalho constituídos:

Grupos	Tipos de inferência	Adivinhas	Respostas
1	Objeto	<i>O que é, o que é Conduzido por um piloto, Tem asas, voa E leva as pessoas a passearem?</i>	Avião
		<i>Qual é a coisa, qual é ela, Que tem janelas, mas não se podem abrir Senão pode cair?</i>	
2	Lugar	<i>Onde é, onde é Que os astronautas Podem ir de foguetão?</i>	Espaço
		<i>Onde é, onde é Que o homem não consegue ir, Nem de barco, nem de carro, Nem de avião, nem a pé?</i>	
3	Agente	<i>Quem é, quem é, que toma conta dos animais e não deixa os lobos atacarem as ovelhas?</i>	Pastor
		<i>Quem cuida dos jardins, corta a relva e rega as flores?</i>	Jardineiro
		<i>Quem faz as casas para podermos morar?</i>	Construtor
		<i>Quem é que cozinha a comida nos restaurantes?</i>	Cozinheiro
		<i>Quem usa uma bata branca, está num consultório e arranja os nossos dentes?</i>	Dentista
		<i>Quem é que está na escola e ensina coisas importantes aos meninos?</i>	Professor

**Quadro 19 – Tipos de inferência contemplados pelas adivinhas produzidas pelas crianças (3ª sessão)**

Nesta atividade, as crianças demonstraram facilidade em adequar o texto da adivinha ao tipo de inferência que tinham escolhido e em determinar as características a incluir nele. Os maiores problemas prenderam-se com a seleção das pistas, para a adivinha não se tornar uma lista de características e não incluir a resposta no respetivo texto.

De facto, a leitura do quadro acima apresentado permite-nos verificar que algumas adivinhas não passavam de perguntas incluindo uma lista de características. Podemos referir, como exemplo, o texto *“Quem usa uma bata branca, está num consultório e arranja os nossos dentes?”* ou o texto *“O que é, o que é conduzido por um piloto, tem asas, voa e leva as pessoas a passearem?”*.

Outro problema verificado prende-se com o facto de algumas das adivinhas corresponderem a perguntas: por exemplo, *“Quem faz as casas para podermos morar?”* e *“Quem é que cozinha a comida nos restaurantes?”*. Neste caso, não temos verdadeiras adivinhas, porque os enunciados em questão, apesar de interrogativos, são demasiado diretos, logo não fazem pensar. Significa isto que o enunciado da adivinha contém demasiada informação explícita, pelo que não é necessário fazer uma inferência para encontrar a resposta.

As melhores adivinhas apresentavam enunciados que envolviam algum mistério e exigiam raciocínio para encontrar a resposta, como é o caso de *“Qual é a coisa, qual é ela, que tem janelas, mas não se podem abrir, senão pode cair?”* e *“Onde é, onde é, que o homem não consegue ir, nem de barco, nem de carro, nem de avião, nem a pé?”*.

Durante a construção de adivinhas, pudemos apercebermo-nos do facto de que as crianças tinham apreendido os conceitos explorados nas atividades anteriores.

## Capítulo 5 – Conclusões e sugestões

### 5.1. Conclusões

#### 5.1.1. Relativas à compreensão de adivinhas

Ao nível da compreensão de adivinhas, as crianças não revelaram grandes dificuldades, conseguindo quase sempre chegar à resposta correta e justificá-la de forma adequada.

Inicialmente, não distinguiam muito bem os tipos de inferência, a partir da exploração do enunciado das adivinhas. Após alguma prática, decorrente da participação em atividades de exploração de adivinhas, esta dificuldade dissipou-se, dado que o grupo começou a identificar facilmente a expressão interrogativa associada ao tipo de inferência em questão.

De uma maneira geral, nas duas primeiras atividades, apesar terem tido dificuldade em realizar alguns tipos de inferência, as crianças conseguiram responder corretamente, depois de terem sido levadas a pensar melhor no texto da adivinha e nas pistas que ele oferecia. Isto demonstra que eram capazes de realizar estes tipos de inferência, se fossem motivadas para o fazer e lhes fossem proporcionadas atividades que o propiciassem.

Para além disso, ao longo da implementação das várias sessões, notamos melhorias no seu desempenho ao nível da capacidade inferencial, uma vez que, a partir da exploração do texto da adivinha, conseguiam pensar para além do que estava explícito e encontrar a solução. Mesmo nos textos mais difíceis de compreender, após uma análise mais profunda feita em grande grupo, foram capazes de resolver o enigma apresentado. Enquanto, nas primeiras sessões, algumas respostas eram as que “vinham à cabeça”, nas últimas já foram visíveis mecanismos de pensamento e raciocínio para chegar à resposta correta e a justificar de forma adequada. Até as crianças mais novas revelaram certa facilidade e um notório desenvolvimento no raciocínio e na capacidade inferencial.

A principal conclusão a reter é que as crianças desta faixa etária são capazes de fazer inferências, bem para além das expectativas dos adultos. Neste caso, foram capazes de resolver os enigmas propostos, por nós, por elas e pelas suas famílias. Ao mesmo

tempo que brincavam com as palavras, foram ativando mecanismos de pensamento e raciocínio, que permitiram desenvolver a sua capacidade para fazer inferências.

É principalmente ao nível da compreensão de adivinhas que podemos verificar que a capacidade inferencial pode ser desenvolvida nas crianças desde a Educação Pré-Escolar, facilitando a sua vida futura, num contexto escolar e extraescolar. Efetivamente, neste estudo teve maior relevo a compreensão de adivinhas, enquanto promotora do desenvolvimento da capacidade inferencial das crianças.

Outro fator que nos interessou neste tópico foi que as crianças identificassem as expressões interrogativas – *Quem?*, *O quê?*, *Quando?* e *Onde?* – explícitas ou implícitas em cada enunciado das adivinhas. Elas demonstraram facilidade em identificar a expressão interrogativa, mesmo quando não davam a resposta correta.

Também é de referir que estavam muito motivadas para a realização de atividades deste tipo. A partir da análise da motivação e implicação das crianças, pudemos concluir que a adivinha, pelo seu carácter lúdico, as cativa e prende a sua atenção. Mostravam-se ansiosas por participar nas atividades, chegando várias vezes a perguntar “*Quando é que vamos jogar às adivinhas?*”. Esta simples questão revela que as viam como um jogo em que queriam participar. Assim, enquanto brincavam e jogavam às adivinhas, estavam a aprender e a consolidar conhecimentos, ao mesmo tempo que desenvolviam competências, atitudes e valores.

Ao contrário do que, às vezes, se observava noutras atividades de compreensão, em que algumas crianças não queriam participar ou responder, todas as crianças participaram de forma empenhada nas várias sessões, mostrando sempre vontade de responder e de continuar a jogar às adivinhas. Mesmo as que inicialmente davam uma resposta errada, insistiam na descoberta da solução, sem inibições ou constrangimentos por terem respondido de forma errada. Assim, a partir destas atividades também foram desenvolvidos alguns valores como, por exemplo, a confiança.

Paralelamente, foi desenvolvida a comunicação oral (e também a capacidade de argumentação) nos momentos de diálogo, nomeadamente para dar resposta a adivinhas apresentadas, justificá-las e discutir a pertinência de respostas e justificações.

### 5.1.2. Relativas ao conceito de adivinha e às características do género

As crianças tiveram facilidade em descodificar o conceito de adivinha, em saber como criar adivinhas e em explicar como se fazia para as resolver.

Contudo, foram capazes de indicar as características deste género textual. Uma afirmou que *“a adivinha dá-nos confiança para responder”*. Assim, a brincar se aprende e não há medo de errar ao tentar desvendar a solução da adivinha, porque até o erro é uma nova pista, dado que descartamos uma hipótese de resposta.

O mais importante neste aspeto foi que as crianças identificassem a adivinha como um género textual, que também é um jogo, que implica uma pergunta-desafio e cujo enunciado nos dá pistas para descobirmos a solução. As crianças compreenderam estes conceitos através da análise de adivinhas que conduziu à desconstrução deste género textual.

### 5.1.3. Relativas à produção de adivinhas

As crianças tiveram bastantes dificuldades na produção de adivinhas.

No entanto, com a nossa ajuda, foram capazes de identificar as várias etapas para a construção de adivinhas, selecionar a expressão interrogativa que remetia para um dado tipo de inferência e criar adivinhas com uma certa lógica, de acordo com o tipo de inferência pressuposto e a resposta esperada.

Contudo, é de referir que alguns grupos – ao pretenderem criar adivinhas – apenas produziram perguntas, que não exigiam a realização de inferências. Recordamos, uma vez mais, que estas crianças eram muito novas, tendo a grande maioria menos de 5 anos.

É ainda de referir que – independentemente das dificuldades que o grupo manifestava – várias vezes, ao longo das sessões e fora das mesmas, houve crianças que foram inventando adivinhas, que apresentavam aos colegas, demonstrando sempre bastante entusiasmo na realização desta atividade. Alguns desses textos estavam bem conseguidos e faziam os colegas e até os adultos pensarem muito até conseguirem inferir a resposta.

## 5.2. Sugestões

### 5.2.1. Relativas à compreensão de adivinhas

As atividades de compreensão de adivinhas foram as que mais motivaram as crianças, uma vez que o seu desenvolvimento cognitivo lhes permite realizar atividades de compreensão com relativa facilidade, o mesmo não acontecendo com as de produção.

No entanto, como este género textual usado no nosso estudo tem uma importante vertente lúdica, as crianças implicaram-se muito nas atividades que lhes propusemos, inclusive nas que pressupunham a produção de adivinhas, o que nos permitiu ajudá-las a ultrapassar algumas das suas dificuldades a partir da análise conjunta dos seus erros. Assim sendo, a nossa sugestão é a da exploração de adivinhas como um jogo de descoberta, como um desafio às crianças, tanto em atividades de compreensão, como de produção.

A seleção das adivinhas a explorar deve ser realizada tendo em conta os conhecimentos das crianças e a adequação dos temas e vocabulário à sua faixa etária. Para além disso, devem ser implementadas atividades diversificadas, uma vez que as adivinhas podem ser exploradas de diferentes formas.

Vamos passar a apresentar uma lista de sugestões de atividades de compreensão de adivinhas a implementar com crianças em idade pré-escolar.

Começamos por propor que se apresente adivinhas e espere que as crianças identifiquem as respostas corretas e as justifiquem adequadamente, o que pode ser feito: a partir de cartões previamente distribuídos (um a cada criança), contendo imagens alusivas às respetivas soluções, e as justifiquem adequadamente; escolhendo um dentre os vários cartões apresentados; recorrendo muito simplesmente ao seu conhecimento do mundo, sem qualquer ajuda.

No que diz respeito à compreensão de adivinhas, algo muito importante a ter em conta é a apresentação de justificações para todas as soluções propostas. O jogo acaba por ganhar mais interesse e ter mais efeito no desenvolvimento da capacidade inferencial das crianças, mesmo quando é dada uma resposta que não se adequa. Nesse caso, o enunciado da adivinha tem que ser desconstruído, de modo a que as crianças

compreendam por que razão a resposta em análise não é adequada. É também necessário levá-las a procurar no texto da adivinha novas pistas que possam ter passado despercebidas, para uma nova tentativa de solucionar o enigma. A nossa sugestão neste sentido é a de dar liberdade de resposta e justificação às crianças, deixando-as debater as possíveis soluções, para assim chegarem à resposta adequada.

### 5.2.2. Relativas ao conceito de adivinha e às características do género

Para trabalhar estes aspetos, sugerimos que se proceda à desconstrução de adivinhas de tipos diferentes, em grande grupo, dando ênfase às várias características que estas apresentam.

Como foi comprovado pelo nosso estudo, a partir da análise de adivinhas, as crianças ficam a compreender que se trata de um género textual lúdico, que envolve jogos de palavras. Para além disso, percebem que o texto da adivinha nos dá pistas para descobrirmos a solução.

Neste projeto, foi dada ênfase às questões *O quê?*, *Quem?*, *Onde?* e *Quando?*, uma vez que se pretendia que as crianças fossem capazes de as identificar, mesmo quando estas não estavam explícitas no corpo da adivinha. Isto prendeu-se com o facto de o projeto aliar as adivinhas ao desenvolvimento da capacidade inferencial. Estas pequenas questões estão diretamente relacionadas com os tipos de inferência a desenvolver e o facto de as crianças as inferirem, mesmo quando estas estavam implícitas, foi uma prova do desenvolvimento da sua capacidade inferencial.

Quando se faz uma pesquisa sobre adivinhas, as que existem, na sua maioria, respondem à pergunta *O quê?* No entanto, também há doutros tipos e, em alternativa, podemos inventar adivinhas novas adequadas ao que pretendemos trabalhar com as crianças.

Assim sendo, as adivinhas admitem possibilidades infinitas de exploração, não só no que diz respeito ao desenvolvimento da comunicação na língua materna, como também ao de competências mais associadas a outras áreas curriculares e não curriculares, dado que as podemos adaptar ao que pretendemos explorar. Para além de possibilitar novos conhecimentos às crianças, as adivinhas desenvolvem a sua capacidade inferencial,

raciocínio e argumentação. Mais ainda, através da sua exploração, podemos propiciar o desenvolvimento de atitudes e valores, por exemplo ao nível da confiança e do respeito por opiniões diferentes.

### **5.2.3. Relativas à produção de adivinhas**

Quanto à produção de adivinhas, as crianças demonstraram bastante entusiasmo, uma vez que algumas delas o fizeram, mesmo quando isso ainda não tinha sido solicitado. Várias crianças pediram se poderiam inventar adivinhas e depois apresentá-las às outras, algo que lhes foi concedido e a que as mesmas corresponderam.

No entanto, constatou-se que, de um modo geral, este grupo tinha alguma dificuldade em distinguir uma adivinha – que implica a construção de uma inferência – de uma simples pergunta – cuja resposta não requer um raciocínio tão elaborado.

Sugerimos que se aproveite esta vontade que as crianças manifestam e se responda afirmativamente aos seus pedidos de criação e invenção, não limitando a sua criatividade. No entanto, depois de terem apresentado as suas adivinhas, é crucial analisá-las com elas, para que verifiquem se realmente se trata de adivinhas ou de simples perguntas.

Outra sugestão que foi a adotada neste projeto é organizar as crianças em grupos, para que as elas se possam entreajudar na criação de adivinhas. As crianças que participaram neste estudo tinham idades muito diferentes: algumas tinham acabado de ingressar na Educação Pré-Escolar e outras, no ano a seguir, iriam frequentar o 1º Ciclo do Ensino Básico. Posto isto, decidimos formar grupos constituídos por crianças de diversas idades, para as mais velhas ajudarem as mais novas.

Para além disso, as crianças necessitam do apoio de um adulto, nomeadamente para escrever as suas ideias, já que ainda não o sabem fazer. Para colmatar esta dificuldade de escrita, podem ser entregues imagens às crianças e pedir-lhes que criem adivinhas a partir delas. Outra sugestão seria as crianças “escreverem” o texto da adivinha com recurso ao desenho, algo com uma dificuldade mais elevada.

### 5.3. Reflexão final

Depois de findo este percurso académico, as expetativas relativamente ao futuro mantêm-se elevadas. Ser educadora foi sempre um sonho nosso, uma vez que pensamos que um dos maiores males do mundo está na “falta de educação” e pouca promoção e manutenção de valores fundamentais à vida em comunidade. Assim sendo, esta etapa da nossa formação foi como um sonho tornado realidade, na medida em que possibilitou um contacto próximo com as crianças e a dinamização de atividades, tendo em vista o desenvolvimento de competências significativas para as mesmas. Toda esta experiência reforçou a certeza de estarmos no caminho certo, de ser este o rumo a seguir.

Este momento da nossa formação deu-nos bases não só ao nível dos conhecimentos, mas essencialmente ao nível didático, fazendo-nos sentir prontas para enfrentar qualquer desafio e dar o nosso melhor às crianças que iremos acompanhar. Aprendemos que o mais importante não é deter todo o conhecimento, já que o mesmo vai evoluindo e sofrendo alterações, mas sim saber construir o conhecimento, ter ferramentas para ir à sua procura e adaptá-lo às situações em que teremos de intervir. O trabalho de um profissional da Educação deve ser constantemente posto em causa pelo mesmo, porque só a partir da reflexão acerca do que foi realizado – os pontos fortes e fracos – é possível continuar a evoluir e manter uma prática consciente e de acordo com as necessidades do grupo de crianças que estiver a acompanhar.

Uma alteração muito importante que notamos em nós e que melhora o nosso desempenho enquanto profissionais é a capacidade de ler melhor nas entrelinhas, de conhecer mais profundamente as crianças e de criar atividades adaptadas ao grupo. Conseguir manter uma relação de confiança e proximidade com as crianças e criar elos de ligação com as mesmas é muito importante para o seu desenvolvimento.

Não se trata de transmitir conhecimentos às crianças, mas sim de as levar a apropriarem-se deles através da experimentação e ação.

Outro aspeto a ter em conta é o lado lúdico das atividades, que cativa e motiva as crianças, permitindo-lhes que aprendam, a partir de uma brincadeira. Todos nós nos sentimos mais motivados e implicados, quando estamos envolvidos em atividades divertidas que sirvam para aprendermos do que numa situação formal, que pode ser

entediante. Com crianças a frequentar a Educação Pré-Escolar e o 1º Ciclo do Ensino Básico, ainda é mais relevante utilizar estratégias diversificadas e de natureza lúdica.

Esta vivência de formação também nos revelou como é difícil fazer um bom trabalho, isto é, ser uma profissional ativa e consciente, aprendendo a conhecer as crianças e a desenvolver atividades em grupo que visem o desenvolvimento individual de cada uma. Ser professor é um trabalho a tempo inteiro. Não existe forma de desligar da profissão e ter uma vida particular, porque as duas vertentes andam de mãos dadas. Apesar de todo o sacrifício e esforço, sem dúvida que acompanhar e propiciar o desenvolvimento das crianças e notar a sua evolução compensa todo o percurso.

Relativamente ao tema do projeto, a partir da sua implementação, pude verificar que mesmo as crianças mais pequenas (3 anos) são capazes de realizar inferências, desde que existam atividades que o promovam. As dificuldades relativas à capacidade inferencial notadas nos vários ciclos de ensino podem ser colmatadas a partir de estratégias que visem a sua promoção desde cedo. Se as crianças mais novas são capazes de realizar inferências e foi notório o seu desenvolvimento ao longo do projeto – que foi implementado numa pequena fase das suas vidas, ainda antes da sua fase escolar – todas serão capazes de evoluir, desde que sejam estimuladas nesse sentido. Isto facilitará a sua vida, não só ao nível escolar, como ao nível pessoal e social, como ficou comprovado neste relatório.

Assim sendo, resta-nos apelar para que os futuros profissionais da Educação, como nós, e os que já estão no ativo não baixem os braços e não se deixem acomodar. Temos o nosso futuro nas nossas mãos e desempenhamos um papel relevante na vida das crianças e na sociedade. Por conseguinte, temos que procurar estar sempre a evoluir, mantendo uma prática consciente e atualizada, que vise o desenvolvimento de competências, a aquisição de conhecimentos e a adoção de atitudes e valores adequados à vida em sociedade nos nossos públicos.

#### 5.4. Sugestões para outros estudos

Tal como já foi referido anteriormente, as adivinhas abrem-nos caminho para a exploração e desenvolvimento de variados temas com as crianças. Através do jogo de adivinhar, as crianças desenvolvem competências, adquirem conhecimentos e são levadas a adotar atitudes e valores mais adequados à vida em sociedade. Cabe ao adulto – nomeadamente ao profissional da Educação – proporcionar-lhes atividades desta natureza, que lhes permitam aprender, brincando.

As adivinhas podem ser utilizadas para desenvolver conhecimentos importantes para o desenvolvimento da comunicação oral e escrita em língua materna: por exemplo, rimas e alguns recursos estilísticos que permitem jogar com palavras e ideias (personificação, aliteração, metáfora, etc.). Para além disso, o desenvolvimento da capacidade inferencial através da exploração de adivinhas pode ser articulado com a abordagem de temas de qualquer área curricular: por exemplo, em Conhecimento do Mundo, podemos contemplar temas como as profissões e a alimentação, abordados neste projeto. Também se pode canalizar a exploração de adivinhas para o desenvolvimento de competências como a argumentação e o raciocínio, entre outras. Uma mesma adivinha pode e deve proporcionar o desenvolvimento das crianças em diversas áreas em simultâneo, como ficou comprovado neste projeto.

Desta forma, mais uma vez se prova que é possível aprender a partir da brincadeira, o que se considera ideal nesta faixa etária.

Para o desenvolvimento da capacidade inferencial em crianças com uma idade superior, ou mais desenvolvidas ao nível desta capacidade, sugerimos a implementação de atividades que visem a realização de outros tipos de inferência, não abordados neste projeto, dada a idade dos participantes. Com crianças que já saibam ler, a capacidade de realizar inferências pode ser desenvolvida através da descodificação da informação implícita noutros géneros textuais, essencial para a compreensão dos mesmos.

### 5.5. Limitações do estudo

No final deste projeto, fazendo um balanço geral, pensamos que os objetivos da investigação foram atingidos e que encontramos resposta para a nossa questão de investigação.

No entanto, sentimos algumas limitações ao longo da sua realização, que passamos a enumerar.

A primeira prende-se com o tempo. Existe uma infinidade de possibilidades de exploração de adivinhas que não pudemos experimentar, devido à escassez de tempo. Para além de aspetos que não foram explorados e incluídos neste projeto, os que foram poderiam ser melhor desenvolvidos, se tivéssemos podido dispor de mais tempo.

Também sentimos que o nosso trabalho foi limitado pela heterogeneidade dos participantes em termos de idade. Apesar de estas crianças estarem todas a frequentar a Educação Pré-Escolar, as suas idades variavam entre os 3 e os 5 anos, sendo que muitas das de 3 tinham acabado de celebrar o seu aniversário. Assim, algumas das crianças mais novas tiveram dificuldades, à medida que o grau de exigência das adivinhas aumentava. Isto prende-se com o facto de a capacidade inferencial se desenvolver ao longo do tempo, para além de poder ser propiciada por atividades que a promovam. As crianças são todas diferentes, com hábitos diferentes, o que gera discrepância de conhecimentos e competências.

No entanto, esta característica não nos limitou tanto quanto esperávamos no início do projeto, já que mesmo as crianças mais novas corresponderam ao que lhes foi solicitado e desenvolveram a sua capacidade inferencial, através da exploração de adivinhas.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- André, M. (1984). *Estudo de caso: seu potencial na educação*. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1427/1425>
- Araújo, L. (2011). *Quem os desmafa gafizar bom desmafa gafizador será: textos da tradição oral na alfabetização*. Universidade Federal da Bahia: Salvador. Disponível em: <https://www.portaltrilhas.org.br/download/biblioteca/liane-araujo-textos-da-tradicao-oral-na-alfabetizacao-20150211152304.pdf>
- Coutinho, C. & Chaves, J. (2002). *O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal*. Universidade do Minho. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/492/1/ClaraCoutinho.pdf>
- Dionísio, A. P. (1998). *Imagens na oralidade*. Tese de doutoramento. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Ferreira, D. (2014). *O género textual adivinha na sala de aula das séries iniciais: concepções teóricas e práticas pedagógicas*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: [http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade\\_1datahora\\_04\\_11\\_2014\\_00\\_49\\_16\\_idinscrito\\_3601\\_92a501636592aef009761c0262b16da3.pdf](http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_1datahora_04_11_2014_00_49_16_idinscrito_3601_92a501636592aef009761c0262b16da3.pdf)
- Ferreira, M. N. V. (2010). *Supervisão e abordagem da inferência em leitura no ensino secundário*. Dissertação de mestrado. Universidade de Aveiro, Aveiro. Disponível em: <http://ria.ua.pt/handle/10773/1418>
- Ferreira, S. & Dias, M. (2004). A leitura, a produção de sentidos e o processo inferencial. *Psicologia em Estudo*, 9(3), 439-448. Disponível em: <http://www.Scielo.Br/pdf/pe/v9n3/v9n3a11>
- Giasson, J. (1993). *A compreensão na leitura*. Porto: Edições ASA.
- Machado, M. (2006). *O papel do processo inferencial na compreensão da leitura: um estudo com alunas do curso de letras*. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/download/2788/2780>
- Machado, M. (2010). *Compreensão de leitura: o papel do processo inferencial*. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás.

- Meirinhos, M. & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. Revista *Eduser*. Instituto Politécnico de Bragança: Escola Superior de Educação. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3961/1/O%20estudo%20de%20caso%20como%20estrat%C3%A9gia%20de%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20em%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>
- Menezes, P. (1999). Formação de palavras na organização textual das adivinhas. *Ao Pé da Letra*, 1, 147-154. Disponível em: <http://revistaopedaleta.net/>
- Muniz, K. & Silva, W. (2001). Adivinhas e ensino da língua portuguesa: uma descoberta. *Ao Pé da Letra*, 3(1), 75-84. Disponível em: <http://revistaopedaleta.net/>
- Nogueira, C. (2005). Para uma teoria da adivinha tradicional portuguesa. *Revista de literaturas populares*, 4(2), 328-339. Disponível em: <http://www.rlp.culturaspopulares.org/textos/8/06-Nogueira.pdf>
- Pedro, J. F. J. (2017). *O desenvolvimento da compreensão inferencial em alunos do 3.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Relatório de estágio. Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Silva, D. (2013). *A aquisição da leitura e da escrita na Educação Pré-Escolar: estratégias de intervenção pedagógica*. Dissertação de mestrado. Universidade dos Açores, Ponta Delgada. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/2885>
- Silva, S. (1999). As adivinhações e o ensino de língua materna. *Ao Pé da Letra*, 1, 165-169. Disponível em: <http://revistaopedaleta.net/>
- Silva, W. (1999). Tópicos discursivos e formas de construção das adivinhas. *Ao Pé da Letra*, 1, 185-191. Disponível em: <http://revistaopedaleta.net/>
- Silveira, M. (2017). Adivinhação: brincar de dizer (e de saber?). *Boitotá*, 23, 195-206. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.inf.br/site/arquivos/revistas/1/3.%20M%20aria%20Claur%20nia.pdf>
- Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da leitura: A compreensão de textos*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção Geral de Desenvolvimento Curricular e Inovação. Disponível em: [http://area.dge.mec.pt/gramatica/ensino\\_leitura\\_compreensao\\_textos.pdf](http://area.dge.mec.pt/gramatica/ensino_leitura_compreensao_textos.pdf)

Sousa, A. (2013). *A linguagem oral na Educação Pré-Escolar – uma ferramenta para crescer, comunicando*. Dissertação de mestrado. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre, Portalegre. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/3633>

Sousa, F. (2012). A adivinha em síntese. *Projecto Memóriamedia*, 1-9. Porto: Memória Imaterial/IELT. Disponível em: [http://130.185.87.25/~c20061/bd\\_docs/Filomena Sousa Adivinha.pdf](http://130.185.87.25/~c20061/bd_docs/Filomena_Sousa_Adivinha.pdf)



## **ANEXOS**

**ANEXO 1 – Planificações das sessões da intervenção didática**

**Primeira sessão**

3.ª FEIRA – 03 de abril de 2018				
ÁREAS	METAS DE APRENDIZAGEM	ESTRATÉGIAS/ATIVIDADES DESCRIÇÃO DA SESSÃO	TEMPO	RECURSOS
<p>Conhecimento do Mundo</p> <p>Formação Pessoal e Social</p>	<p>No final da educação pré-escolar, a criança:</p> <p>Domínio: Conhecimento do Ambiente Natural e Social Meta Final 13) Estabelece semelhanças e diferenças entre materiais e entre materiais e objetos, segundo algumas propriedades simples. Meta Final 26) Identifica algumas profissões e serviços no seu meio familiar e local, ou noutros que conheça.</p> <p>Domínio: Identidade / Autoestima Meta Final 4) Demonstra confiança em experimentar atividades novas, propor ideias e falar num grupo que lhe é familiar.</p> <p>Domínio: Independência / Autonomia Meta Final 7) Encarrega-se das tarefas que se comprometeu realizar e executa-as de forma autónoma. Meta Final 9) Demonstra empenho nas atividades que realiza, concluindo o que foi decidido fazer e procurando fazê-lo com cuidado. Meta Final 13) Manifesta as suas opiniões, preferências e apreciações críticas, indicando alguns critérios ou razões que as</p>	<p><i>Jogo Vamos adivinhar</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Entregar às crianças cartões com imagens que ilustram as respostas das adivinhas que lhes vão ser propostas para decifração (um cartão por criança).</li> <li>- A educadora vai apresentando as adivinhas oralmente.</li> <li>- Cada criança vai observar o seu cartão e se lhe parecer que contém a resposta à adivinha em questão, mostra-o e justifica.</li> <li>- As restantes crianças deverão avaliar a resposta dada e propor novas soluções, justificando.</li> <li>- Sancionamento final pela educadora estagiária.</li> </ul>	<p>10h</p> <p>-</p> <p>11h</p>	<p>Adivinhas;</p> <p>Cartões com as ilustrações das respostas.</p>

<p>Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	<p>justificam.  Domínio: Cooperação  Meta Final 17) Dá oportunidade aos outros de intervirem nas conversas e jogos e espera a sua vez para intervir.  Meta Final 19) Contribui para o funcionamento e aprendizagem do grupo, fazendo propostas, colaborando na procura de soluções, partilhando ideias, perspetivas e saberes e reconhecendo o contributo dos outros.  Meta Final 21) Colabora em atividades de pequeno e grande grupo, cooperando no desenrolar da atividade e/ou na elaboração do produto final.</p> <p>Domínio: Conhecimento das Convenções Gráficas  Meta Final 16) Sabe que a escrita e os desenhos transmitem informação.  Meta Final 19) Atribui significado à escrita em contexto.</p> <p>Domínio: Compreensão de Discursos Oraís e Interação Verbal  Meta Final 26) Faz perguntas e responde, demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente.  Meta Final 27) Questiona para obter informação sobre algo que lhe interessa.  Meta Final 31) Descreve pessoas, objetos e ações.  Meta Final 32) Partilha informação oralmente através de frases coerentes.  Meta Final 34) Alarga o capital lexical, explorando o som e o significado de novas palavras.</p>			
---	---	--	--	--



<p>Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	<p>alguns critérios ou razões que as justificam.  Domínio: Cooperação  Meta Final 17) Dá oportunidade aos outros de intervirem nas conversas e jogos e espera a sua vez para intervir.  Meta Final 19) Contribui para o funcionamento e aprendizagem do grupo, fazendo propostas, colaborando na procura de soluções, partilhando ideias, perspetivas e saberes e reconhecendo o contributo dos outros.  Meta Final 21) Colabora em atividades de pequeno e grande grupo, cooperando no desenrolar da atividade e/ou na elaboração do produto final.</p> <p>Domínio: Conhecimento das Convenções Gráficas  Meta Final 16) Sabe que a escrita e os desenhos transmitem informação.  Meta Final 19) Atribui significado à escrita em contexto.  Domínio: Compreensão de Discursos Oraís e Interação Verbal  Meta Final 26) Faz perguntas e responde, demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente.  Meta Final 27) Questiona para obter informação sobre algo que lhe interessa.</p> <p>Meta Final 31) Descreve pessoas, objetos e ações.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Como se constrói?</i></li> <li>• <i>Como se resolve?</i></li> </ul> <p>- Entregar a cada criança um cartão para recolher em casa uma adivinha (de um lado do cartão os pais devem registar a adivinha e do outro as crianças devem ilustrar a resposta).</p>		<p>Cartões.</p>
---	--	--	--	-----------------

	<p>Meta Final 32) Partilha informação oralmente através de frases coerentes.</p> <p>Meta Final 34) Alarga o capital lexical, explorando o som e o significado de novas palavras.</p> <p>Meta Final 35) Usa nos diálogos palavras que aprendeu recentemente.</p>			
--	---	--	--	--

### Terceira sessão

4.ª FEIRA – 2 de maio de 2018

ÁREAS	METAS DE APRENDIZAGEM	ESTRATÉGIAS/ATIVIDADES DESCRIÇÃO DA SESSÃO	TEMPO	RECURSOS
<p>Conhecimento do Mundo</p> <p>Formação Pessoal e Social</p>	<p>No final da educação pré-escolar, a criança:</p> <p>Domínio: Conhecimento do Ambiente Natural e Social Meta Final 13) Estabelece semelhanças e diferenças entre materiais e entre materiais e objetos, segundo algumas propriedades simples. Meta Final 16) Identifica a origem de um dado material de uso corrente (animal, vegetal ou mineral).</p> <p>Domínio: Identidade/Autoestima Meta Final 4) Demonstra confiança em experimentar atividades novas, propor ideias e falar num grupo que lhe é familiar.</p> <p>Domínio: Independência/Autonomia Meta Final 7) Encarrega-se das tarefas que se comprometeu realizar e executa-as de forma autónoma. Meta Final 9) Demonstra empenho nas atividades que realiza (por iniciativa própria ou propostas pelo educador), concluindo o que foi decidido fazer e procurando fazê-lo com cuidado.</p> <p>Domínio: Cooperação Meta Final 17) Dá oportunidade aos outros de intervirem nas conversas e jogos e espera a sua vez para intervir. Meta Final 19) Contribui para o funcionamento e aprendizagem do grupo, fazendo propostas, colaborando na procura de soluções, partilhando ideias, perspetivas e saberes e reconhecendo o contributo dos outros.</p>	<p>Jogo <i>Vamos Adivinhar</i></p> <p>- Exploração de adivinhas, que impliquem a realização de inferências de vários tipos.</p> <p>- Apresentar uma adivinha e deixar que as crianças respondam e justifiquem as suas respostas.</p> <p>- Analisar cada adivinha, quanto à sua forma de construção, às estratégias para a sua decifração e ao tipo de inferência explorado.</p> <p>Diálogo sobre as adivinhas</p> <p>- Orientado pelas seguintes questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>O que é uma adivinha?</i></li> <li>• <i>Como se constrói?</i></li> <li>• <i>Como se resolve?</i></li> </ul> <p>Construção de adivinhas</p>	<p>10h</p> <p>–</p> <p>11h</p>	<p>Adivinhas</p> <p>Cartões</p>

<p>Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	<p>Meta Final 21) Colabora em atividades de pequeno e grande grupo, cooperando no desenrolar da atividade e/ou na elaboração do produto final.  Domínio: Convivência Democrática/Cidadania  Meta Final 23) Contribui para a elaboração das regras devida em grupo, reconhece a sua razão e necessidade e procura cumpri-las.</p> <p>Domínio: Conhecimento das Convenções Gráficas  Meta Final 16) Sabe que a escrita e os desenhos transmitem informação.  Meta Final 19) Atribui significado à escrita em contexto.  Domínio: Compreensão de Discursos Oraís e Interação Verbal  Meta Final 26) Faz perguntas e responde, demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente.  Meta Final 27) Questiona para obter informação sobre algo que lhe interessa.  Meta Final 31) Descreve pessoas, objetos e ações.  Meta Final 32) Partilha informação oralmente através de frases coerentes.  Meta Final 34) Alarga o capital lexical, explorando o som e o significado de novas palavras.  Meta Final 35) Usa nos diálogos palavras que aprendeu recentemente.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dividir as crianças em pequenos grupos.</li> <li>- Cada grupo deve construir uma adivinha, que deve ser escrita num cartão por um dos adultos da sala.</li> <li>- Do outro lado do cartão, as crianças deverão desenhar uma ilustração relativa à resposta para a adivinha criada.</li> </ul>		<p>Materiais de escrita e desenho</p>
---	--	--	--	---------------------------------------

Quarta sessão

5.ª FEIRA – 3 de maio de 2018

ÁREAS	METAS DE APRENDIZAGEM	ESTRATÉGIAS/ATIVIDADES DESCRIÇÃO DA SESSÃO	TEMPO	RECURSOS
Expressões	<p>No final da educação pré-escolar, a criança:</p> <p>Domínio: Expressão Plástica - Desenvolvimento da Criatividade <u>Subdomínio: Reflexão e Interpretação</u></p> <p>Meta Final 8) Emite juízos sobre os seus trabalhos e sobre as formas visuais (obras de arte, natureza, objetos), indicando alguns critérios da sua avaliação.</p>	<p>Apresentação das adivinhas criadas</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cada grupo deve apresentar a sua adivinha.</li> <li>- Os restantes grupos deverão tentar decifrar a adivinha e justificar a sua resposta.</li> <li>- O grupo que criou a adivinha deve mostrar a ilustração com a resposta e justificar.</li> <li>- Questionar para cada adivinha o tipo de inferência a ser desenvolvido.</li> </ul>	<p>10h - 11h</p>	<p>Adivinhas construídas pelas crianças em grupo</p>
Formação Pessoal e Social	<p>Domínio: Identidade/Autoestima</p> <p>Meta Final 2) Reconhece laços de pertença a diferentes grupos (família, escola, comunidade entre outros) que constituem elementos da sua identidade cultural e social.</p> <p>Meta Final 4) Demonstra confiança em experimentar atividades novas, propor ideias e falar num grupo que lhe é familiar.</p> <p>Domínio: Independência/Autonomia</p> <p>Meta Final 7) Encarrega-se das tarefas que se comprometeu realizar e executa-as de forma autónoma.</p> <p>Meta Final 9) Demonstra empenho nas atividades que realiza (por iniciativa própria ou propostas pelo educador), concluindo o que foi decidido fazer e procurando fazê-lo com cuidado.</p> <p>Domínio: Cooperação</p> <p>Meta Final 17) Dá oportunidade aos outros de intervirem nas conversas e jogos e espera a sua vez para intervir.</p> <p>Meta Final 19) Contribui para o funcionamento e aprendizagem do</p>			

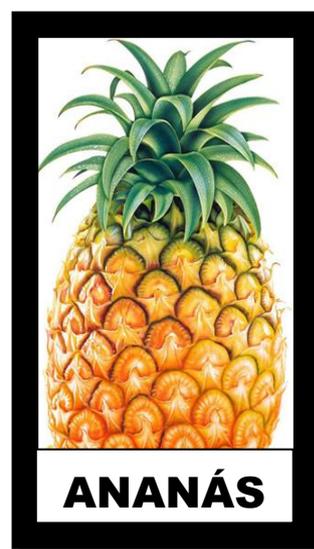
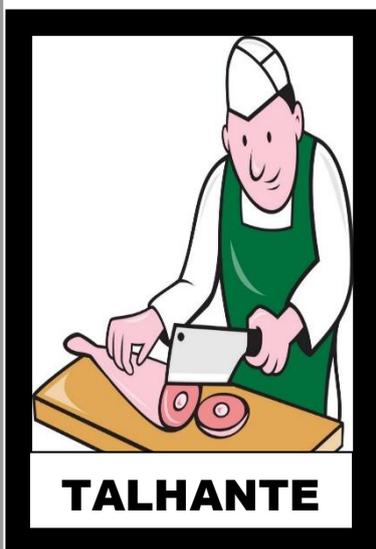
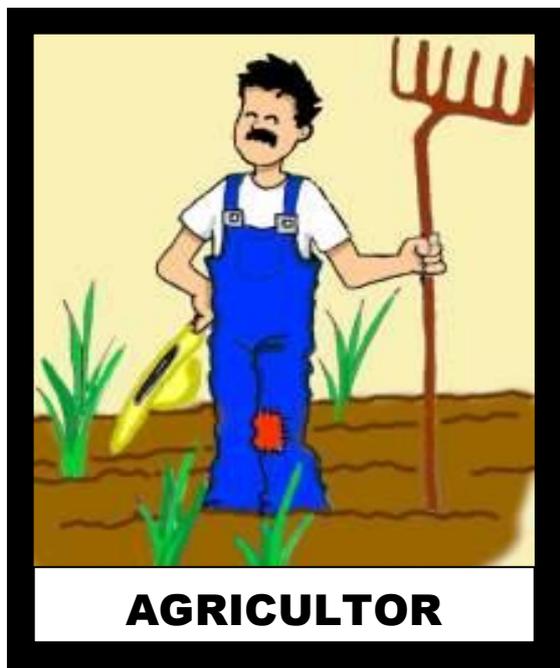
<p>Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	<p>grupo, fazendo propostas, colaborando na procura de soluções, partilhando ideias, perspectivas e saberes e reconhecendo o contributo dos outros.</p> <p>Meta Final 21) Colabora em atividades de pequeno e grande grupo, cooperando no desenrolar da atividade e/ou na elaboração do produto final.</p> <p>Meta Final 22) Avalia, apreciando criticamente, os seus comportamentos, ações e trabalhos e os dos colegas, dando e pedindo sugestões para melhorar.</p> <p>Domínio: Compreensão de Discursos Orais e Interação Verbal</p> <p>Meta Final 26) Faz perguntas e responde, demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente.</p> <p>Meta Final 32) Partilha informação oralmente através de frases coerentes.</p>			
---	--	--	--	--

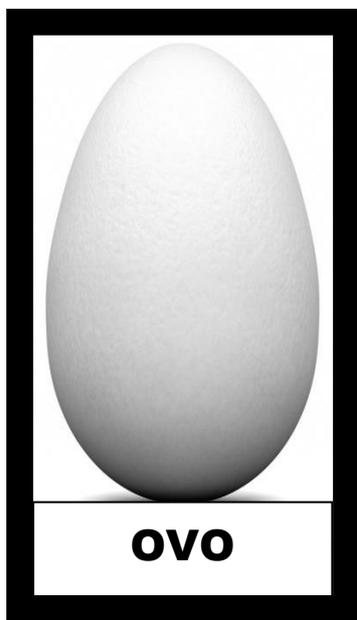
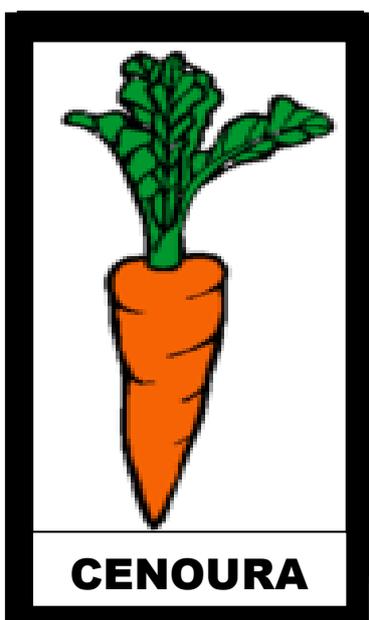
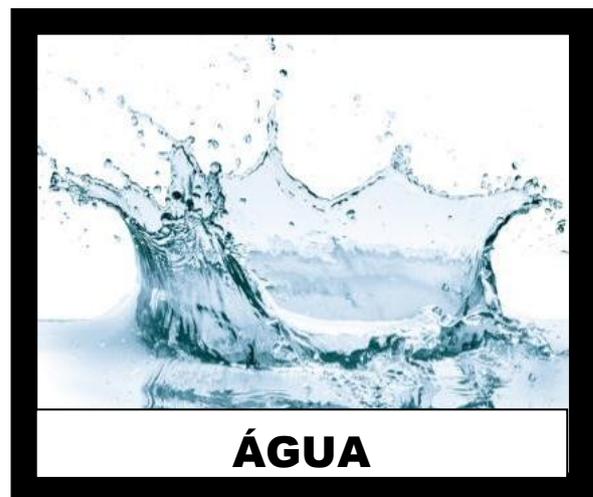


<p>Linguagem Oral e Escrita</p> <p>Abordagem à</p>	<p>Meta Final 21) Colabora em atividades de pequeno e grande grupo, cooperando no desenrolar da atividade e/ou na elaboração do produto final.</p> <p>Meta Final 22) Avalia, apreciando criticamente, os seus comportamentos, ações e trabalhos e os dos colegas, dando e pedindo sugestões para melhorar.</p> <p>Domínio: Compreensão de Discursos Orais e Interação Verbal</p> <p>Meta Final 26) Faz perguntas e responde, demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente.</p> <p>Meta Final 32) Partilha informação oralmente através de frases coerentes.</p>	<p>adivinhas do grupo</p> <p>- Criar dois livros de adivinhas: um com as adivinhas construídas em grupo e outro com as adivinhas trazidas de casa.</p>	<p>criadas pelas crianças em grupos</p> <p>Materiais de desenho e pintura</p> <p>Furador</p> <p>Fios</p>
--	--	--	--

**ANEXO 2 – Materiais utilizados nas sessões**

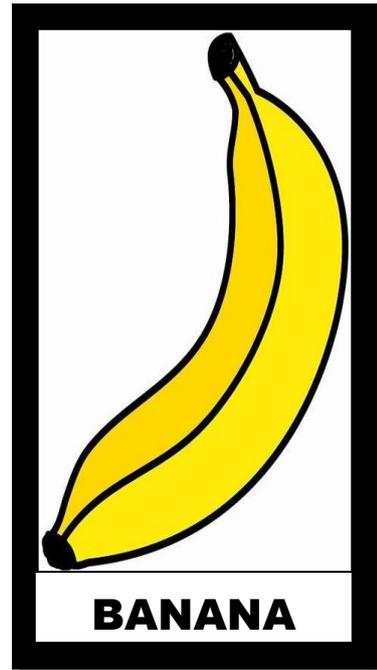
1ª e 2ª sessões – Imagens utilizadas







**PRAIA**



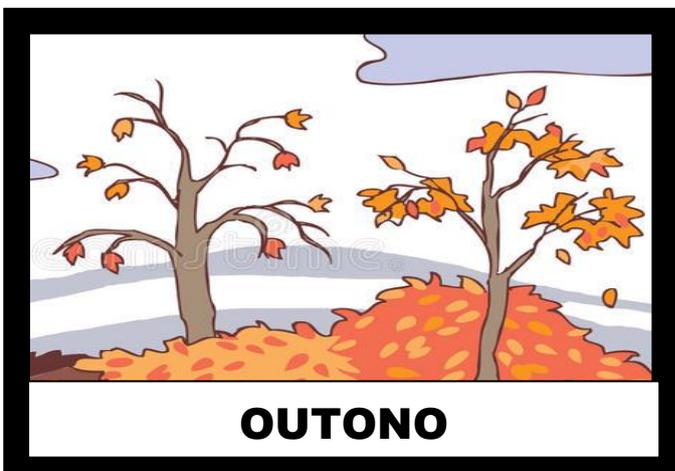
**BANANA**



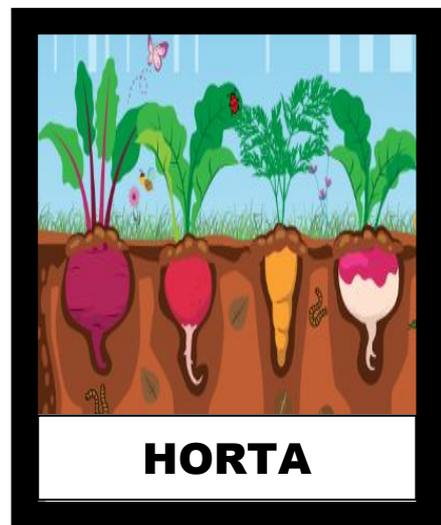
**MAR**



**PEIXARIA**



**OUTONO**



**HORTA**



**PRIMAVERA**



**PASTELARIA**



**MANHÃ**

1ª e 2ª sessões – Adivinhas exploradas

Adivinha	Resposta
<i>Adora a Natureza, Mas a terra tem que cavar. Para plantar os alimentos, Que mais tarde vamos saborear.</i>	Agricultor
<i>Quem é, quem é? Faz uns petiscos saborosos, Quer a todos agradar, Se formos ao restaurante, Lá o poderemos encontrar.</i>	Cozinheiro
<i>Faz a massa e amassa bem, Traz o pãozinho, que bom cheiro tem!</i>	Padeiro
<i>Vende o peixe fresquinho, Acabado de sair do mar. Podes ir até à loja, Ou no mercado o encontrar.</i>	Peixeiro
<i>Ele tem uma loja E as carnes sabe cortar Vende-as lá no talho, Só tens que pagar.</i>	Talhante
<i>Qual é a coisa, qual é ela Que tem escamas, mas não é peixe E tem coroa, mas não é rei?</i>	Ananás
<i>Faço os olhos bonitinhos E os coelhos são doidos por mim. Cresço de pé E sirvo para pratos sem fim.</i>	Cenoura
<i>Bebe-se para matar a sede E também serve para banho tomar. Cai das nuvens quando chove, Mas onde há muita é no mar.</i>	Água
<i>Branco é Galinha o põe.</i>	Ovo
<i>Pela manhã ou ao deitar O teu estômago vou aconchegar Ajudei os teus ossos a crescer Adivinha o que posso ser.</i>	Leite
<i>O que é, o que é? Tem cor branca como a neve e é muito docinho. Se o juntarem a líquidos fica logo dissolvido.</i>	Açúcar
<i>Vestida de amarelo</i>	Banana

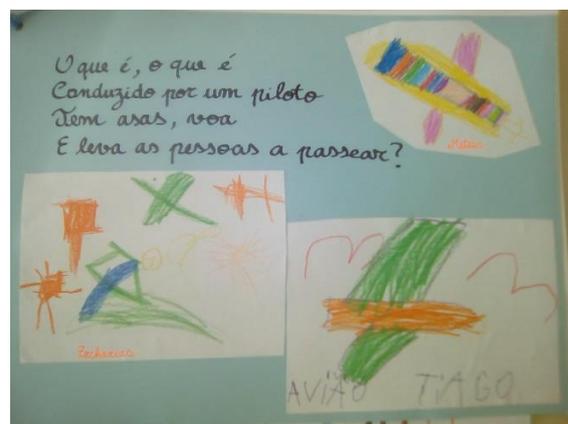
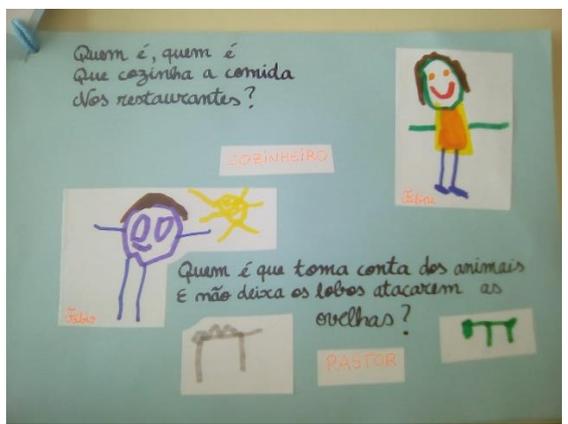
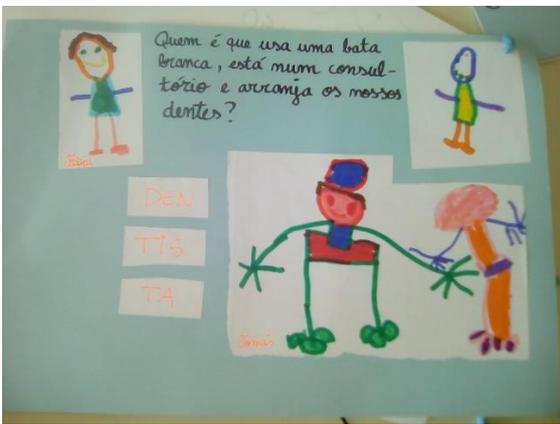
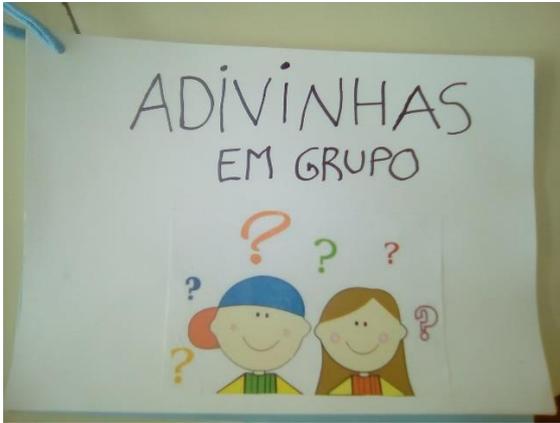
<i>No cacho me criei Sou tão saborosa Que até ao macaco agradei.</i>	
<i>Sou vermelho e sumarento Salpicado de pintinhas Fico bem com açúcar E comem-me numas tacinhas.</i>	Morango
<i>Onde vais passear E um gelado saborear? Mas claro, sem exagerar!</i>	Praia
<i>Onde é, onde é Que os peixes nadam Os barcos navegam E os pescadores pescam?</i>	Mar
<i>Onde será que metes Os biscoitos a assar? É tão quente como um vulcão, Acho que não adivinhas, não!</i>	Forno
<i>O peixe sai fresquinho Partido ou inteiro Podes levar quanto quiseres Desde que tenhas dinheiro. Onde é este lugar, Consegues adivinhar?</i>	Peixaria
<i>Aqui fazem-se bolos, queques e pastéis. É um bom sítio para lanchar. Onde é, que me dizeis?</i>	Pastelaria
<i>É um bom sítio para ir, Se bem queremos comer. Tiramos os legumes da terra E uma salada podemos fazer.</i>	Horta
<i>As árvores estão a abanar, Há ouriços a quebrar E castanhas para assar. Quando é que isto se está a passar, Consegues adivinhar?</i>	Outono
<i>Os galos estão a cantar, Tu da cama vais levantar E o pequeno almoço tomar. Qual é a altura do dia, Consegues adivinhar?</i>	Manhã
<i>Quando é, quando é, Que chega o calor, As abelhas recolhem o pólen da flor E fazem o mel com muito amor?</i>	Primavera

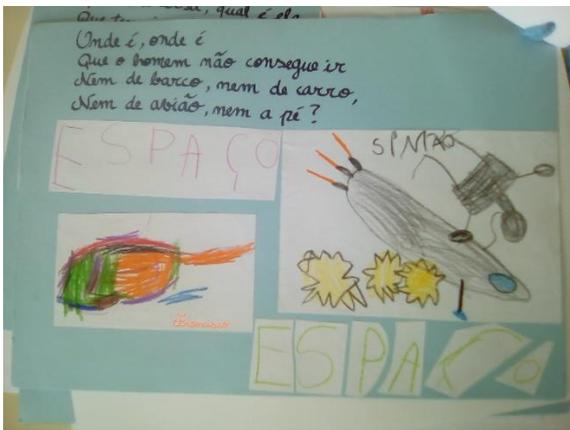
3ª sessão – Adivinhas exploradas

Tipos de inferências	Adivinhas e respostas	Respostas das crianças	Observações
Lugar (Onde?)	<p><i>Onde é, onde é Que podemos cavar E uma semente plantar?</i></p> <p><u>Resposta:</u> Terra</p>	<p>Criança 1 – “Na horta, por causa das plantas.”</p> <p>Criança 2 – “Na terra, porque as sementes plantam-se na terra e elas depois crescem lá do chão.”</p>	<p>Apesar de a criança 1 ter referido que a resposta seria horta, a criança 2 interveio rapidamente, dizendo que seria na terra. As restantes aceitaram a justificação e concordaram com a resposta.</p> <p>Ambas as crianças identificaram o tipo de inferência pressuposto, uma vez que, tanto “na horta” como “na terra” respondem à pergunta “Onde?”.</p>
Agente (Quem?)	<p><i>Quem é, quem é Que cura os doentes Como os médicos, Mas só trata de animais?</i></p> <p><u>Resposta:</u> Veterinário</p>	<p>Criança 3 – “O pastor trata dos animais.”</p> <p>Criança 4 – “É o veterinário que trata dos animais.”</p>	<p>Inicialmente a criança 3 referiu que seria o pastor, porque trata dos animais, mas a criança 4 afirmou tratar-se do veterinário. Depois de alguma discussão em grande grupo, todas as crianças concordaram que seria o veterinário, o médico dos animais.</p> <p>Ambas as crianças identificaram o tipo de inferência pressuposto, uma vez que, tanto “o pastor” como “o veterinário” respondem à pergunta “Quem?”.</p>
Tempo (Quando?)	<p><i>O sol já foi dormir E a lua ocupou o seu lugar Quando é que isto se está a passar, Consegues adivinhar?</i></p> <p><u>Resposta:</u> Noite</p>	<p>Criança 5 – “Na praia, porque o sol aparece lá.”</p> <p>Criança 3 – “A lua só aparece de noite quando todos vão dormir.”</p> <p>Criança 4 – “A lua só aparece à noite.”</p> <p>Criança 5 – “De noite, porque o sol já foi dormir.”</p>	<p>Inicialmente, a criança 5 referiu que a resposta seria na praia (lugar), porque o sol aparece lá. Não teve em conta o tipo de inferência pressuposto (tempo). No entanto, após a repetição da adivinha e a intervenção dos colegas, a criança corrigiu a sua resposta, justificando corretamente, com base no texto da adivinha.</p>

Objeto (O quê?)	<p><i>Qual é a coisa, qual é ela</i>  <i>Que mesmo atravessando o rio</i>  <i>Consegue não se molhar?</i></p> <p><u>Resposta:</u>  <i>Ponte</i></p>	<p>Criança 6 – “<i>Um vulcão</i>”  Criança 2 – “<i>Um barco</i>”  Criança 7 – “<i>É uma nave</i>”  Criança 4 – “<i>Uma ponte, porque é para atravessar o rio.</i>”</p>	<p>Apesar de várias crianças (6, 2 e 7) terem tentado decifrar esta adivinha, não conseguiram justificar as suas respostas. A criança 4 respondeu e justificou corretamente.</p> <p>Todas as crianças envolvidas neste diálogo identificaram o tipo de inferência pressuposto, uma vez que todas as hipóteses respondem à pergunta “O quê?”.</p>
-----------------	---	--	--

4ª sessão – Adivinhas criadas pelas crianças e suas ilustrações (no formato de livro)





5ª sessão – Adivinhas recolhidas em casa pelas crianças e suas ilustrações (no formato de livro)



Adivinha, Adivinha  
Qual é coisa que é ela semio é  
E a galinha o PÔE?



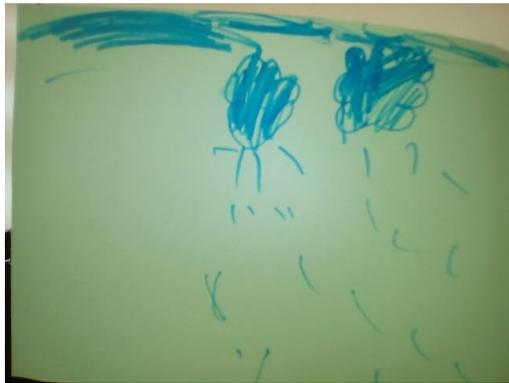
Qual é coisa  
que é ela  
que tem coisa  
e mãe é rainha



Qual é a coisa, qual é  
ela, que tem asas sem  
penas e que voa, mas  
que não é nenhum pássaro?  
...



P. Onde é, onde é, que vive a chuva?  
R. Nas Nuvens



QUAL É COISA,  
QUAL É ELA,  
TEM DENTES E NÃO  
COME, DÁ DE COMER  
A QUEM TEM FOME.



Quem tem medo do lobo mau?



QUAL É A COISA, QUAL É  
ELA, QUE QUANTO MAIS  
QUENTE ESTÁ, MAIS  
FRESCO SE TORNA?

MARIA

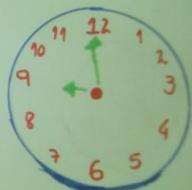


ADIVINHA:  
O QUE É QUE TEM:  
CAUDA DE LEOA E NÃO É LEOA;  
OLHOS DE LEOA E NÃO É LEOA;  
PATAS DE LEOA E NÃO É LEOA;  
BOCA DE LEOA E NÃO É LEOA;  
PELO DE LEOA E NÃO É LEOA;  
...

Qual é a coisa que é ela  
que surge e não é um d'naçante?



Qual é a coisa, qual é ela, que  
tem uma peça mais comprida  
que a outra e anda de noite  
e de dia sem parar?



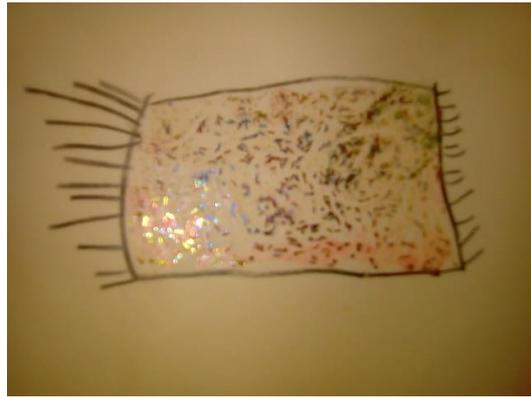
Qual é a coisa, qual é ela, que  
tem uma peça mais comprida  
que a outra e anda de noite  
e de dia sem parar?



Que bicho eu sou?  
Eu sou verde e cinzento  
Que bicho sou eu?  
Tenho a cauda grande e muitos dentes  
Tenho pequenos braços...  
Sou forte e grande...  
Que bicho eu sou!



Qual a coisa qual é ela,  
que quanto mais seca  
mais molhada fica?



Saio todas as manhãs.  
À tarde escondo-me.  
Dou sempre luz e calor,  
e sou... redondo, redondo.



QUAL É COISA, QUAL  
É ELA, QUE QUANDO  
CAI NO CHÃO FICA  
AMARELA ?



em COROA mas Não é Ar  
Terra MAS Não É  
PINTA  
LAGO



Qual é a coisa  
qual é ela  
que tem dentes e não come  
mas que serve para comer?



O que é, que é  
que nasce grande  
e morre pequeno?



Que é que é  
que quanto mais rola e dá  
menos buracos tem?



Qual é a coisa qual é  
que quanto mais se dá  
menos se vê?



Tem folhas sem ser ávore!  
É capa sem fio tu;  
E sem falar da lição  
A quem o sabe entender

